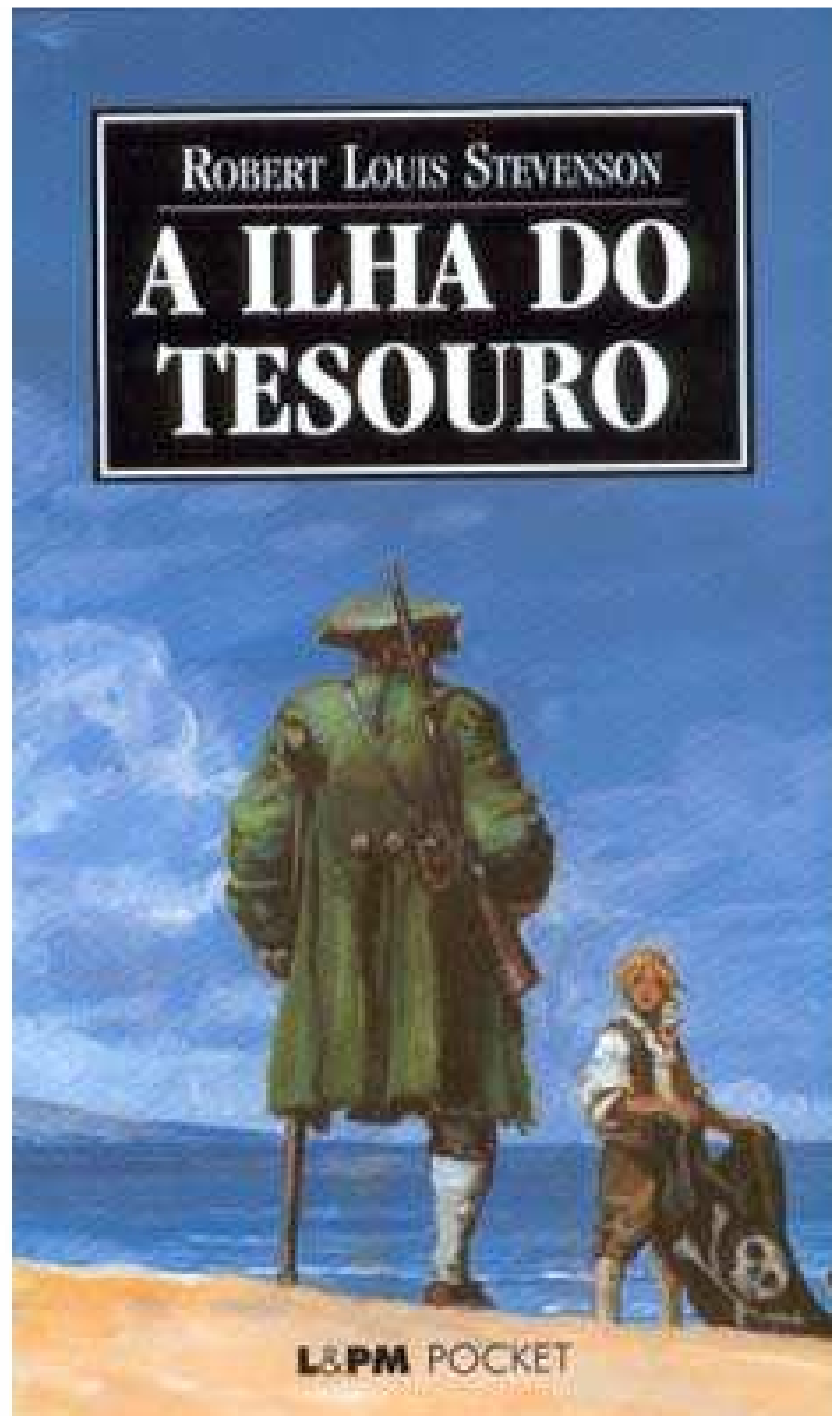




<http://groups.google.com/group/digitalsource>

**A Ilha do Tesouro**  
**Robert Louis Stevenson**

Primeira parte

O velho pirata

## CAPÍTULO I

### O velho Lobo-do-Mar na *Almirante Benbow*

Como me foi pedido pelo Morgado Trelawnev, pelo doutor Livesey e pelos restantes cavalheiros para passar a escrito todos os detalhes relativos à ilha do Tesouro, do princípio até ao fim, sem nada omitir a não ser a situação da ilha, mas isso apenas porque parte do tesouro ainda está por desenterrar, pego na pena no ano da graça de 17..., e volto ao tempo em que o meu pai tinha a hospedaria “*Almirante Benbow*”: e ao dia em que sob o nosso teto se alojou o velho marinheiro de face queimada e marcada por um golpe de sabre.

Dele me lembro como se fosse ontem, a arrastar os passos até à porta da hospedaria, e da arca de porão que atrás dele seguia num carrinho de mão; alto, forte e pesado, era um homem acastanhado; o rabicho oleoso caía-lhe nos ombros do casaco azul mais que sujo; as mãos calejadas e cobertas de cicatrizes, as unhas pretas e rachadas; e a marca do golpe de sabre através do rosto era de um branco sujo e lívido.

Lembro-me de o ver observar a enseada enquanto assobiava para si próprio e, a seguir, sair-se com aquela velha cantiga do mar que tantas vezes cantou depois:

“Quinze homens na arca do morto,  
Aiou-ou-ou e uma garrafa de rum!”

numa voz aguda, velha e esganiçada, que parecia ter sido afinada e gasta nas barras dos cabrestantes. De seguida bateu à porta com uma amostra de bengala que lhe servia de bordão e, quando o meu pai apareceu, encomendou de má catadura um copo de rum. Quando este lhe foi servido, bebeu devagar, como entendedor, demorando-se a apreciar-lhe o sabor e continuando ainda a olhar em volta, para os rochedos e para a nossa tabuleta.

– Tem bom ar a enseada – declarou por fim – e a taberna está bem situada. Muita gente por cá, camarada?

O meu pai disse que não, que havia muito pouca, o que era uma lástima.

– Bem – retorquiu –, então é o ancoradouro que me convém. Olha cá, ó moço – gritou para o homem que trazia o carrinho de mão –, atraca aí e traz a arca para cima. Vou cá ficar por uns tempos – continuou. – Sou um homem simples; basta-me rum e toucinho com ovos, e aquele alto além para ir ver os navios passar. E como me hão-de tratar? Pois tratem-me por capitão. Ah, já percebi o que pretende... tome lá – e atirou três ou quatro moedas de ouro para a soleira da porta.

– Avise-me quando tiver gasto isso – terminou, tão soberbo como um almirante.

E na verdade, por más que fossem tanto as roupas como a linguagem, não tinha nada o aspecto dum homem que trabalhasse no convés, mas mais lembrava um imediato ou um comandante, habituado a ser obedecido ou a castigar. O homem que trazia o carrinho de mão contou-nos que a mala-posta o deixara, na véspera de manhã, no Royal George; que tinha querido saber que estalagens havia ao longo da costa e, ao dizerem-lhe bem da nossa, creio, e também que era isolada, a tinha escolhido entre as mais para sua residência. E foi tudo o que ficamos a saber sobre o nosso hóspede.

De costume, era um sujeito muito calado. Durante todo o dia se perdia pela enseada, ou nas arribas, com um telescópio de latão; e todos os serões se sentava num canto da sala junto ao fogão, a beber rum com água sem parar. Quase nunca falava quando alguém se lhe dirigia;

limitava-se a levantar a cabeça num gesto brusco e cheio de soberba, roncava pelo nariz como uma sirena de nevoeiro e tanto nós como os clientes nos habituamos em pouco tempo a deixá-lo em paz. Todos os dias, ao voltar do passeio, perguntava se quaisquer marítimos tinham passado na estrada. A princípio pensávamos que fazia essa pergunta por sentir a falta dos seus iguais; mas por fim começamos a ver que desejava evitá-los.

Sempre que algum marinheiro ficava na *Almirante Benbow* (o que por vezes sucedia com os que se dirigiam a Bristol pela estrada da costa) espiava-o pela cortina antes de entrar na sala; e sempre que lá estivesse qualquer desses homens era certo e sabido que ele se conservava calado como um rato. Para mim, pelo menos, não havia naquilo nenhum segredo; porque, de certa maneira, partilhei dos sobressaltos dele.

Uma vez, chamara-me de parte para me prometer quatro dinheiros de prata no primeiro dia de todos os meses se eu “estivesse sempre de vigia para avistar um marinheiro duma perna só”, e o avisasse logo que este aparecesse. Muitas vezes, quando no primeiro dia do mês ia ter com ele para receber o meu soldo, limitava-se a roncicar com o nariz e a fulminar-me com os olhos, mas antes que a semana chegasse ao fim certamente reconsiderava e lá vinha trazer-me a moeda de quatro dinheiros, repetindo as ordens de estar atento ao “marinheiro duma perna só”.

Nem preciso contar como tal personagem me assombrava em sonhos. Em noites de tormenta, quando o vento abalava os quatro cantos da casa e as vagas rugiam na enseada e contra as arribas, via-o com mil formas e mil expressões diabólicas. Umas vezes tinha a perna cortada pelo joelho, outras pelo quadril; depois era uma espécie de criatura monstruosa nascida só com a perna única, ao meio do corpo. Vê-lo saltar e correr e perseguir-me por cima de sebes e valas era o pior de todos os pesadelos. Em suma, era um preço bem caro para a minha moeda mensal de quatro dinheiros, que tinha de pagar na forma de tais visões abomináveis.

Mas, embora andasse tão aterrorizado pela ideia do marinheiro duma perna só, era eu quem do próprio capitão tinha menos medo do que qualquer outra pessoa que o conhecesse. Noites havia em que tomava um pedaço mais de rum com água do que a cabeça lhe podia suportar; então, ficava por vezes sentado a cantar aquelas velhas cantigas do mar maliciosas e depravadas, sem se importar com ninguém; mas por vezes encomendava rodadas de copos, obrigando todos os presentes assustados a ouvir-lhe as histórias ou a acompanhá-lo em coro. E tantas vezes senti a casa estremecer com o “Aiou-ou-ou e uma garrafa de rum”, os vizinhos todos a participar por amor à vida, subjugados pelo medo da morte, com cada um a cantar mais alto para evitar ser chamado à ordem. Pois quando lhe davam estes ataques, era o parceiro mais possessivo que já se viu; com palmadas na mesa ordenava o silêncio completo; lançava-se numa paixão de raiva se lhe faziam uma pergunta ou, outras vezes, se não lhe faziam nenhuma, concluindo que não estavam a dar ouvidos à sua história. Nem deixava ninguém sair da estalagem até ele próprio ter bebido a ponto de cair de sono e ir de roldão para a cama.

As narrativas eram o que mais assustava as pessoas. Eram histórias terríficas: de enforcamentos, do castigo da prancha no mar, tempestades, as Tortugas Secas, feitos selvagens e lugares no continente espanhol da América. Pelo que contava, devia ter vivido toda a vida entre os piores malfeitores que Deus jamais pusera sobre o mar; e a linguagem em que as contava chocava os nossos simples aldeões quase tanto como os crimes que descrevia. O meu pai estava sempre a dizer que a hospedaria acabava em ruína, porque as pessoas dentro em breve deixariam de lá entrar para serem tiranizadas e oprimidas, e ficarem arrepiadas à hora de deitar; mas em verdade creio que a presença dele nos fez bem.

Na altura as pessoas andavam atemorizadas, mas ao recordar até gostavam daquilo; era um rico motivo de excitação para a tranquila vida de província; e até corria entre os mais jovens a pretensão de o admirar, chamando-lhe um marujo dos antigos e nomes semelhantes, com a afirmação de que se tratava do gênero de homem que fizera temível o poderio inglês no mar.

De fato, por um lado, apostava em arruinar-nos, porque se deixava ficar semana após semana, e por fim mês após mês, ao ponto de muito depois de todo o dinheiro se ter esgotado ainda o meu pai não ganhar ânimo para insistir em receber mais. Se tocava no assunto por acaso,

o capitão fungava tão forte que mais parecia um rugido e, só com um olhar fixo, obrigava-o a sair. Vi-o a retorcer as mãos depois duma destas recusas, e estou certo de que a preocupação e o terror em que o meu pai vivia muito lhe devem ter precipitado a morte precoce e infeliz.

O capitão nunca mudou de vestuário durante todo o tempo que esteve conosco, com a exceção de ter comprado uns pares de meias a um vendedor ambulante. Desde o dia em que lhe caiu uma das abas do chapéu que a deixou ficar pendurada, embora fosse um aborrecimento quando havia vento. Recordo o aspecto do casaco, que ia remendando no quarto e que, para o fim, não era senão remendos. Nunca escreveu nem recebeu qualquer carta e nunca falava com ninguém a não ser com os vizinhos, e até com estes, a maior parte das vezes, só quando estava cheio de rum. Quanto à grande arca de porão, nenhum de nós a tinha visto aberta.

Uma única vez lhe fizeram frente, e foi já perto do fim do meu pobre pai, na fase avançada do definhamento que o levou desta vida. O doutor Livesey veio ao fim da tarde ver o doente, aceitou da minha mãe um parco jantar e foi até à sala fumar cachimbo até lhe trazerem o cavalo da aldeia, pois não tínhamos estábulo na velha Benbow. Segui-o e lembro-me de notar o contraste que o médico limpo e asseado, com a cabeleira empoada e branca como neve e os olhos brilhantes e negros, o porte agradável, fazia com os labregos desajeitados e, mais do que todos, com aquele espantalho sujo, maciço e remelento que era o nosso pirata, sentado e cheio de rum, de braços atravessados na mesa. Bruscamente, ele – quero dizer o capitão – pôs-se a bradar a eterna cantiga:

“Quinze homens na arca do morto,  
Aiou-ou-oa e uma garrafa de rum!

Aos outros levou-os a bebida e o diabo  
Aiou-ou-ou e uma garrafa de rum!”

Primeiro eu tinha pensado que a arca do morto era aquele grande caixote que ele tinha lá em cima no quarto da frente, e a ideia tinha-se-me misturado nos pesadelos em conjunto com a do marinheiro duma perna só. Mas naquela altura já todos tínhamos deixado de dar atenção especial à cantiga; nessa noite só era nova para o doutor Livesey, e notei que não produzia nele um efeito agradável, pois levantou por instantes a cabeça, visivelmente irritado, antes de continuar a conversa com o velho jardineiro Taylor sobre um novo remédio para o reumatismo. Enquanto isso, o capitão começou a ficar animado com a própria música, até que deu uma grande palmada na mesa de um modo que todos sabíamos o que queria dizer – silêncio.

As vozes calaram-se logo, todas menos a do doutor Livesey; continuou como antes a falar com voz clara e atenciosa, a chupar o cachimbo a cada palavra ou duas. O capitão fitou-o por momentos, deu outra palmada na mesa, fitou ainda com mais força, e por fim rosnou uma praga maldosa: – Silêncio, aí na coberta!

– O senhor estava a falar comigo? – disse o médico; e quando o tratante lhe disse, com outra praga, que sim, respondeu: – Só tenho a dizer-lhe, senhor, que se continua a beber rum, não tarda muito que o mundo se livre dum malandro nojentol!

A fúria do velhote foi medonha. Pôs-se em pé dum salto, sacou e abriu uma navalha de mola e, com ela aberta na palma da mão, ameaçou espetar o médico contra a parede. Este nem sequer fez um gesto. Como antes, continuou a falar-lhe por cima do ombro e no mesmo tom de voz, suficientemente alto para que todos pudessem ouvir, mas perfeitamente calmo e firme:

– Ou mete já essa faca no bolso ou dou-lhe a minha palavra de honra que será condenado à força na próxima sessão do tribunal.

Seguiu-se uma luta de olhares entre os dois; mas o capitão em breve se retraiu, guardou a arma e voltou a sentar-se, a resmungar como um cão derrotado.

– E agora, senhor – continuou o médico –, visto que já sei que está na minha zona um sujeito da sua espécie, pode ficar certo que o mandarei vigiar dia e noite. Não sou só médico, sou

um magistrado; e se apanho uma sombra de queixa contra si, nem que seja por mau comportamento cívico como o de hoje, tomarei as medidas necessárias para o apanhar e expulsar por isso. Acho que basta.

Pouco depois chegou o cavalo do doutor Livesey e ele foi-se embora, mas o capitão manteve-se calado naquela noite e por muitas outras a seguir.

## CAPÍTULO II

### O Cão Negro aparece e some-se

Pouco tempo se passou antes que ocorresse o primeiro dos acontecimentos misteriosos que por fim nos livraram do capitão, embora, como se verá, não dos assuntos que a ele estavam ligados. Foi um Inverno gelado, com geadas duras, prolongadas e fortes temporais; e logo de princípio se tornou claro que era pouco provável o meu pobre pai chegar a ver a Primavera. Definhava de dia para dia, e a minha mãe e eu tínhamos de tratar de toda a hospedaria, ocupados a ponto de não dar muita atenção ao nosso hóspede antipático.

Sucedeu em Janeiro, de manhãzinha – numa gélida e cortante manhã –, com a enseada toda grisalha de geada, a ressaca a lamber de leve as rochas e o Sol, ainda baixo, a aflorar o topo dos montes e a brilhar lá longe no mar. O capitão tinha-se levantado mais cedo que o costume e descera para a praia, com o sabre a bailar debaixo das abas do velho casaco azul e o óculo de latão no braço, o chapéu tombado para trás.

Lembro-me de lhe ver a respiração suspensa como fumo atrás dele enquanto se afastava, e a última coisa que lhe ouvi, ao passar pelo penedo grande, foi um alto brado de indignação, como se em espírito ainda altercasse com o doutor Livesey.

A mãe estava lá em cima com o pai, e eu a pôr a mesa para servir o pequeno-almoço quando o capitão voltasse, quando a porta da sala se abriu e entrou um homem em quem nunca tinha posto os olhos. Era uma pessoa pálida e ensebada, sem dois dedos da mão esquerda; e embora usasse sabre, não tinha nada ar de guerreiro. Eu, que continuava de olhos abertos para tudo o que fosse gente do mar, com uma perna ou com duas, lembro-me que aquele me atrapalhou. Não lembrava um marinheiro, e mesmo assim também não deixava de ter algo que fazia pensar no mar. Perguntei em que podia servi-lo e respondeu que queria rum, mas, quando eu ia a sair para lho trazer, encostou-se a uma mesa e fez-me sinal para me aproximar. Fiquei onde estava, de guardanapo na mão.

– Anda cá, filho – disse. – Chega-te mais para cá.

Avancei um passo.

– Esta mesa aqui é para o meu camarada Bill? – perguntou, com olhar matreiro. Disse-lhe que não conhecia o camarada Bill e que a mesa era para uma pessoa ali hospedada a quem chamávamos capitão.

– Bem – retorquii –, o meu camarada Bill bem pode ser capitão, é mesmo dele. Tem um corte na cara, e é um sujeito bem divertido, principalmente na bebida. Então te digo, como prova, que o teu capitão tem um golpe na face – e mais te declaro, se quiseres, que é na face direita. E pronto! Já te disse. Agora, está aqui na casa o meu camarada Bill?

Disse-lhe que tinha saído.

– Para que lado, filho? Para que lado foi ele?

Depois de eu ter apontado para o rochedo e dito como e quando o capitão devia voltar, e respondido a várias outras perguntas, ele terminou:

– Ah, esta vai-lhe saber tão bem como uns copos, ao meu camarada Bill.

A sua expressão ao dizer estas palavras não era nada simpática, e tinha as minhas razões para crer que o estranho se enganava, mesmo partindo do princípio de que estava a ser sincero. Mas pensei que aquilo não me dizia respeito; além do mais, era difícil saber o que havia de fazer. O estranho deixou-se ficar ali dentro sem se afastar da porta, a espreitar para a esquina como um gato à espera do rato. Quando de uma vez saí para a rua, logo me chamou. e, como não

obedecesse logo ao seu desejo, uma mudança horrível se lhe espalhou na cara de sebo e mandou-me entrar com uma praga que me fez saltar.

Logo que entrei voltou aos bons modos anteriores, meio cativante, meio trocista, fez-me uma festa no ombro, chamou-me bom rapaz e disse que tinha grande simpatia por mim.

– Tenho um rapaz também – disse –, igualzinho a ti, que é todo o meu orgulho. Mas para os rapazes o mais importante é a disciplina, filho, a disciplina. Olha que se já tivesses andado no mar com o Bill, não tinhas ficado lá fora à espera que te chamassem duas vezes, nem pensar. O Bill nunca se portou assim, nem os que embarcavam com ele. E lá vem ele, de certeza, o meu companheiro Bill, com o óculo debaixo do braço, benza-o Deus, é mesmo ele. Anda comigo para a sala, filho, vamos ficar atrás da porta e fazer-lhe uma surpresa, e torno a dizer: abençoado seja.

Assim falando, o estranho puxou-me com ele para a sala e pôs-me atrás dele no canto, de modo a ficarmos escondidos pela porta aberta.

Fiquei atrapalhado e assustado, como podeis calcular, e os meus receios aumentaram ao perceber que o forasteiro também não estava nada à vontade. Aprontou o punho do sabre e desprendeu a lâmina da bainha, e durante todo o tempo que ali esperamos não deixou de engolir em seco, como se quisesse o que a gente costumava chamar puxar por um nó na garganta.

Por fim entrou o capitão, bateu com a porta sem olhar para os lados e atravessou a sala em direção ao pequeno-almoço.

– Bill – chamou o estranho, com uma voz que, pensei, tentava soar forte e ousada.

O capitão girou meia volta e enfrentou-nos; toda a cor morena lhe tinha fugido da cara, e até o nariz ficou azul; tinha o ar dum homem que vê um fantasma, ou o Anjo do Mal, ou algo pior ainda, se houver; e, pela fé de quem sou, tive pena de o ver, num curto instante, ficar tão velho e agoniado.

– Vamos, Bill, bem me conheces; decerto que te lembras dum velho camarada, Bill.

O capitão soltou uma espécie de suspiro estrangulado.

– Cão Negro! – exclamou.

– Quem havia de ser? – retorquiu o outro, mostrando-se mais à vontade. – O mesmo Cão Negro de sempre, para visitar o velho companheiro Bill na Hospedaria “*Almirante Benbon*”. Ah, Bill, Bill, muitas voltas deu o mundo para nós dois desde que perdi estas duas garras – disse, exibindo a mão mutilada.

– Ouve cá – disse o capitão –, apanhaste-me, aqui me tens; pois então, fala, que se passa?

– És mesmo tu, Bill – tornou o Cão Negro –, acertas sempre. Vou tomar um copo de rum, trazido por este bom menino de quem gosto tanto, e vamo-nos sentar, se fazes favor, e conversar como deve ser, como companheiros de bordo que fomos.

Quando voltei com o rum já estavam sentados de cada lado da mesa – o Cão Negro junto da porta e sentado de lado, de modo a ter um olho no capitão e o outro, segundo pensei, na retirada. Mandou-me embora e disse-me para deixar a porta bem aberta.

– Nada de espreitar às fechaduras, filho – declarou, e lá os deixei juntos, retirando-me para a taberna.

Durante muito tempo, embora tentasse escutar, só consegui ouvir uns murmúrios; mas por fim as vozes começaram a subir de tom e pude apanhar uma ou outra palavra, a maior parte pragas do capitão.

– Não, não, não e não; e é acabar com tudo! – gritou uma vez. E outra: – Se tocar a pendurar, que se pendurem todos, digo eu.

A seguir, e de chofre, houve uma grande barulheira de pragas e outros sons; a cadeira e a mesa tombaram juntas, seguiu-se o choque de aço contra aço, depois um grito de dor e no momento imediato avistei o Cão Negro em fuga precipitada com o capitão na peugada, ambos de sabre desembainhado, o primeiro a jorrar sangue do ombro esquerdo. Mesmo ao chegar à porta o capitão apontou-lhe um último e violento golpe, muito capaz de o abrir até à espinha se não tivesse sido parado pela nossa grande tabuleta da “*Almirante Benbon*”. Ainda hoje se pode ver a marca na parte inferior do caixilho.

A batalha terminou com aquele golpe. Apanhando-se na estrada, o Cão Negro, apesar da ferida, mostrou um par de calcanhares bem lestos e levou meio minuto para desaparecer por cima do monte. Pela sua parte, o capitão ficou especado a mirar a tabuleta com assombro. Depois de esfregar os olhos várias vezes com a mão, voltou enfim para dentro.

– Jim – disse –, rum. – Ao falar cambaleou um pouco e segurou-se à parede com a mão.

– Está ferido? – gemi.

– Rum – repetiu. – Tenho de me ir embora daqui. Rum! Rum!

Corri, mas estava transtornado por tudo o que sucedera, parti um copo e encravei a torneira do pipo, e enquanto ainda não tinha saído daquela atrapalhão ouvi na sala uma queda violenta, voltei a correr e dei com o capitão estendido ao comprido no chão. Nesse instante, a minha mãe, assustada com os gritos e a luta, descia a correr as escadas para me ajudar.

Um de cada lado, levantamos-lhe a cabeça. Respirava com ruído e dificuldade, mas com os olhos fechados e uma cor medonha na cara.

– Ai de mim, ai de mim! – choramingou a minha mãe. – Que desgraça em casa! E o pobre do pai doente!

Não fazíamos ideia do que era preciso fazer para socorrer o capitão, e só pensávamos que fora ferido de morte no combate com o estranho. O certo é que peguei no rum e tentei fazê-lo beber, mas tinha os dentes e os queixos cerrados como ferro.

Foi com grande alívio que vimos a porta abrir-se para dar entrada ao doutor Livesey, que viera ver o meu pai.

– Oh, doutor – gememos –, que temos de fazer? Onde é que ele está ferido?

– Ferido? Mas que disparate! – atalhou o médico. – Está tanto como vocês ou eu. O que ele teve foi um ataque, como eu o avisei. Olhe, senhora Hawkins, agora vá para o pé do seu marido e se puder não lhe conte nada. Por mim vou tentar salvar a fraca vida deste sujeito que nada vale; e tu traz-me uma bacia, Jim.

Quando voltei com a bacia, o médico já tinha rasgado a manga do capitão de forma a expor o braço grande e musculoso. Tinha tatuagens em vários pontos. “Boa Fortuna, Bons Ventos e Ao Gosto de Billy Bones”, estavam muito bem marcadas com clareza no antebraço; e junto ao ombro tinha o desenho duma forca com um enforcado, que me pareceu feito com grande engenho.

– Profético – afirmou o médico, tocando nesta figura com o dedo. – E agora, Mestre Billy Bones, se é esse o teu nome, vamos ver a cor do teu sangue. Jim, tens medo do sangue?

– Não, senhor.

– Então segura aqui na bacia – e dito isto pegou na lanceta e abriu uma veia. Muito sangue foi tirado até o capitão acordar e virar para nós o olhar embaciado. Em primeiro lugar reconheceu o médico com um franzir eloquente; depois virou-se para mim e pareceu aliviado. Mas de repente mudou de cor e tentou erguer-se, exclamando:

– Que é feito do Cão Negro?

– Aqui não há nenhum cão preto – disse o médico –, exceto o que você já carrega em cima de si. Você continuou a beber rum; teve um ataque, precisamente como lhe disse; e agora mesmo, muito contra a minha vontade, o arranquei da cova pelos cabelos. Ora, senhor Bones...

– Não é o meu nome – interrompeu.

– Bem me importa – ripostou o médico. – É o nome dum pirata que conheço, e dou-lho a si porque não estou para perder tempo, e digo-lhe o seguinte: um copo de rum não o vai matar, mas quando toma um você continua sem parar, e aposto a minha cabeleira que, se não pára já, morre; entende o que lhe digo? Morre, e vai para onde é o seu lugar, como diz a Bíblia. Vamos, agora faça um esforço. Ao menos por esta vez vou ajudá-lo até à cama.

Um de cada lado, com muito esforço, lá conseguimos guindá-lo escada acima e deitá-lo na cama, onde a cabeça lhe tombou na travesseira como se estivesse a ponto de desmaiar.

– Agora atenção – preveniu o médico –, fico com a consciência limpa... para si o rum é igual à morte.

E com estas palavras saiu do quarto para ir ver o meu pai, levando-me pelo braço. Logo que fechou a porta, virou-se para mim:  
– Aquilo não é nada. Tirei-lhe sangue bastante para o deixar em sossego por algum tempo; deve ficar de cama por uma semana, é o melhor para ele e para vocês, mas outro ataque vai liquidá-lo.

### CAPÍTULO III

#### A pinta preta

Perto do meio-dia, fui ao quarto do capitão levar refrescos e remédios. Estava quase como o tínhamos deixado, mas menos abatido, com ar fraco e excitado.

– Jim – disse –, és a única pessoa que vale alguma coisa por aqui; e sabes que fui sempre bom para ti. Nunca passou um mês sem te dar os teus quatro dinheiros de prata. E agora vês, companheiro, como estou por baixo e abandonado por toda a gente; vê lá se me trazes um bocadinho de rum, sim, compincha?

– O doutor... – comecei.

Mas logo começou a praguejar contra o médico, em voz fraca mas enérgica.

– Os médicos são todos uns porcalhões – atalhou –, e esse doutor aí, que sabe ele dos homens do mar? Já estive em sítios quentes como alcatrão, com os parceiros a caírem por todos os lados com febre amarela, e os tremores de terra a fazer ondas como se fosse no mar. Que sabe o médico de terras assim? E digo-te que me sustentava de rum. Para mim foi o pão de cada dia, foi a minha criação; e se não tomo já o meu rum, o meu pobre casco vai dar à costa. Vais ficar com as culpas, Jim, e também aquele porco do doutor – e desfiou outra vez uma série de pragas.  
– Olha, Jim, como me tremem os dedos – prosseguiu num tom de súplica. Nem consigo fazê-los parar. Não bebi uma pinga em todo o santo dia. Digo-te que esse médico é doido. Se não bebo um gole, Jim, vêm-me os terrores; já os comecei a ter. Vi o velho Flint aí ao canto por trás de ti; vi-o pintado, tal e qual; e se me vêm os terrores, com a vida dura que vivi, olha que fico pior que mau. Esse teu médico até disse que um copo não me ia fazer mal. Dou-te um guinéu de ouro por uma canequinha, Jim.

Ia ficando cada vez mais agitado, e fiquei assustado porque o meu pai, que passava muito mal, precisava de sossego; além do mais, fiquei mais confiante quando ele me lembrou o que o médico dissera e, ao mesmo tempo, ofendido pela proposta de suborno.

– Não quero nada do seu dinheiro – respondi –, senão o que deve ao meu pai. Vou buscar-lhe um copo e mais nada.

Quando lho trouxe, pegou-lhe com sofreguidão e bebeu-o duma vez só.

– Ai, ai – disse –, já estou um bocadinho melhor. E agora, camarada, o médico não disse quanto tempo é que eu ia ficar aqui atracado?

– Pelo menos uma semana – respondi.

– Raios! – protestou. – Uma semana! Nem pensar, antes disso me põem uma pinta preta. Os desgraçados já por aí andam a querer dar cabo de mim, malandros que não souberam guardar o que era deles, e agora querem apanhar o que é dos outros. Sempre queria saber se isso são modos de marinheiros. Mas cá eu sou poupado. Nunca desperdicei nem perdi o meu bom dinheiro; e hei-de enganá-los outra vez. Não tenho medo deles. Vou safar-me desta, companheiro, e levá-los outra vez à pincha.

Assim falando, tinha-se soerguido com grande dificuldade, agarrado ao meu ombro com tal força que quase me fazia gritar, e mexia as pernas como se fossem peso morto. As palavras, cheias de intenção, contrastavam tristemente com a fraqueza da voz que as pronunciava. Fez uma pausa quando ficou sentado na borda da cama.

– Aquele médico deu cabo de mim – murmurou. – Tenho os ouvidos a zumbir. Deita-me para trás.

Antes de o poder ajudar já se tinha deixado cair na posição anterior, ficando calado por

um bocado.

– Jim – disse, por fim –, viste aquele marinheiro, hoje?

– O Cão Negro? – perguntei.

– Ah! O Cão Negro – respondeu. – Esse é dos maus; mas ainda pior é quem o mandou.

Ora, se eu não puder sair daqui de nenhum jeito, e eles me trouxerem a pinta preta, toma atenção, que é a minha velha arca que eles querem; arranja um cavalo – sabes montar, não sabes? Pois então monta a cavalo e vai... bem, sim, tem de ser!... Vai procurar esse latrineiro do médico, e diz-lhe para reunir todos... magistrados e dessa gente... para os vir embarcar a todos aqui na “*Almirante Benbon*” toda a tripulação do velho Flint, homens e rapazes, todos os que restam. Eu era o imediato, sabes, o imediato do velho Flint, e sou o único que sabe o sítio. Disse-mo ele a caminho de Savannah, quando estava a morrer, como eu estou agora, entendes. Mas não digas nada antes deles me trazerem a pinta preta, ou antes de veres o Cão Negro outra vez, ou um marinheiro duma perna só, Jim, esse mais do que todos.

– Mas o que é a pinta preta, capitão? – perguntei.

– É uma convocação, companheiro. Eu digo-te caso eles a tragam. Mas abre-me bem esses olhos, Jim, e dou-te a minha palavra que divido tudo a meias contigo.

Divagou ainda um pouco, com a voz cada vez mais fraca; mas pouco depois de lhe dar o remédio, que tomou como uma criança, com a observação – Se já se viu um marinheiro precisar de drogas, sou eu –, caiu num sono pesado como um desmaio, e assim o deixei. Se tudo tivesse corrido bem, não sei o que teria feito. Possivelmente iria contar tudo ao médico, pois sentia um medo mortal que o capitão se arrependesse daquela confissão e desse cabo de mim. Mas as coisas saíram ao contrário, o meu pai morreu de repente nessa mesma noite, e isso pôs todos os outros assuntos de lado. O nosso desgosto natural, as visitas dos vizinhos, os preparativos do funeral, e com todo o trabalho da hospedaria para ser feito, tudo me deixou tão ocupado que mal tinha tempo de pensar no capitão, e ainda menos para ter medo dele.

O certo é que desceu à sala na manhã seguinte e comeu as refeições como de costume, embora comesse pouco e tomasse mais, desconfio, que a sua ração habitual de rum, porque foi ele próprio servir-se à taberna, com ar sombrio e a roncar com o nariz, e ninguém se atrevia a contrariá-lo. Na noite anterior ao funeral estava bêbedo como sempre; e foi uma lástima ouvi-lo, na casa enlutada, dar largas à feia e velha cantiga do mar; mas, fraco como estava, todos receávamos que morresse, e o médico, chamado a um doente de longe, nem sequer passou por ali perto depois do meu pai morrer. Disse que o capitão andava fraco, mas na verdade parecia ir enfraquecendo em vez de recuperar as forças. Subia e descia aos tropeços, ia da sala à taberna e voltava à sala, e por vezes punha o nariz fora da porta para cheirar o mar, agarrando-se às paredes em busca de apoio, com a respiração pesada e rápida como se estivesse a trepar a uma encosta íngreme. Deixou de me falar diretamente, e pensei que tivesse esquecido as confidências feitas; mas o seu génio estava mais caprichoso e, atendendo à fraqueza física, mais violento do que nunca. Agora tinha uma maneira assustadora de desembainhar o sabre e o deixar em cima da mesa à sua frente quando se embebedava. Mas com tudo aquilo, ligava menos às pessoas, parecendo absorto nos seus pensamentos e perdido em divagações. Uma vez, por exemplo, para nosso espanto, pôs-se a cantarolar uma ária diferente, uma espécie de cantiga de amor que devia ter aprendido na juventude antes de começar a ir para o mar.

Assim se passou até ao dia seguinte ao do funeral e, perto das três horas daquela tarde dura, nevoenta e gelada, estava eu por momentos à porta, cheio de tristes pensamentos pelo meu pai, quando avistei alguém que lentamente se aproximava na estrada.

Era um cego, pois tateava o caminho com uma bengala e trazia nos olhos e no nariz uma venda grande e verde; e tinha uma corcunda como se fosse velho ou fraco, dentro dum velho e imenso capote remendado, de marinheiro, com um capuz que o fazia parecer absolutamente deformado. Nunca na minha vida vi figura mais medonha. Parou a pouca distância e ergueu a voz, dirigindo-se ao ar à frente dele, num velho estribilho:

– Quem quer dizer ao pobre cego, que perdeu a vista preciosa dos olhos na defesa

voluntária da sua terra-mãe, a Inglaterra, “e que Deus abençoe o rei Jorge!”, onde ou em que parte desta terra se encontra?

– Aqui é a “*Almirante Benbon*”, na enseada do Monte Negro, meu bom homem – declarei.

– Oiço uma voz – tornou ele –, uma voz jovem. Podes dar-me a mão, meu amiguinho, e levar-me para dentro?

Quando estendi a mão, fui num ápice agarrado como numa tenaz por aquela criatura horrível, sonsa e cega. Fiquei tão aterrado que lutei para me libertar, mas o cego puxou-me para si com um só movimento do braço.

– Agora, rapaz – disse –, leva-me ao capitão.

– Senhor – respondi –, palavra que não me atrevo.

– Oh – troçou ele –, então é isso! Leva-me já, senão parto-te o braço.

E deu-me um torção que me fez gritar de dor.

– Senhor – acrescentei –, é por si que tenho medo. O capitão já não é o mesmo. E está sentado com o sabre desembainhado. Outro senhor...

– Vamos lá, anda para a frente – atalhou ele, e nunca ouvi uma voz tão cruel e fria, tão feia como a daquele cego. Fez-me arrepiar mais do que a dor, e logo lhe fui fazendo a vontade, passando pela porta e em direção à sala onde estava o pirata velho e doente, entontecido de rum. O cego mantinha-se colado a mim, com uma garra de ferro, e derreava-me com um peso superior às minhas forças. – Leva-me direito a ele, e quando lá chegares grita “Bill, está aqui um seu amigo”. Senão, olha o que te faço – e deu-me outra torcidela que pensei que me ia fazer desmaiar. Com tudo isto eu já estava tão aterrado pelo pedinte cego que me esqueci do medo que tinha do capitão e, ao abrir a porta da sala, gritei em voz trêmula o que me fora mandado.

O pobre do capitão ergueu os olhos, e no mesmo instante o álcool desapareceu para dar lugar a um olhar fixo e sóbrio.

A expressão daquele rosto era menos de terror do que de um sofrimento de morte. Fez um movimento para se levantar, mas penso que lhe não restava no corpo força suficiente.

– Agora deixa-te estar sentado onde estás, Bill – disse o mendigo. – Se não posso ver, posso ouvir um dedo a mexer. Negócio é negócio. Deixa ver a mão esquerda. Rapaz, segura-lhe a mão esquerda e chega-a aqui à minha direita.

Ambos lhe obedecemos à letra, e vi-o passar algo da palma da mão que trazia a bengala para a do capitão, que logo se fechou.

– E pronto, já está feito – declarou o cego, e com estas palavras largou-me de chofre, para com incrível exatidão e agilidade se escapar da sala para a estrada onde, paralisado ali dentro, fiquei a ouvir as pancadas da bengala desaparecerem ao longe.

Passou algum tempo antes de qualquer de nós recobrar os sentidos; mas por fim larguei-lhe o pulso, que ainda segurava, e no mesmo momento ele retirou a mão e olhou fixamente para a palma.

– Dez horas! – exclamou. – Faltam seis horas. Ainda os apanhamos! – e pôs-se em pé de um salto.

Mal o fez cambaleou, levou a mão à garganta, oscilou por instantes e a seguir, com um som estranho, estatelou-se ao comprido no chão, de cara para baixo.

Corri logo para ele, chamando pela minha mãe. Mas toda a pressa era inútil. A morte atingira o capitão com uma apoplexia fulminante. É coisa difícil de explicar, tanto mais que eu nunca tinha gostado do homem, embora tivesse sentido pena dele nos últimos tempos, mas logo que percebi que morrera desatei numa torrente de lágrimas. Era a segunda morte que presenciava, e o desgosto da primeira ainda estava vivo no meu coração.

## CAPÍTULO IV

### A arca de porão

Não perdi tempo, evidentemente, a contar à minha mãe tudo o que sabia, e talvez lho

devesse ter dito muito antes, e logo nos vimos metidos numa situação difícil e perigosa. Algum do dinheiro do homem – se é que tinha algum – certamente nos era devido, mas não era de crer que os companheiros de bordo do nosso capitão, em especial os dois exemplares que eu tinha visto – o Cão Negro e o pedinte cego – estivessem na disposição de largar mão do saque para pagar as dívidas do morto. Se cumprisse a ordem do capitão para ir a cavalo buscar o doutor Livesey, teria deixado a minha mãe sozinha e desprotegida, e nem pensar nisso era bom. Na verdade, não nos parecia possível continuar na casa por muito mais tempo; a queda dos carvões na grade do fogão, o próprio tiquetaque do relógio, enchiam-nos de susto.

Aos nossos ouvidos, a vizinhança parecia-nos assombrada por passos que se aproximavam; e então, entre o corpo do capitão morto no chão da sala e a lembrança daquele odioso mendigo cego a pairar pelas redondezas e pronto a voltar, havia momentos em que, por assim dizer, o terror me fazia saltar dentro da pele. Alguma coisa tinha de ser resolvida, e depressa, por fim ocorreu-nos ir juntos pedir ajuda à aldeia próxima. Logo o fizemos. De cabeça descoberta, como estávamos, saímos a correr para a noite que se ia fechando e para a bruma cortante.

O lugar ficava a poucas centenas de metros, embora não se visse do lado de lá da enseada próxima; e o que mais me animava era que ficava na direção contrária àquela de onde tinha aparecido o cego, e para onde possivelmente voltara. Não nos demoramos muito, embora parássemos de vez em quando para nos mantermos juntos e ficar de ouvido à escuta. Mas não havia nenhum som anormal – só o ruído fundo da ressaca e o crocitar de corvos na mata.

Já se tinham acendido as luzes quando chegamos ao povoado, e nunca me esquecerei do ânimo que senti ao vê-las a brilhar, amarelas, em portas e janelas; mas isso, como aconteceu, foi a única amostra de auxílio que nos foi possível encontrar ali. Porque – dir-se-ia que os homens deviam ter vergonha – nem uma daquelas almas se dispôs a voltar conosco à “*Almirante Benbow*”. Quanto mais lhes contávamos as nossas aflições, mais eles – homens, mulheres e crianças – se encolhiam no abrigo de suas casas. O nome do capitão Flint, embora estranho para mim, era bem conhecido por alguns deles e trazia consigo uma grande carga de terror. Além disso, alguns dos homens que tinham ido trabalhar no campo do lado de lá da “*Almirante Benbow*” lembravam-se de ter visto uns forasteiros na estrada e, pensando tratar-se de contrabandistas, tinham-se desviado; e pelo menos um deles tinha visto um pequeno lugre no sítio chamado Toca do Gato. Por isso, quem quer que fosse camarada do capitão era suficiente para os assustar de morte. Ao fim e ao cabo, a discussão resumiu-se em que pudemos encontrar alguns com ânimo para ir a casa do doutor Livesey, noutra direção, mas ninguém que nos ajudasse a defender a estalagem.

Dizem que a cobardia é infecciosa; mas, por seu lado, a discussão faz a gente ganhar coragem; e assim, quando todos tinham falado, a minha mãe fez-lhes um sermão. Não ia, declarou, perder dinheiro que pertencia ao seu filho órfão de pai.

– Se nenhum de vocês se atreve – disse ela –, o Jim e eu atrevemo-nos. Vamos lá voltar pelo mesmo caminho e poucas graças lhes temos a dar a vocês, homenzarrões cobardes como frangos! Havemos de abrir aquela arca, nem que seja preciso morrer. E peço-lhe aquele saco emprestado, senhor Crossley, para trazer o dinheiro que nos pertence.

Claro que disse que acompanhava a minha mãe; e claro que todos protestaram contra a nossa teimosia; mas mesmo assim ninguém quis ir conosco. Apenas se prontificaram a dar-me uma pistola carregada, para o caso de sermos atacados; e a prometer ter ali cavalos prontos, para o caso de sermos perseguidos na volta, enquanto mandavam um rapaz a casa do médico, em busca de ajuda armada.

O coração batia-me excitadamente quando saímos os dois para o frio da noite naquela empresa arriscada. Nascia a lua cheia, a espreitar, avermelhada, pela borda superior da bruma, e isso fez-nos apressar, pois parecia-nos evidente que antes de regressarmos estaria tudo claro como dia, e a nossa partida seria revelada a quem estivesse à espreita. Escapamo-nos junto às sebes, ligeiros e em silêncio, sem vermos nem ouvirmos nada que nos aumentasse o sobressalto até, com imenso alívio, fecharmos atrás de nós a porta da “*Almirante Benbow*”.

Corri logo a tranca, e ali ficamos por momentos a arfar no escuro, a sós na casa com o cadáver do capitão. Depois a minha mãe foi à taberna buscar uma candeia e, de mãos dadas, entramos na sala. Estava estendido como o tínhamos deixado, de costas, com os olhos abertos e um braço esticado.

– Corre o estore, Jim – segredou a minha mãe –, podem chegar e espreitar lá de fora. E agora – acrescentou, depois de eu ter feito o que mandara – temos de tirar a chave dali, mas quem é que vai mexer-lhe, não me dizes? – terminou ela, numa espécie de soluço.

Pus-me logo de joelhos. No chão, junto à mão dele estava uma pequena rodela de papel, pintada de preto num dos lados. Não pude duvidar que aquilo era a pinta preta e, pegando-lhe, encontrei escrita do outro lado, em boa caligrafia, o recado:

“Esta noite até às dez”.

– Ele tinha até às dez horas, mãe – observei; e, nesse preciso momento, o nosso velho relógio começou a dar as horas.

Ambos saltamos de susto mas o agouro era bom, porque eram só seis.

– Então, Jim – disse ela –, essa chave!

Revistei-lhe os bolsos, um após outro. Algumas moedas pequenas, um dedal, um bocado de fio e agulhas grandes, uma trança de tabaco mordida numa ponta, a faca dele com o punho rachado, uma bússola de bolso e um acendedor de morrão, era tudo o que neles havia, e comecei a desesperar.

– Talvez a tenha ao pescoço – lembrou a minha mãe.

Dominando uma forte repulsa, rasguei-lhe a camisa e lá encontrei a chave, pendurada num cordel oleoso que cortei com aquela mesma faca. Com este triunfo enchemo-nos de esperança e apressamo-nos a subir sem demora ao quartinho onde tanto tempo dormira e onde a arca tinha ficado desde o dia em que chegara.

Por fora era como qualquer outra arca de marinha, com a inicial B gravada a fogo na tampa, os cantos amassados e partidos pelos maus tratos contínuos.

– Dá-me a chave – mandou a minha mãe, e embora o fecho estivesse muito emperrado, num ápice lhe deu a volta e atirou a tampa para trás.

De dentro veio o cheiro forte de tabaco e alcatrão, mas nada se via ao de cima a não ser um fato de excelente qualidade, cuidadosamente escovado e dobrado. Nunca fora usado, afirmou a minha mãe. Por baixo dele começou a aparecer a miscelânea – um quadrante, uma caneca de estanho, vários rolos de tabaco, dois pares de pistolas magníficas, uma peça de prata em barra, um velho relógio espanhol e outras bugigangas de pouco valor, na maioria estrangeiras, duas bússolas montadas em latão, e uma meia dúzia de curiosas conchas das Índias Ocidentais.

Desde então, muitas vezes tenho pensado porque razão andava ele com aquelas conchas na sua vida errante e assombrada de fugitivo.

Entretanto, nada mais encontramos de valor a não ser a prata e as bugigangas, que não tinham interesse para nós. Por baixo estava uma velha capa de bordo, manchada pelo salitre de muitas barras marinhas. A minha mãe tirou-a com impaciência, revelando o que restava no fundo da arca, um maço atado em oleado, que parecia de papéis, e um saco de lona que, ao primeiro toque, fez tinir as moedas.

– Vou provar àqueles malandros que sou honesta – afirmou a minha mãe. – Vou tirar o que me devem e nem mais um tostão. Agarra aí no saco da senhora Crossley. – E começou a contar os gastos do capitão passando as moedas para o saco que eu segurava.

Foi uma trabalhadeira difícil e demorada, pois as moedas eram de todas as origens e tamanhos – dobrões, luíses de ouro, guinéus e peças de oito, e sei lá que mais, todas misturadas em monte. Além do mais, o que menos ali havia eram os guinéus, e só destes é que a minha mãe sabia o valor.

Estávamos mais ou menos a meio, quando agarrei o braço da minha mãe, por ter ouvido,

no ar quieto e gelado, um som que me trouxe o coração à boca – as batidas da bengala do cego na estrada coberta de geada. Aproximava-se cada vez mais enquanto, sentados, fazíamos por não respirar. A seguir, bateu com força na porta da hospedaria, ouvimos o fecho girar e o restolho da tranca quando a maldita criatura tentava entrar; seguiu-se um silêncio demorado, tanto dentro como fora. Por fim recomeçaram as batidas e, com intraduzível regozijo nosso, de novo se afastaram lentamente até deixarem de se ouvir.

– Mãe – falei –, traga tudo e vamos embora – pois estava certo de que a porta trancada devia ter levantado suspeitas, que nos iam atirar para cima com todo o ninho de vespas, embora ninguém que nunca tivesse encontrado o medonho cego pudesse imaginar as graças que eu dava por me lembrar de a ter trancado. Mas a mãe, até mesmo aterrorizada, não admitia tirar dali uma migalha a mais do que lhe era devido, e obstinava-se a deixar-se contentar com menos. Disse-me que ainda faltava muito para as sete, que conhecia os seus direitos e não desistia deles; e ainda estava a discutir comigo quando soou um assobio curto e baixo à distância, do lado do monte. Para ambos, aquilo foi mais do que o suficiente.

– Levo o que já tenho – declarou ela, levantando-se dum salto.

– E eu levo isto para acertar a conta – decidi, pegando no embrulho de oleado.

Num instante voávamos pela escada abaixo, deixando a candeia junto da arca vazia, e imediatamente abrimos a porta e fugimos à desfilada. Saímos no momento exato. O nevoeiro dispersava-se rapidamente, a lua já brilhava claro nos terrenos altos de ambos os lados, e só mesmo no fundo do vale e junto à porta da taberna pairava ainda uma leve franja de sombra para ocultar os primeiros passos da nossa retirada. A menos de metade do caminho para a povoação, logo a seguir à base do monte, tivemos de nos expor ao luar. Mas não era tudo, pois já ouvíamos passos a correr e, ao olharmos para trás, avistamos uma luz a oscilar dum lado para o outro, mas avançando com rapidez, mostrando que um dos que se aproximavam trazia uma lanterna.

– Querido – disse de chofre a minha mãe –, leva o dinheiro e foge. Vou desmaiar.

Decerto era o fim de ambos, pensei. Como amaldiçoei a cobardia dos vizinhos! Quanto censurei a honestidade e a cobiça da minha mãe, pela ousadia mostrada antes e pela fraqueza presente! Já estávamos junto à ponte, por sorte, e ajudei-a, já trôpega, a alcançar a borda da margem, onde acabou por suspirar e tombar no meu ombro. Não sei como encontrei forças para fazer tudo aquilo, e receio que o tenha feito à toa, mas lá consegui arrastá-la pelo barranco até debaixo da ponte. Não a podia levar mais longe, porque o arco era baixo demais e só deixava espaço para rastejar. De modo que tivemos de parar ali – a mãe quase toda a descoberto, e ambos ao alcance de voz da estalagem.

## CAPÍTULO V

### A morte do cego

De certa maneira, a minha curiosidade era mais forte que o medo, porque não consegui ficar onde estava e trepei de novo à ribanceira, de onde, escondendo a cabeça atrás de uma giesta, podia observar a estrada mesmo defronte da nossa porta. Mal tinha tomado posição quando os meus inimigos começaram a chegar, sete ou oito, com passos desencontrados, pela estrada, precedidos pelo da lanterna. Três deles corriam juntos, de mãos dadas, e distingui, mesmo com a névoa, que o do meio era o pedinte cego. Logo a seguir, a voz dele mostrou-me que acertara.

– Arrombem a porta! – gritou.

– Sim, senhor! – responderam dois ou três; e convergiram para a *Almirante Benbow*, com o da lanterna atrás; a seguir vi-os parar e as conversas diminuíram de tom, como se fossem colhidos de surpresa por encontrarem a porta aberta. Mas a pausa foi breve, pois o cego deu de novo as suas ordens. A voz parecia mais forte e aguda, como se ardesse de impaciência e raiva.

– Para dentro, entrem, entrem! – gritou, praguejando pela demora. Quatro ou cinco obedeceram logo, ficando dois na estrada com o impressionante mendigo. Houve nova pausa, seguida dum grito de surpresa, e a seguir outro grito lá dentro:

– O Bill está morto!

Mas o cego praguejou de novo contra a demora deles.

– Revistem-no, seus cabras, e o resto vai lá acima buscar a arca – bradou.

Pude ouvir o barulho na escada, que deve ter feito abanar a casa. Logo a seguir, novas demonstrações de espanto; a janela do quarto do capitão abriu-se com estrondo e com estilhaçar de vidros, e ao luar debruçou-se um homem, cabeça e ombros, que se dirigiu ao mendigo cego na estrada.

– Pew! – exclamou –, já cá vieram antes de nós. Alguém virou a arca do avesso.

– Está lá aquilo? – rugiu Pew.

– O dinheiro está.

O cego rogou pragas ao dinheiro.

– O que eu quero é o papel do Flint – gritou.

– Aqui não está – respondeu o outro.

– Vocês aí em baixo, já viram no Bill?

A esta pergunta, outro homem, decerto o que ficara a revistar em baixo o corpo do capitão, veio à porta responder.

– O Bill já foi revistado – disse –, não tem nada.

– É essa gente da estalagem, foi aquele rapaz. E não lhe ter eu arrancado os olhos! – exclamou o cego Pew. – Ainda há pouco aqui estavam... tinham a porta trancada quando cheguei. Espalhem-se, rapazes, e apanhem-nos.

– Por isso, deixaram aqui a candeia – acrescentou o da janela.

– Espalhem-se e encontrem-nos! Deitem a casa abaixo! – continuou Pew, batendo a bengala.

Então seguiu-se um fragor por toda a nossa velha pensão, com correrias de pés, mobílias reviradas, portas arrombadas, cujo eco chegava à própria penedia, até que os homens saíram, um por um, para a estrada, concluindo que havíamos desaparecido.

Nesse momento o mesmo assobio que nos tinha assustado quando contávamos o dinheiro do falecido capitão ouviu-se mais claramente na noite, mas desta vez repetido em dois toques.

Pensara eu que devia ser a chamada do cego, por assim dizer, a convocar os seus homens para o assalto, mas via agora que era um sinal na encosta do lado do povoado e, pelo efeito que provocou nos piratas, um sinal de aviso de perigo próximo.

– Aí está outra vez o Dirk – disse um. – Duas vezes: Temos de nos safar, malta.

– Qual safar, seu bruto! – berrou Pew. – O Dirk foi sempre tolo e cobarde, não lhe liguem. Eles devem andar por aí, não podem estar longe, vocês conseguem. Espalhem-se e busquem os cachorros. Oh., vida minha – bradou –, tivesse eu uns olhos!

Pareceu dar algum resultado este último apelo, pois um par de homens começou a procurar entre os destroços, embora com pouco ânimo, pensei, com metade da atenção para os riscos que corriam, enquanto os restantes ficavam na estrada, irresolutos.

– Vocês com milhares à mão, palermas, e deixam-se ficar! Uma fortuna de reis para quem a encontrar, vocês sabem que está por aí, e ficam aí de mãos a abanar. Ninguém se atreveu a fazer frente ao Bill, mas eu sim – um cego! E perco eu a minha chance convosco! Tenho de ficar pobre de pedir, a mendigar uma gota de rum, quando bem podia andar de carruagem! Se ao menos tivessem a genica dum escaravelho, ainda os podiam caçar.

– Diabo, Pew, já cá temos os dobrões! – resmungou um deles.

– Devem ter escondido a maldita coisa – disse outro. – Agarra mas é no dinheiro e deixa-te de arrelias.

Arrelias era o termo, a ira de Pew cresceu a tal ponto e com tais argumentos que, por fim, totalmente dominado pela paixão, bateu a torto e a direito e, apesar da cegueira, a bengala atingiu os costados de vários deles com um som cavo.

Por seu turno, os atingidos insultavam o cego, ameaçando-o com palavrões incríveis e

tentando em vão tirar-lhe a bengala. Aquela zaragata foi a nossa salvação, pois enquanto ainda estava bem acesa, outro som veio do alto do monte, para o lado da aldeia – o tropel de cavalos a galope. Quase ao mesmo tempo, o estouro e o relâmpago dum tiro de pistola partiu do lado das sebes.

Era evidente tratar-se do último sinal de perigo, que levou os piratas a voltarem-se e a fugir em todas as direções, uns pela praia, outros pelo monte acima, de modo que em meio minuto todos tinham desaparecido menos Pew. Tinham-no abandonado, não sei se por puro pânico ou por vingança pelas imprecações e bengaladas dele; mas ali ficou só, a tatear a estrada num frenesi, cambaleante, chamando pelos companheiros. Por fim virou-se na direção errada e correu para além do sítio onde eu estava, direito ao povoado, a gritar:

– Johnny, Cão Negro, Dirk – e ainda outros –, não deixem o velho Pew só, rapazes, não o velho Pew!

Nessa altura, o ruído dos cavalos chegou ao máximo, e quatro ou cinco cavaleiros apareceram ao luar e deslizaram pela vertente abaixo a todo o galope.

Pew percebeu o seu engano, voltou-se com um grito e correu a direito para a valeta, onde caiu. Mas num segundo se pôs de pé e deu outra corrida, desta vez totalmente desnorteada, direto ao primeiro dos cavalos.

O cavaleiro tentou desviar-se, mas em vão. Pew caiu com um grito lancinante que rasgou a noite, e os cascos do animal atingiram-no e espezinharam-no sem interromper a corrida. Caiu de lado, depois abateu-se lentamente de bruços e ficou imóvel.

Saltei e chamei os cavaleiros. Mas já estavam todos a parar, impressionados com o desastre, e logo pude ver quem eram; o que seguia em último lugar era o rapaz que tinha ido da aldeia a casa do doutor Livesey, o resto eram guardas fiscais que encontrara no caminho e com que tinha tido a inteligência de regressar logo. As notícias da presença do lugre na Toca do Gato tinham chegado ao conhecimento do superintendente Dance e feito com que nessa noite ele viesse para os nossos lados, e foi a isso que a minha mãe e eu ficamos a dever o termos escapado à morte.

Pew estava morto e bem morto. Quanto à minha mãe, depressa recuperou os sentidos com água fria e saís depois de a transportarmos para a aldeia, e o terror pelo qual passara não foi tão forte que a fizesse esquecer de continuar a lamentar-se pelo resto do dinheiro.

Enquanto isso, o superintendente cavalgou o mais rápido que podia para a Toca do Gato, mas os seus homens tiveram de desmontar e seguir pelo vale às apalpadelas, à frente dos cavalos e por vezes tendo de os ajudar, num temor constante de encontrar emboscadas, de modo que não foi motivo de surpresa termos chegado à Toca e ver o lugre já largado, embora ainda próximo. O oficial chamou para o barco. Uma voz respondeu avisando-o para sair do luar se não queria apanhar chumbo, e ao mesmo tempo uma bala assobiou-lhe junto ao braço. Logo depois o lugre passou para lá do cabo e desapareceu. O senhor Dance ficou por ali, dizendo que se sentia como peixe fora de água, e nada mais pôde fazer do que mandar um homem a B... para avisar o barco-vedeta.

– Mas isso – acrescentou – bem pouca coisa é. Safaram-se, e acabou-se. Mas – concluiu – ainda bem que liquidei o mestre Pew – pois nessa altura já tinha sabido a minha história.

Voltei com ele à *Almirante Benbow*, e não se pode imaginar uma casa num tal estado de destruição, o próprio relógio não escapara à fúria destruidora deles ao procurarem-nos, e embora não tivessem tirado nada a não ser o saco das moedas do capitão e o dinheiro do balcão, logo reconheci que estávamos arruinados. O senhor Dance não conseguiu entender o que se passara.

– Levaram o dinheiro, dizes tu? Bem, Hawkins, então de que fortuna andavam eles atrás? Mais dinheiro, suponho?

– Não, senhor, creio que não era do dinheiro – respondi. – Por acaso, senhor, parece que queriam o que eu tenho aqui no bolso e, para lhe falar verdade, precisava pôr isto a salvo.

– Claro, rapaz, de acordo – disse ele. – Se quiseres, eu guardo-o.

– Tinha pensado que o doutor Livesey, talvez... – comecei.

– Pronto, está bem – interrompeu, com ânimo –, acho muito bem, é um cavalheiro e magistrado. E pensando melhor, posso lá ir relatar o sucedido a ele ou ao morgado. Com o Pew morto, e o caso arrumado... não é que eu sinta pena, mas ele foi morto, sabes, e as pessoas relacionam logo o caso com um oficial do fisco de sua majestade, se é que podem relacionar. Bom, Hawkins, então se quiseres, levo-te comigo.

Agradei-lhe com sinceridade, e voltamos a pé ao povoado onde tinham ficado os cavalos. Quando tinha contado à minha mãe o que ia fazer já todos estavam montados.

– Dogger – chamou o senhor Dance –, tens um bom cavalo, leva este moço contigo.

Logo que montei, agarrado ao cinturão de Dogger, o superintendente deu a partida e o grupo largou a trote largo para casa do doutor Livesey.

## CAPÍTULO VI Os papéis do capitão

Todo o caminho cavalgamos depressa, até pararmos à porta do doutor Livesey. A frente da casa estava às escuras. O senhor Dance disse-me para me apear e tocar à porta, e Dogger deu-me um estribo para descer. A criada veio abrir quase logo.

– O doutor Livesey está? – perguntei.

– Não – disse ela. O médico tinha ido a casa de tarde, mas saíra para jantar e passar o serão com o morgado no solar.

– Então vamos lá, rapazes – declarou o senhor Dance.

Dessa vez não montei porque a distância era pequena, correndo em vez disso, a par da correia do estribo de Dogger, até aos portões da propriedade, e pela longa avenida de árvores despidas, ao luar, até onde se erguia o solar debruçado, nas suas linhas brancas, sobre a extensão dos velhos jardins. Ali desmontou o senhor Dance e, levando-me com ele, foi rapidamente recebido.

Um criado conduziu-nos por um corredor atapetado até uma grande biblioteca, toda forrada de estantes encimadas por bustos e onde, de cachimbo na mão, estavam o morgado e o doutor Livesey sentados de cada lado do fogão aceso.

Nunca tinha visto o morgado tão de perto. Era alto, com mais de um metro e oitenta, bastante largo, de rosto franco e expressivo, tornado áspero e avermelhado, marcado pelas longas viagens. Tinha as sobranceiras muito negras, que ao moverem-se com vivacidade lhe davam um ar de ter algum génio, não mau, mas antes rápido e animado.

– Entre, senhor Dance – disse, muito fidalgo e condescendente.

– Boa tarde, Dance – acenou o médico. – E também para ti, amigo Jim. Que bons ventos vos trazem cá?

O superintendente, em posição de sentido, narrou a sua história como uma lição. E valia a pena ver os dois cavalheiros inclinados para a frente a olhar um para o outro, esquecendo-se de fumar tal era a sua surpresa e interesse. Ao ouvirem como a minha mãe tinha voltado à hospedaria, o doutor Livesey deu uma palmada na perna, e o morgado exclamou “Bravo!”, e partiu o cachimbo contra a grelha do fogão. Muito antes de terminar o relato, o senhor Trelawney (lembrar-se-ão que era esse o nome do morgado) tinha-se levantado e passeava-se pela sala, enquanto o médico, como se para melhor ouvir, tirara a cabeleira empoada e ficara sentado, parecendo muito estranho com o seu cabelo natural, negro e curto.

Por fim, o senhor Dance terminou a narrativa.

– Senhor Dance – afirmou o morgado –, o senhor é um homem a sério. E quanto a ter atropelado aquele meliante danado, considero que foi uma boa ação, como a de calcar uma barata. E então aqui este moço Hawkins é um ás, pelo que vejo. Hawkins, faz favor tocas essa campainha? O senhor Dance tem de beber uma cerveja.

– E então, Jim – disse o médico –, sempre és tu que tens o que eles procuravam?

– Está aqui, senhor – respondi, dando-lhe o embrulho de oleado.

O médico virou-o de todos os lados, como se ansioso por o abrir mas, em vez disso, meteu-o calmamente no bolso do casaco.

– Morgado – adiantou –, quando o Dance beber a cerveja vai ter, claro, de voltar ao serviço de sua majestade, mas eu queria que o Jim Hawkins ficasse cá e depois fosse dormir a minha casa, e se me dá licença podíamos mandar vir o empadão frio e deixá-lo cear aqui.

– À vontade, Livesey – respondeu o morgado –, o Hawkins tem direito a melhor do que empadão frio.

E assim me trouxeram uma grande empada de pombo que foi posta numa mesinha, onde comi uma ceia valente, pois tinha mais fome que um falcão, enquanto o senhor Dance, tendo recebido os últimos elogios, por fim se retirou.

– E agora, morgado? – suspirou o médico.

– E agora, Livesey? – disse o morgado, em uníssono.

– Um de cada vez, um de cada vez – acrescentou o doutor Livesey a rir. – Creio que ouviu falar do tal Flint?

– Se ouvi! – exclamou o morgado. – Diz você se ouvi falar dele! Foi o pirata mais sanguinário de todos os tempos. À vista de Flint, o Barba Negra era uma criança. Os espanhóis tinham tanto medo dele que, digo-lhe, às vezes cheguei a sentir orgulho de ser inglês. Vi com os meus olhos as velas dele, muito ao longe, ao largo da Trinidad, e o comandante do navio onde eu ia, o borrachola cobarde, fugiu logo, fugiu, senhor, para o porto de Espanha.

– Bom, também eu ouvi falar dele aqui na Inglaterra – disse o médico. – Mas a questão é... tinha ele fortuna?

– Fortuna! – exclamou o morgado. – Não soube da história? Que procuravam esses bandidos a não ser dinheiro? Que mais lhes importava senão dinheiro? Em que arriscavam o coiro se não fosse por dinheiro?

– Isso havemos de saber em breve – respondeu o médico. – Mas o meu amigo está tão acalorado e excitado que nem me dá tempo de falar. O que eu quero saber é isto: suponhamos que tenho aqui no bolso qualquer pista do sítio onde o Flint escondeu o seu tesouro, será tal tesouro muito grande?

– Grande, senhor! – exclamou de novo o anfitrião. – Será grande a este ponto: se você tem a pista que diz, eu aparelho um navio no porto de Bristol, levo-o a si e aqui ao Hawkins comigo, e hei-de ter esse tesouro nem que leve um ano a procurá-lo.

– Muito bem – concluiu o médico. – Ora então, se o Jim estiver de acordo, vamos abrir o embrulho – e pousou-o na mesa à sua frente.

O pacote estava cosido, e o médico teve de ir buscar a sua caixa de instrumentos e cortar os pontos com a tesoura cirúrgica. Continha duas coisas – um livro e um papel lacrado.

– Primeiro vamos ao livro – observou o médico.

Enquanto ele o abria, o morgado e eu espreitávamos um de cada lado, pois o doutor Livesey tivera a atenção de me chamar da mesinha onde comera para participar do entusiasmo da busca.

Na primeira página só havia umas garatujas, como se fossem feitas por uma pessoa só para se divertir ou se treinar com a pena na mão. Uma era a mesma que a marca tatuada, *Ao gosto de Billy Bones*, a seguir havia “senhor W Bones, imediato”, “Acabou-se o rum, Apanhou-o ao largo de Palm Key”, e mais alguns rabiscos, a maior parte palavras isoladas e ininteligíveis. Não pude deixar de imaginar quem seria que tinha apanhado, e o que era o que tinha apanhado. Talvez até uma faca nas costas.

– Não tem coisa que se entenda – disse o doutor Livesey, passando adiante.

As dez ou doze páginas a seguir eram preenchidas com uma curiosa série de notas. No princípio da linha havia uma data e no fim uma quantia de dinheiro, como nos livros de contas vulgares; mas em vez de entradas escritas, entre as duas só se via uma série de cruces em número variável. Por exemplo, no dia 12 de Junho de 1745, a quantia de setenta libras era claramente lançada a débito de alguém, e apenas havia seis cruces para explicar o motivo. Em alguns casos

era certo que se tinha acrescentado o nome dum local, como Ao largo de Caracas, ou só uma indicação de latitude e longitude, como “62 g. 17 min. 20 seg., 19. g. 2 min. 40 seg.”.

O registro desdobrava-se através de perto de vinte anos, com o valor das diversas verbas a crescer com o decorrer do tempo, e no fim tinha sido calculado um total geral, após cinco ou seis somas erradas, com as palavras “Bones sua parte”.

– Não consigo deslindar isto – disse o doutor Livesey.

– A coisa é clara como o dia – atalhou o morgado. – Isto é o livro de contas daquele cachorro cruel. Essas cruces são os navios ou cidades que eles meteram ao fundo ou saquearam. Os valores são a parte do malandro, e sempre que podia haver alguma dúvida, veja que ele acrescentava qualquer coisa mais clara. Ao largo de Caracas, deve ser qualquer barco infeliz abordado naquelas paragens. Deus tenha em paz as almas dessa tripulação, feitas em coral há muito.

– Certo! – disse o médico. – É o que faz ser viajante. Certo! E as verbas vão aumentando, como vê, ao passo que ele subia de posto.

Pouco mais havia no livro exceto algumas coordenadas de lugares anotadas nas folhas em branco mais para o fim, e uma tabela para reduzir dinheiro francês, inglês e espanhol a um câmbio comum.

– O manhoso! – exclamou o médico. – Não era pessoa que se deixasse vigarizar.

– E agora – disse o morgado –, vamos ao outro.

O papel fora lacrado em diversos sítios com um dedal a servir de sinete, o próprio dedal, quem sabe, que eu encontrara no bolso do capitão. O médico abriu os lacres com todo o cuidado e revelou o mapa duma ilha, com a latitude e longitude, as indicações dos fundos, nomes de montes, baías e enseadas, e todos os pormenores necessários para levar um navio a bom porto naquelas praias. Tinha cerca de quinze quilômetros de comprimento por oito de largura e o feitio podia, talvez, lembrar um dragão gordo, em pé, e com dois bons portos abrigados pela terra e uma montanha na parte central assinalada com o nome de O Óculo. Havia diversos apontamentos de data posterior mas, principalmente, três cruces traçadas a vermelho – duas na parte norte da ilha, uma no sudoeste e, ao lado desta última, escritas com a mesma tinta vermelha, em letra miúda e firme, muito diferente das letras tremidas do capitão, estas palavras: “O grosso do tesouro aqui.”

No verso do mapa, a mesma pessoa tinha escrito as seguintes indicações:

“Árvore alta, quebrada do óculo, enfiada um ponto a N. de N. N. E. Ilha do Esqueleto E. S. E. e uma quarta por E. Dez pés. Prata em barras no esconderijo norte; encontra-se na direção do cabeça leste, dez braças a sul da pedra negra com a cara. Fácil encontrar as armas na duna, ponta N. do cabo da angra norte, para E. e uma quarta N. J. F.”

Era tudo, mas, embora tão breve e, para mim, incompreensível, encheu o morgado e o doutor Livesey de contentamento.

– Livesey – declarou o morgado –, você despede-se já da sua prática que não vale nada. Amanhã parto para Bristol. Dentro de três semanas – três semanas!... duas semanas... dez dias – teremos o melhor navio, senhor, e a mais capaz tripulação de toda a Inglaterra. O Hawkins vem como grumete. E vais ser um estupendo grumete, Hawkins. Livesey é médico de bordo e eu sou almirante. Contamos com o Redruth, o Joyce e o Hunter. Vamos ter vento a favor e uma viagem rápida, sem nenhum problema para dar com o local, e dinheiro para comer – para nos rebolarmos nele –, para gozar durante toda a vida.

– Trelawney – observou o médico –, vou consigo, com a melhor das vontades, e o Jim também, e darei à empresa todo o esforço. Só há um homem que me mete medo.

– Mas quem é? – exclamou o morgado. – Diga-me quem é o malandrim!

– É o senhor – replicou o médico –, que não consegue ter tento na língua. Não somos só nós que sabemos deste papel. Aqueles que atacaram a estalagem hoje – por certo cruéis e

desesperados – e o resto que ficou no lugre, e ainda mais, atrevo-me a dizer, que não andam por longe, estão todos resolvidos a fazer tudo por tudo para deitar a mão a esse dinheiro. Nenhum de nós pode ficar sozinho até ir para o mar. Até lá o Jim e eu ficamos juntos, leve o Joyce e o Hunter consigo para Bristol e, do primeiro ao último, que nenhum de nós sobre uma só palavra daquilo que descobrimos.

– Livesey – tornou o morgado –, você tem sempre razão. Vou ser mudo como um túmulo.

## Segunda Parte

### O cozinheiro de bordo

## CAPÍTULO VII

### Vou para Bristol

Levou mais tempo do que o morgado pensara antes de estarmos prontos para ir para o mar, e nenhum dos nossos primeiros planos – nem sequer o do doutor Livesey me conservar junto dele – pôde ser levado a cabo como pretendíamos. O médico teve de ir a Londres tratar de arranjar um clínico que tomasse conta dos seus clientes, o morgado atarefava-se em Bristol, e eu fiquei a viver no solar ao cuidado do velho canteiro Redruth, quase como prisioneiro, mas cheio de sonhos do oceano e das mais risonhas fantasias de ilhas e aventuras estranhas. Ficava absorto horas a fio às voltas com o mapa, do qual recordava bem todos os pormenores. Sentado à lareira no quarto do mordomo, o meu espírito chegava àquela ilha por todas as direções possíveis, explorava-lhe todos os recantos, subia mil vezes àquele monte chamado o óculo e lá de cima gozava as mais maravilhosas e cambiantes perspectivas. Por vezes, a ilha estava apinhada de selvagens, com quem lutávamos, outras, de animais perigosos que nos perseguiam, mas em todas aquelas fantasias nada me sucedeu que fosse tão estranho e trágico como as aventuras que havíamos de viver.

Assim se escoaram as semanas, até que um belo dia chegou uma carta endereçada ao doutor Livesey, com a anotação “Para ser aberta, se estiver ausente, por Tom Redruth ou pelo jovem Hawkins”. Seguindo tais instruções, encontramos, ou melhor, encontrei eu, pois o coiteiro pouca coisa sabia ler a não ser letra impressa, as seguintes novas importantes:

“Estalagem Velha Âncora, Bristol, 1 de Março de 17... Caro Livesey, como não sei se está no solar ou ainda em Londres, mando-lhe uma via desta para os dois locais. O navio está comprado e aparelhado. Está fundeado, pronto para o mar alto. Não imagina uma escuna mais jeitosa do que esta – uma criança podia manobrá-la –, de duzentas toneladas, chama-se *Hispaniola*. Obtive-a por intermédio do meu velho amigo Blandly, que em tudo provou ser um ás de primeira ordem. Este sujeito admirável, praticamente, rendeu-se aos meus interesses e o mesmo, posso dizer, sucedeu com toda a gente de Bristol, logo que perceberam qual era o nosso porto de destino, quer dizer, tesouro...”

– Redruth – observei, interrompendo a leitura –, o doutor Livesey não vai gostar disto. No fim de contas, o morgado andou a falar.

– E daí, não está no seu direito? – resmungou o coiteiro. – Era o que faltava, se o morgado tivesse de se calar por causa do doutor, ora essa.

Contra isto desisti de tentar mais conversa, e continuei a ler:

“Foi o Blandly quem descobriu a *Hispaniola*, e com extraordinária perícia comercial a comprou por uma pechincha. Há gente em Bristol cheia de preconceitos monstruosos contra Blandly. Vão ao ponto de afirmar que tão honesta pessoa é capaz de tudo por dinheiro, que o navio lhe pertencia, e que mo vendeu por uma fortuna absurda – calúnias mais que evidentes. Ninguém se atreve, contudo, a desdizer os méritos do barco. Até agora não houve problemas.

Certo é que os operários, prestadores e os mais – foram de uma lentidão aflitiva, mas o tempo curou esse mal. Foi a equipagem que me deu mais preocupações. Pretendia uma vintena de homens – para o caso de termos de enfrentar nativos, piratas, ou os malditos franceses –, e passei por uns trabalhos do diabo para conseguir achar uma meia dúzia, até que uma sorte espantosa me trouxe exatamente o homem de que precisava.

Por puro acaso, estava eu na doca quando cheguei à fala com ele. Fiquei a saber que se trata dum velho homem do mar, que tem uma casa de hóspedes, conhece todos os marítimos de Bristol, perdeu a saúde em terra, e queria um bom lugar de cozinheiro para regressar ao mar. Contou-me que andava por ali a dar uma volta matinal, para respirar o ar da maré. Comoveu-me tanto – o mesmo lhe sucederia a si – que, cheio de pena dele, ali mesmo o engajei como cozinheiro de bordo. Chama-se Long John Silver, e perdeu uma das pernas, mas considerei isso como recomendação, pois perdeu-a ao serviço do seu país, às ordens do imortal Hawke. Não tem nenhuma pensão, Livesey. Veja que época abominável esta!

Bem, amigo, pensei ter achado só um cozinheiro, mas o que descobri foi uma equipagem. Com a colaboração de Silver, arranjamos os dois em poucos dias uma tripulação dos marujos mais valentes que se possa imaginar – não têm carinhas bonitas para se ver, mas têm todos um ar da mais decidida coragem. Digo-lhe que podíamos fazer frente a uma fragata. O Long John até despediu dois dos seis ou sete que eu já tinha contratado. Num instante me demonstrou que eles eram uns esfregões de água doce que tínhamos de evitar num empreendimento de vulto.

Estou com uma saúde e disposição magníficas, como nem um touro, durmo como um cepo, mas não vou gozar um só momento antes de ouvir os meus velhos toldos a panejar em redor do molinete. Pro mar alto! Ao diabo o tesouro! E a glória do oceano que me deu volta ao juízo. E agora, Livesey, venha já, não perca uma hora, se é meu amigo. Deixe o Hawkins ir já ver a mãe, à guarda de Redruth, e a seguir venham ambos depressa para Bristol.

John Trelawney

P S. – Ainda não lhe disse que Blandly, que a propósito mandará outro barco à nossa procura se não aparecermos até ao fim de Agosto, tinha encontrado um excelente parceiro para comandar o nosso navio – é um homem emproado, o que lamento, mas em tudo o mais é precioso. O Long John Silver desenterrou um imediato muito competente, chamado Arrow. E temos um contramestre tocador de gaita de foles, Livesey, de modo que a bordo do *Hispaniola* as coisas vão-se passar como num barco de guerra. Esqueci-me de lhe dizer que o Silver é homem de posses, tenho informações de que possui uma conta bancária, a qual nunca teve saldo negativo. Deixa a mulher para tratar da pensão e como ela é de cor, pode-se desculpar aos solteirões que nós somos o calcular que é a mulher, tanto quanto a saúde, que o faz voltar-se para a vida errante.

J. T.

P P S. – Deixe o Hawkins passar uma noite com a mãe dele. J. T.”

Bem podem calcular o estado de excitação em que esta carta me deixou. Meio fora de mim de entusiasmo, se alguma vez desprezei uma pessoa foi o velho Tom Redruth, que nada fazia senão resmungar e lamentar-se. Qualquer um dos seus subordinados teria de bom grado trocado de lugar com ele, mas tal não eram os desejos do morgado, e tais desejos eram a lei para todos eles. Entre todos, só o velho Redruth era capaz de se atrever a rezingar.

Na manhã seguinte dirigimo-nos a pé à *Almirante Benbow*, onde encontrei a minha mãe de boa saúde e disposição. O capitão, que tanto tempo fora motivo de tanto incômodo, partira para onde os piores deixam de causar transtorno. O morgado tinha mandado reparar toda a casa, pintar as salas e a tabuleta, e acrescentara alguma mobília – principalmente um lindo cadeirão para a minha mãe se sentar na taberna. Também lhe tinha arranjado um rapaz como praticante, de modo a não lhe faltar ajuda durante a minha ausência.

Foi ao ver esse rapaz que, pela primeira vez, entendi a minha situação. Até essa altura tinha pensado nas aventuras que se me deparavam, e nunca no lar que estava a ponto de deixar, e agora, à vista daquele estranho desajeitado, que me ia substituir ao lado da minha mãe, tive o meu primeiro ataque de choro. Receio ter dado àquele moço uma vida de cão pois, como era novo no serviço, logo encontrei inúmeras ocasiões para o corrigir e o deixar ficar mal, ocasiões que bem depressa aproveitei.

Passou a noite, e no dia seguinte, depois do jantar, o Redruth e eu metemo-nos de novo à estrada. Despedi-me da mãe e da enseada onde tinha vivido desde que nascera, assim como do velho e querido *Almirante Benbow*, talvez menos amado depois de pintado de fresco. Uma das minhas últimas lembranças foi a do capitão, que tantas vezes percorrera a praia com o chapéu inclinado, a cicatriz na cara, o velho óculo de latão. Logo a seguir tínhamos feito a curva, e o lar desaparecera.

A mala-posta apanhou-nos ao crepúsculo na Royal George, na charneca. Fiquei espremido entre o Redruth e um velhote rijo e, apesar do andamento rápido e do ar frio da noite, devo ter dormitado bastante logo desde o princípio, e depois dormido pesadamente por montes e vales, paragem após paragem, pois quando por fim me acordaram, foi com um encontrão nas costelas, e ao abrir os olhos dei conosco parados em frente a um grande prédio numa rua da cidade, com o dia já nascido havia muito.

– Onde estamos? – perguntei.

– Bristol – disse o Tom. – Desce.

O senhor Trelawney tinha ido morar para uma pensão junto ao porto, para vigiar as obras da escuna. De onde estávamos tivemos de seguir a pé e, com grande prazer meu, o caminho seguia ao longo dos cais e ao lado de um sem-número de navios de todos os tamanhos, aparelhos e bandeiras. Num, os marinheiros cantavam ocupados no trabalho, noutro, havia homens no ar, muito acima da minha cabeça, suspensos de fios que não pareciam mais grossos que teias de aranha. Embora sempre tivesse vivido à beira-mar, parecia-me nunca ter estado tão perto dele até então. Aquele cheiro de alcatrão e sal era novidade. Avistei as mais maravilhosas figuras de proa que tinham, todas, atravessado os mares. Além disso, vi muitos velhos homens do mar, de argolas nas orelhas, suíças encaracoladas e tranças ensebadas, com o andar cambaleante e desajeitado de todos os embarcações; não podia ficar mais encantado se me fosse dado admirar outros tantos reis ou arcebispos.

E eu próprio ia para o mar, para o mar numa escuna, com um contramestre tocador de gaita e marinheiros que usavam trança e cantavam, para o mar, com destino a uma ilha desconhecida, e à procura de tesouros enterrados.

Ainda este sonho me encantava quando chegamos de chofre a uma grande estalagem, e nos encontramos com o Morgado Trelawney, todo fardado de oficial da marinha, dum azul imponente, que saía ao nosso encontro com um grande sorriso e a imitação impecável do andar dum marinheiro.

– Cá estão vocês! – exclamou. – E o doutor chegou de Londres ontem à noite. Bravo! A campanha está completa.

– Oh, senhor – atalhei –, e quando é que partimos?

– Partir! – ecoou ele. – Pois é amanhã que partimos.

## CAPÍTULO VIII

### Na casa do Óculo

A seguir ao meu pequeno-almoço, o morgado deu-me um recado dirigido a John Silver, na casa do Óculo, dizendo-me que era fácil encontrá-la seguindo ao longo dos cais e procurando com atenção uma pequena taberna que tinha por tabuleta um grande óculo de latão. Pus-me a caminho, cheio de alegria por mais aquela ocasião de ver mais navios e marinheiros, e segui por entre uma enorme multidão de gente, carros e fardos, na hora mais movimentada do porto, até

encontrar a tal taberna.

Era um local de divertimento, pequeno mas bastante garrido. A tabuleta fora recentemente pintada, as janelas tinham cortinas vermelhas e bastante limpas, o soalho bem esfregado com areia. Estava no meio de duas ruas com uma porta de cada lado, o que dava claridade à sala grande e baixa, apesar dos rolos de fumo de tabaco.

A maior parte dos clientes eram homens do mar, e falavam tão alto que me deixei ficar à porta, quase com medo de entrar. Enquanto ali estava vi um homem sair de uma sala ao lado, e logo fiquei certo de que se tratava de Long John. A perna esquerda fora-lhe cortada rente à anca, e segurava sob o ombro esquerdo uma muleta que movia com espantosa destreza, saltitando sobre ela como um pássaro. Era muito alto e forte, com uma cara tão grande como um presunto – normal e pálida, mas expressiva e sorridente. Parecia, na verdade, muito bem-disposto, assobiando ao deslocar-se por entre as mesas, com um dito alegre ou uma palmada nas costas aos mais favorecidos dos seus fregueses.

Para falar verdade, devo confessar que, desde a primeira vez que vira o nome de Long John na carta do Morgado Trelawney, tinha receado que ele viesse a ser o próprio marinheiro duma perna só que eu tanto tempo esperara ver na velha Benbow. Mas bastou-me um olhar para aquele homem que agora estava à minha frente. Já tinha visto o capitão, o Cão Negro e o cego Pew, portanto pensei que sabia como era um pirata – alguém muito diferente, na minha ideia, daquele dono da casa limpo e bonacheirão.

De imediato recuperei coragem, entrei, e avancei direto ao homem que, arrimado à muleta, conversava com um cliente.

– É o senhor Silver, senhor? – perguntei, estendendo o recado.

– Sim, meu rapaz – respondeu –, exato, é o meu nome. E quem é vocemecê? – E ao olhar para a nota do morgado quase me pareceu que tinha estremecido.

– Oh! – continuou, em voz bem alta, e de mão estendida – Bem vejo. És o nosso novo grumete, muito prazer em conhecer-te.

E a mão grande e firme apertou a minha.

Naquele momento, um dos clientes do lado de lá da sala levantou-se bruscamente e dirigiu-se à porta. Como estava próxima, num instante ele se pôs na rua. Mas aquela pressa chamou-me a atenção e tive tempo de o reconhecer. Era o homem de cara de sebo, sem dois dedos, que primeiro tinha ido à *Almirante Benbow*.

– Oh – gritei –, apanhe-o! É o Cão Negro!

– Pouco me interessa quem é – exclamou Silver –, mas não pagou a conta. Harry, corre e apanha-o.

Um dos outros que estava mais perto da porta saltou e correu a persegui-lo.

– Mesmo se fosse o almirante Hawke tinha de pagar a conta – afirmou Silver. Depois, soltando-me a mão, perguntou:

– Quem disseste tu que era? Negro quê?

– Cão Negro, senhor. O senhor Trelawney não lhe contou dos piratas? Era um deles.

– Ai sim? – rosnou Silver. – Na minha casa! Ben, vai a correr ajudar o Harry. Então era um desses malandros, não era? Eras tu que estavas a beber com ele, Morgan? Ora vem cá.

O homem a quem tratara por Morgan, um marinheiro velho e grisalho, de rosto de mogno, avançou com ar receoso, a mascar o seu tabaco.

– Ora, Morgan – começou Long John, muito enérgico –, nunca tinhas visto esse Cão... Cão Negro até hoje, ou tinhas?

– Eu não, senhor – disse Morgan, com uma continência.

– Não sabias o nome dele, ou sabias?

– Não, senhor.

– Pelo Inferno, Tom Morgan, ainda bem para ti! – desabafou o dono da casa. – Se andasses metido com essa ralé, garanto-te que não tornavas a pôr os pés na minha casa. E que estava ele a dizer-te?

– Não sei ao certo, senhor – respondeu Morgan.

– E chamas tu cabeça a essa maldita bola furada que tens nos ombros? – gritou Long John. – Então não sabes ao certo, pois não? Talvez saibas muito bem com quem falavas afinal, talvez? Anda, que estava ele a contar, viagens, capitães, navios? Despeja. Que é que era?

– Falamos de mergulho-à-quilha<sup>1</sup> – respondeu Morgan.

– Com que então, mergulho-à-quilha? Pois até vem muito a propósito, e bem pode chegar a tua vez. Volta lá para o teu reles lugar, Tom.

Enquanto Morgan lhe obedecia, Silver segredou-me em tom de confidência, que achei muito lisonjeiro:

– O Tom Morgan é muito honesto, mas estúpido. E agora – prosseguiu, novamente em voz alta –, vejamos, Cão Negro? Não, eu cá não conheço tal nome. Mas penso que já... sim, já vi esse porco. Costumava vir aqui com um mendigo cego, costumava...

– Pode estar certo que vinha – assegurei. – Eu também conheci esse cego. Chamava-se Pew.

– Isso – exclamou Silver, agora excitado. – Pew! Era mesmo o nome dele. Ah, parecia um tubarão, parecia! Se caçarmos esse tal Cão Negro agora, vai haver novidade para o capitão Trelawney! O Ben corre bem, poucos marinheiros correm melhor que ele. Deve de certeza deitar-lhe a mão, c'os diabos! Com que então conversava do mergulho-à-quilha? Pois quem lhe dá o mergulho sou eu!

Enquanto declamava estas frases, coxeava dum lado ao outro da taberna agarrado à muleta, dava palmadas nas mesas e exibia tal excitação que seria capaz de convencer um juiz do Criminal ou um solicitador da Baixa. Todas as minhas suspeitas haviam sido acordadas de novo ao encontrar o Cão Negro no “Óculo”, e observei o cozinheiro com toda a atenção. Mas era disfarçado, rápido e esperto demais para mim, e na altura em que os dois homens regressaram sem poderem respirar, confessando terem perdido a pista no meio duma multidão, e depois de terem sido repreendidos como dois ladrões, senti-me capaz de atestar a inocência do Long John Silver.

– Ora vê lá tu, Hawkins – afirmou –, que diabo de coisa havia de acontecer a um homem como eu, não é? E o capitão Trelawney... que vai ele pensar? Aí está aquele maldito filho de pirata sentado em minha casa, a beber-me do rum! Chegas tu e pões-me tudo às claras, e aqui o deixo escapar das nossas mãos completamente às cegas! Agora, Hawkins, vê lá se me fazes justiça junto do capitão. Claro que és ainda um rapaz, mas és fino como tinta. Vi logo quando cá entraste. Ora aqui está que podia eu fazer preso a este pau velho? No tempo em que era oficial de marinha graduado havia de o atracar, de lhe deitar a mão e de o estrancinhar com um par de safanões, era bem capaz disso, mas agora...

De súbito, interrompeu-se e deixou cair os queixos como se se lembrasse de qualquer coisa.

– A conta! – explodiu. – Três doses de rum! Ora, que o meu convés rebente, se não me tinha esquecido da conta!

E, deixando-se cair num banco, pôs-se a rir até as lágrimas lhe correrem pela cara. Não pude deixar de o acompanhar, e rimos juntos, em gargalhadas incontidas, até a taberna ficar outra vez cheia de barulho ensurdecedor.

– Ora mas que rico boi-marinho eu sou! – concluiu, limpando o rosto. – Nós os dois vamo-nos dar bem, Hawkins, porque aposto a minha lanterna que o meu posto devia ser moço de convés. Mas, vamos lá, agora, prontos para partir. Isto não nos serve. O dever é o dever, malta. Vou buscar o meu velho chapéu de plumas, e vou contigo ao capitão Trelawney para contar o sucedido. Pois olha que é um caso sério, Hawkins, e nem tu nem eu nos podemos gabar de o ter resolvido. Nem um nem outro, dirás tu, foi esperto... nenhum dos dois esperto. Mas raios me partam! Aquela da conta foi bem boa.

---

<sup>1</sup> Correctivo usado na disciplina marítima, que consistia em lançar um homem à água e ir pescá-lo na amurada oposta, com o navio em movimento, claro. (N. do T.)

E começou de novo a rir, e com tanta gana que, embora não visse a piada, tal como ele, fui outra vez obrigado a juntar-me ao seu contentamento.

No breve percurso pelos cais tornou-se na mais cativante das companhias, contando-me tudo sobre os navios por que íamos passando, os aparelhos, a tonelagem e as bandeiras, e explicando-me o decorrer do trabalho – um que descarregava, outro que recebia carga, um terceiro pronto a largar, e a cada momento contava-me qualquer pequena anedota de barcos ou marinheiros, ou repetia uma expressão náutica até eu a ter aprendido na perfeição. Comecei a entender que estava ali um dos melhores de todos os possíveis companheiros de bordo.

Chegados à estalagem, o morgado e o doutor Livesey estavam sentados, a acabar um quarto de cerveja antes de se dirigirem a bordo da escuna numa visita de inspeção.

Long John narrou o sucedido do princípio ao fim, com grande ânimo e todo o rigor da verdade. – Foi assim ou não foi, Hawkins? – perguntava a cada passo, e pude sempre concordar plenamente.

Os dois cavalheiros lamentaram que o Cão Negro tivesse escapado, mas todos concordamos que não havia nada a fazer e, depois de ser felicitado, o Long John pegou na muleta e partiu.

– O pessoal a bordo às quatro da tarde! – gritou-lhe ainda o morgado.

– Muito bem, senhor! – respondeu-lhe o cozinheiro à saída.

– Bom, morgado – observou o doutor Livesey –, olhe que não tenho grande fé nas suas descobertas, isto em geral, mas uma coisa lhe digo... o John Silver é dos meus.

– Um verdadeiro trunfo – declarou o morgado.

– E agora – juntou o médico –, o Jim pode vir a bordo conosco, não pode?

– Claro que sim – respondeu o morgado. – Pega no chapéu, Hawkins, e vamos ver o barco.

## CAPÍTULO IX

### Pólvora e armas

O *Hispaniola* estava fundeado bastante longe, e passamos sob as figuras de proa e à volta das popas de muitos outros navios, cujas amarras por vezes roçavam o fundo do bote e outras balouçavam sobre nós. Por fim, abordamos o barco e, ao subir, fomos recebidos e saudados pelo imediato, senhor Arrow, um homem do mar velho e moreno, que usava brincos e tinha um olho torto. Ele e o morgado eram muito dados e amigos, mas em breve pude notar que não se passava o mesmo entre o senhor Trelawney e o capitão.

Este último tinha um ar áspero, parecia contrariado com tudo o que se passava a bordo, e cedo ficamos a saber por que, pois mal tínhamos descido ao camarote quando um marinheiro nos foi dizer:

– O capitão Smollett, senhor, deseja falar-lhe.

– Estou sempre às ordens do comandante. Diz-lhe que entre – respondeu o morgado.

O capitão, que vinha logo atrás do homem, entrou de seguida e fechou a porta.

– Bem, senhor – começou o capitão –, acho que o melhor é falar a direito, mesmo com o risco de o ofender. Não me agrada este cruzeiro, não gosto da tripulação, e não gosto do meu primeiro oficial. E pronto, quanto mais depressa menos magoa.

– Aliás, senhor, talvez não lhe agrade o navio? – interrogou o morgado, muito zangado –, como pude ver.

– Quanto a isso não posso dizer, senhor, antes de o ensaiar – foi a resposta. – Parece-me de boa construção, mais não posso adiantar.

– E se calhar, senhor, também lhe desagrade quem lhe deu o emprego? – continuou o morgado.

Aí o doutor Livesey interrompeu.

– Deixe estar – disse –, um momento. Não interessa fazer essas perguntas que só causam

má impressão. O comandante ou já falou de mais ou ainda não disse nada, e o que eu tenho de dizer é que peço explicações. O que o senhor disse foi que o cruzeiro não lhe agradava. Então, por quê?

– Fui contratado, senhor, na base do que se chama instruções secretas, para conduzir este barco por conta deste senhor, com o destino que ele dissesse – prosseguiu o capitão. – Até aí tudo bem. Mas agora descubro que todos os homens da equipagem sabem mais do que eu. Ora, acho que isto não é justo, ou é?

– Não – disse o doutor Livesey –, acho que não.

– Depois – continuou o capitão –, dizem-me que vamos procurar um tesouro, atenção, é a própria tripulação quem o diz. Ora, os tesouros são coisa que faz muitas comichões, não gosto de expedições aos tesouros seja a que propósito for, e não gosto principalmente se forem secretas, e ainda por cima quando (que o senhor Trelawney me desculpe) o segredo já foi contado ao papagaio.

– Ao papagaio do Silver? – perguntou o morgado.

– Um modo de falar – retorquiu o capitão. – Quero dizer, falatório. Estou convencido de que nenhum dos senhores sabe bem o que vai fazer, mas digo-lhes a minha opinião, isto é de vida ou de morte, e uma corrida às cegas.

– É evidente que sim, e até acho que é verdade – respondeu o doutor Livesey. – Corremos o risco, mas olhe que não somos tão ingênuos como o senhor pensa. E depois, também nos disse que não gosta da equipagem. Por que, não são bons marinheiros?

– Não gosto deles, senhor – insistiu o capitão Smollett. – E penso que a escolha devia ser comigo, se não se importa.

– Talvez tenha razão – retorquiu o médico. – Talvez o meu amigo tivesse feito melhor se o senhor fosse com ele, mas essa falta, se a houve, foi involuntária. E o senhor antipatiza com o senhor Arrow?

– Não, senhor. Creio que é um excelente marinheiro, mas dá confiança de mais aos homens para ser um bom oficial. Um imediato deve ser reservado... e não andar nos copos com o pessoal do convés.

– Quer dizer que ele bebe por hábito? – saltou o morgado.

– Não, senhor – assentiu o comandante –, só quero dizer que ele exagera na familiaridade.

– Ora bem, capitão, e agora vamos lá saber – adiantou o médico. – Diga-nos o que pretende.

– Bom, meus senhores, estão absolutamente resolvidos a fazer a viagem?

– Como nunca – respondeu o morgado.

– Muito bem – atalhou o capitão. – Nesse caso, como já ouviram com muita paciência coisas que eu disse sem poder provar, quero dizer mais umas palavras. A pólvora e as armas estão a ser postas no porão da vante. Ora acontece que há um bom espaço por baixo do camarote, porque não colocá-las aqui? – primeiro ponto. Depois os senhores trazem quatro pessoas, e pelo que sei algumas delas vão ser alojadas à proa. Porque não se arranja lugar aqui ao lado do camarote? – segundo ponto.

– Mais alguma coisa? – perguntou o senhor Trelawney.

– Mais uma – disse o comandante. – Já houve falatório a mais.

– Demais – concordou o médico.

– Vou dizer-lhes o que ouvi – continuou o capitão Smollett. – Que os senhores têm um mapa da ilha, que há cruzeiros no mapa a mostrar onde está o tesouro, e que a ilha fica a... – e mencionou a latitude e a longitude exatas.

– Eu nunca disse isso – gemeu o morgado –, a viva alma.

– Os homens sabem-no, senhor – ripostou o capitão.

– Livesey, deve ter sido você ou o Hawkins – exclamou o morgado.

– Nem interessa muito quem tenha sido – retorquiu o médico.

E pude ver que nem ele nem o comandante davam muita atenção aos protestos do senhor Trelawney. O certo é que eu também não, pois já lhe conhecia aquela língua solta, mas quanto àquele caso penso que tinha de fato razão, e que ninguém falara na localização da ilha.

– Bem, meus senhores – prosseguiu o capitão –, não sei quem tem esse mapa, mas ponho a condição de ser mantido em segredo até mesmo de mim e do senhor Arrow. De contrário, teria de me demitir.

– Compreendo – disse o médico. – O senhor pretende ocultar o caso e fazer uma guarnição à ré do navio com o pessoal particular do meu amigo, e que disponha de todas as armas e pólvora que há a bordo. Por outras palavras, receia um motim.

– Cavalheiro – observou o capitão Smollett –, sem nenhuma intenção de o melindrar, não lhe dou o direito de pronunciar por mim palavras que não me saíram da boca. Nenhum comandante, senhor, saía para o mar se tivesse motivo bastante para tal. Quanto ao senhor Arrow, creio que é absolutamente honesto, alguns dos homens também, tanto quanto sei, podem ser todos. Mas sou responsável pela segurança do barco e pela vida de todos a bordo, seja quem for. Pelo meu modo de ver, as coisas não estão a correr lá muito bem, e estou a pedir-lhe para tomar certas precauções, ou então que me deixe demitir do meu lugar. E é tudo.

– Capitão Smollett – começou o médico, sorrindo –, já conhece a fábula da montanha que pariu um rato? Desculpe lá, mas o senhor até me fez lembrar essa história. Aposto a minha peruca em como quando o senhor aqui entrou até vinha com outras intenções.

– Doutor – disse o capitão –, o senhor é esperto. Quando cheguei vinha resolvido a ser dispensado. Nem tinha pensado que o senhor Trelawney me desse ouvidos.

– Nem por sombras – atalhou o morgado. – Se não estivesse cá o Livesey; eu por mim tinha-o mandado para o diabo. Mas agora, já o ouvi. Farei como deseja, mas tenho a pior impressão da sua pessoa.

– Como queira, senhor – terminou o capitão. – Vai ver que cumpro o meu dever.

E com isto, retirou-se.

– Trelawney – afirmou o doutor –, apesar do que eu pensava, creio que já conseguiu arranjar dois homens sérios a bordo, este homem e o John Silver.

– O Silver, concordo – protestou o morgado –, mas esse batoteiro insuportável, digo-lhe que acho que a conduta dele não é de homem, nem de marinheiro, nem sequer dum inglês.

– Bem – disse o médico –, veremos.

Quando saímos para o convés os homens já tinham principiado a retirar as armas e a pólvora e cantarolavam para ajudar o trabalho, vigiados pelo capitão e pelo senhor Arrow.

Agradou-me muito a nova disposição das coisas. Toda a escuna tinha sido sujeita a uma revisão; do que fora a parte posterior do porão principal tinham-se feito acomodações para seis pessoas, ficando assim o bloco dos camarotes ligado à cozinha e ao castelo de proa só por um corredor de tabiques a bombordo. A princípio deviam ser ocupadas pelo comandante, o senhor Arrow, Hunter, Joyce, o doutor e o morgado. Mas agora duas delas seriam para o Redruth e para mim, enquanto o senhor Arrow e o capitão dormiriam na entrecoberta do convés, que tinha sido aumentada dos dois lados de modo a formar quase uma cabina de popa. Claro que ainda era muito baixa, mas mesmo assim havia espaço para pendurar duas redes, e até o imediato pareceu satisfeito com aquele arranjo. Talvez ele próprio tivesse dúvidas quanto à equipagem, mas isso é apenas uma suposição pois, como ficarão a saber, não foi por muito tempo que pudemos contar com a opinião dele.

Andávamos todos atarefados com a mudança da pólvora e dos beliches, quando um bote trouxe os dois últimos homens e o Long John.

O cozinheiro embarcou com a agilidade dum macaco e, ao ver o que se passava, gritou:

– Olha lá, malta! Que estão a fazer?

– A mudar a pólvora, pá – respondeu um.

– Ora, c'os diabos – lamentou-se –, assim perdemos a maré da manhã!

– Sou eu quem dá ordens! – exclamou o capitão, secamente. – Podes descer, meu

homem. O pessoal há-de querer a ceia.

– Muito bem, senhor – respondeu o cozinheiro e, tocando a aba do chapéu, logo desapareceu direito à cozinha.

– Ali está um bom homem, comandante – disse o médico.

– É muito possível, senhor – respondeu o capitão Smollett. – Cuidado aí, rapazes, cuidado – continuou, para os homens que mudavam a pólvora; de repente deu comigo a admirar o canhão giratório que levávamos a meia-nau, uma peça comprida de calibre nove, recoberta de latão fundido: – Tu aí, grumete – bradou –, já daí para fora! Vai-te apresentar ao cozinheiro e toca a trabalhar.

Corri logo, mas ainda a tempo de o ouvir dizer em voz bem alta para o médico:

– Não admito favoritismos a bordo do meu navio.

Garanto-lhes que fiquei logo adepto do modo de pensar do morgado, e detestei o comandante com todas as forças.

## CAPÍTULO X

### A viagem

Toda a noite durou a azáfama para deixar tudo bem arrumado e estivado, enquanto carradas de amigos do morgado, o senhor Blandly e outros vinham ao largo para nos desejarem os votos de boa viagem e feliz regresso. Nunca na *Almirante Benbow*, quando era eu a fazer metade do serviço, tínhamos passado uma noite semelhante, e estava completamente estafado quando, pouco antes do amanhecer, o contramestre apitou e o pessoal começou a manobrar as barras do cabrestante. Mas mesmo que o meu cansaço fosse a dobrar não seria capaz de sair do convés, onde tudo para mim tinha novidade e interesse, as ordens secas, as notas agudas do apito, os homens afadigados nos seus postos, ao clarão das lanternas de bordo.

– Anda lá, ó Churrasco, dá-nos a deixa – gritou uma vez.

– A de antigamente – exclamou outra.

– Muito bem, malta – disse o Long John, que observava apoiado à muleta, e logo entoou aquela música e letra que eu conhecia tão bem:

“Quinze homens na arca do morto”...

E toda a equipagem lhe respondeu em coro:

“Aiou-ou-ou e uma garrafa de rum!”

E ao terceiro *ou* puxaram as barras à frente num impulso coletivo.

Até naquele instante de excitação tudo me fez recuar num segundo à velha *Almirante Benbow*, como se ouvisse a voz estridente do capitão juntar-se ao coro. Mas logo a âncora foi suspensa e ficou fixa à vante, a gotejar, logo as velas principiaram a puxar-nos, a terra e os navios a deslizar de ambos os lados e, antes que pudesse estender-me para arrancar uma hora de sono, o *Hispaniola* tinha começado a viagem à Ilha do Tesouro.

Não vou narrar a viagem em pormenor. Tudo correu bem. O navio provou ser excelente, a tripulação capaz e o comandante perfeitamente ciente das suas funções. Mas antes de chegarmos à Ilha do Tesouro ocorreram duas ou três coisas que merecem ser contadas.

Em primeiro lugar, o senhor Arrow revelou ser ainda pior do que o capitão tinha receado. Não tinha autoridade sobre os homens, e as pessoas faziam dele o que lhes apetecia. Mas isso não era o pior, porque logo no começo da viagem começou a aparecer no convés com olhos turvos, face vermelha, voz entaramelada e outros sinais de embriaguez. Repetidas vezes foi repreendido e mandado recolher, outras, caiu e arranhou-se. Umas vezes ficava todo o dia estendido no pequeno catre num lado da camarata, outras conseguia estar quase sóbrio por um ou dois dias e

fazia o serviço menos mal.

Entretanto não fazíamos ideia onde ele arranjava a bebida. Era o mistério do barco. Por muito que o vigiássemos, nada podíamos descobrir e, quando lho perguntavam cara a cara, se estivesse bêbedo só se ria mas, quando estava sóbrio, negava solenemente tomar fosse o que fosse a não ser água.

Não era um inútil só como oficial, com a má influência que isso tinha nos homens, como também era bastante claro que daquele modo acabaria de certeza por se matar, de maneira que não foi grande surpresa para ninguém, nem sequer desgosto, quando uma noite escura, com o mar encapelado, desapareceu de vez para não mais ser visto.

– Foi pela borda fora! – observou o comandante. – Bem, senhores, isso poupa o trabalho de o pôr a ferros.

Mas assim seguíamos sem um primeiro oficial, e era preciso, evidentemente, promover um dos homens. O candidato mais indicado era o contramestre Job Anderson que, embora conservando o posto anterior, passou a servir de imediato. O senhor Trelawney, que já tinha experiência do mar, provou a utilidade dos seus conhecimentos, pois também serviu muitas vezes em quartos de vigia com bom tempo. E o timoneiro Israel Hands era um velho e bem treinado marinheiro, cuidadoso e hábil, em quem se podia confiar para quase todos os problemas.

Era um homem de grande confiança do Long John Silver, e mencionar o seu nome levava-me a falar de novo do cozinheiro de bordo, o “Churrasco”, como os outros o tratavam. A bordo trazia a muleta segura por um pedaço de escota ao pescoço, para ter as mãos o mais livres possível. Era digno vê-lo encaixar a ponta da muleta num tabique e, apoiado nela, acompanhando todos os movimentos do navio, prosseguir nos seus cozinhados com a segurança de qualquer pessoa em terra. E ainda mais curioso era vê-lo atravessar o convés com mau tempo. Tinha mandado esticar um cabo ou dois para o ajudar a atravessar os pontos mais largos – chamavam-lhes os brincos do Long John – e deslocava-se de um para outro lugar, ora empregando a muleta, ora levando-a de rastos pelo cordão ao pescoço, tão rápido como qualquer outro que pudesse caminhar. Mesmo assim, alguns dos que antes tinham viajado com ele lamentavam vê-lo tão diminuído.

– Não tem nada de vulgar, esse Churrasco, – dizia-me o timoneiro. – Teve boa educação quando era novo, e é capaz de falar como um livro se lhe apetecer, e duma coragem... um leão à beira do Long John não é nada! Já o vi agarrar quatro duma vez e dar-lhes cabo das cabeças, e desarmado.

Toda a equipagem o respeitava e até lhe obedecia. Tinha uma capacidade de comunicar com qualquer um e de prestar a todos pequenas atenções. Para mim era duma amabilidade incomparável, e sempre satisfeito de me ver na cozinha, que mantinha limpa como nova, os pratos rebrilhavam alinhados – ao alto e, ao canto, o papagaio numa gaiola.

– Anda daí, Hawkins – dizia –, anda cá conversar com o John. Ninguém é mais bem-vindo que tu, meu rapaz. Senta-te aí e ouve as notícias. Cá está o Capitão Flint, trato o papagaio por Capitão Flint, nome do pirata célebre, cá está o Capitão Flint a predizer bom sucesso para a viagem. Não estavas, capitão?

E o papagaio respondia, com grande rapidez: – Peças de oito! Peças de oito! Peças de oito! – até dar a impressão que ia perder o fôlego ou até o John cobrir a gaiola com o lenço.

– Ora, esse passarão – continuava – talvez tenha duzentos anos, Hawkins... em geral nunca morrem, e só o diabo em pessoa deve ter visto tanta maldade junta. Este andou a bordo com England, o grande capitão pirata England. Foi a Madagascar, ao Malabar, ao Suriname, a Providence, a Portobello. Esteve na recuperação das cargas de prata naufragadas. Foi lá que aprendeu a dizer Peças de oito”, e não admira, eram trezentas e cinquenta mil, Hawkins! Esteve na abordagem do barco *Vice-rei das Índias*, ao largo de Goa, lá isso esteve, e ao olhares para ele ainda te parece criança. Mas tu cheiraste a pólvora, não cheiraste, capitão?

– A postos para largar – guinchava o papagaio.

– Ah, lá jeitoso é ele – dizia o cozinheiro, dando-lhe do bolso um torrão de açúcar,

enquanto o papagaio debicava as grades com uma série de pragas, numa imitação de malvadez.

– Ora aí tens – acrescentava o John –, a gente não pode mexer no peixe sem se sujar, rapaz. Aqui está este meu velho pássaro inocente a queimar uns palavrões, e podes ter a certeza que nem sabe o que diz. Por assim dizer, era capaz de dizer o mesmo ao padre – e levava os dedos à pluma do chapéu com tal solenidade que me fazia pensar ser a melhor das criaturas.

Entretanto, o morgado e o capitão Smollett ainda se mantinham muitíssimo distantes um do outro. O morgado não disfarçava nada, desprezava o capitão. Este, por sua vez, só falava quando se lhe dirigiam e era sempre exato, breve e seco, de um laconismo bem medido. Convencido por falta de argumentos, admitia que talvez se tivesse enganado quanto à tripulação, que alguns dos homens eram tão aptos quanto podia desejar, e que era bom o comportamento de todos. Quanto ao navio, tinha-se-lhe afeiçoado por completo.

– O barco responde ao vento ainda melhor do que um homem pode exigir da própria mulher, senhor. Mas – acrescentava – só tenho a dizer que ainda não estamos de volta e que a viagem não me agrada.

Ao ouvir isto, o morgado virava costas e punha-se a percorrer o convés, de nariz levantado.

– Mais uma palavra dele – afirmava –, e vou rebentar.

Tivemos algumas borrascas, que apenas serviram para comprovar as excelentes qualidades do *Hispaniola*. Todos pareciam bastante satisfeitos, e caso contrário seria gente impossível de contentar, pois creio bem que nunca se vira uma companhia tão paparicada desde que Noé se fizera ao mar. A dose dupla de grogue era distribuída ao menor dos pretextos, em dias especiais havia doce, como por exemplo sempre que o morgado soubesse que alguém fazia anos, e um barril de maçãs ficava sempre aberto de fresco a meia-nau, para quem quisesse servir-se.

– Que eu saiba isto nunca deu bom resultado – observava o capitão ao doutor Livesey. – Estragar os homens com mimo faz deles diabos. É o que penso.

Mas algum bem veio ao mundo pelo barril de maçãs, como vão saber, pois se não fosse isso não chegaríamos a apercebermo-nos do perigo e podíamos ter todos morrido à traição.

Passo a contar o sucedido.

Tínhamos apanhado os ventos alísios para colocar a brisa a nosso favor na demanda da ilha – não me é permitido ser mais claro –, e para lá vogávamos com vigia constante dia e noite, em boa velocidade.

Pelos cálculos mais largos, devíamos estar cerca do último dia da viagem de ida. A qualquer altura da noite ou, o mais tardar, antes do meio-dia seguinte, devíamos avistar a Ilha do Tesouro. Seguíamos para sul-sudoeste, firmes no curso da brisa e com mar calmo. O *Hispaniola*, em balanço regular, banhava a cada passo o pau da proa numa cabeleira de espuma. De baixo até acima, todo o pano puxava, era geral a melhor das disposições, pois chegava ao termo a primeira parte da nossa aventura.

Foi logo a seguir ao sol-posto, quando tinha terminado o meu serviço e me preparava para deitar, que me apeteceu comer uma maçã. Saltei ao convés. O vigia estava todo à vante à espera de ver a ilha. O da ré ocupava-se em manter o pano no curso da brisa e assobiava para si próprio, o que era o único som além do marulho das ondas em redor do barco.

Trepei para dentro do barril, para descobrir que estava quase completamente vazio. No entanto, sentado ali na escuridão e com o som do mar a juntar-se ao baloiçar do navio, teria dormitado, ou estava a ponto disso, quando um homem se sentou com estrondo, mesmo encostado ao barril. Este estremeceu com o encontrão, e ia eu a saltar lá de dentro quando o homem começou a falar. Era a voz do Silver e, mal teria dito uma curta dúzia de palavras, já eu tinha decidido não me mostrar por nada deste mundo, mas antes quedar-me ali, a tremer e à escuta, no limite do medo e da curiosidade, pois aquela dúzia de palavras dera-me a entender que as vidas de toda a gente seria que havia a bordo só de mim dependiam.

## CAPÍTULO XI

### O que ouvi no barril de maçãs

– Não, eu não – dizia o Silver. – O capitão era Flint, eu era quartel-mestre, cá com a perna de pau. Na mesma descarga de metralha que me fez perder a perna, o velho Pew ficou sem olhos. Quem me amputou foi um mestre cirurgião, da universidade e tudo, carradas de latim, e tudo, mas foi enforcado como um cachorro, e fumado ao sol como os outros, no *Corso Castle*. Foram os homens do Robert, foram, que andavam sempre a mudar o nome aos navios... o *Royal Fortuna* e os outros. Ora, já que se batiza um barco, o melhor é deixá-lo ficar assim, acho eu. Assim foi com o *Cassandra*, que nos trouxe todos a salvo do Malabar, depois do England ter tomado o *Vice-rei das Índias*, assim foi com o velho *Walrus*, que era o antigo navio do Flint, e que eu vi feito num charco vermelho de sangue e quase a ir ao fundo com a carga de ouro.

– Ah! – exclamou uma segunda voz, a do tripulante mais novo da companhia, sem esconder a sua admiração. – Ele era a flor de todo o rebanho, o Flint!

– Aliás, o Davis também era um grande homem, ao que dizem – observou o Silver. – Nunca fui ao mar com ele, fui primeiro com o England, depois com o Flint, e aí está a minha vida e, por assim dizer, agora vou aqui por minha conta e risco. Com o England ganhei novecentas libras, e com o Flint duas mil. Não é nada mau para um marujo qualquer... tudo poupado e guardado no banco. Ora não é o ganho, o que interessa é poupar as massas, é o que te garanto. Onde param os homens todos do England? Não sei. E os do Flint? Ora, a maior parte dele vai aqui a bordo, e felizes por comerem pudim... dantes andavam a pedir esmola, alguns deles. O velho Pew, esse, depois de perder a vista, para se dar ares, gasta num ano mil e duzentas libras, como um lorde. E onde está? Está morto e bem morto, lá em baixo, mas ainda andou dois anos que o convés me rebente, a morrer de fome. Pedia esmola, roubava, degolava gente, e nunca deixou de passar fome, cos diabos!

– Bem, no fim de contas, de pouco vale – disse o moço.

– De pouco vale aos tolos, afianço-te, nem isso, nem nada – exclamou o Silver. – Mas olha lá agora, ainda és novo, mas és fino como tinta, percebi isso logo que te vi, e vou-te falar de homem para homem.

Podem imaginar como fiquei ao ouvir aquele malandrim abominável falar ao outro exatamente com as mesmas palavras de insinuação que tinha usado para comigo. Senti que seria capaz de o matar através do barril. Entretanto ele continuava, muito longe de supor que estava a ser escutado.

– Eis o que se passa com um cavaleiro andante. Vive-se no duro, arrisca-se a ser pendurado, mas come-se e bebe-se como galos de combate, e quando se faz um cruzeiro, pois traz-se no bolso uns centos de libras em vez de uns centos de réis. Ora, a maioria esbanja tudo no rum e na boa vida, e depois torna a embarcar só com a camisa que traz no corpo. Mas comigo não é assim. Arrecado tudo, deposito um pouco aqui, mais algum noutra sítio, e nunca grandes dinheiros num banco só, para não levantar suspeitas. Repara que vou nos cinquenta anos, ao voltar desta viagem vou-me instalar de vez como um homem de bem. Também já não é sem tempo, dirás tu. Ah, mas tenho sempre levado uma vida regalada, nunca me privei de nada, de nenhum desejo, e toda a vida dormi no macio e comi do melhor, menos a bordo. E por onde comecei? Por ser moço de convés, como tu!

– Bem – atalhou o outro –, mas o outro dinheiro todo já acabou, não acabou? Você não se atreve a voltar para Bristol depois desta.

– Ai sim, então onde pensas tu que ele estava? – perguntou o Silver, trocista.

– Em Bristol, nos bancos e sítios assim – foi a resposta.

– Estava – declarou o cozinheiro –, estava quando levantamos ferro. Mas agora quem o tem é a velha da patroa. E o Óculo está vendido, com a licença, a freguesia e o recheio, e a velhota já partiu ao meu encontro. Era capaz de te dizer o sítio, porque confio em ti, mas podia fazer inveja ao resto da malta.

– E pode ter confiança na sua mulher?

– Os cavalheiros de indústria – tornou o cozinheiro – normalmente pouco confiam uns nos outros, e com razão, podes crer. Mas eu cá tenho o meu estilo, sabes. Esteja eu onde estiver; não há neste mundo camarada capaz de me armar o laço... quero dizer, nenhum que me conheça. Havia quem tivesse medo do Pew, e quem tivesse medo do Flint, mas o Flint em pessoa não se atrevia comigo. Medo tinha ele, e era bravo. Se houve tripulação mais dura, era a do Flint, o próprio diabo era capaz de se encolher de embarcar com eles. Ora, como te digo, não gosto de me gabar, e já viste como sou sociável, mas quando fui quartel-mestre, os antigos piratas do Flint não eram propriamente cordeiros. Enfim, podes considerar-te em segurança no navio aqui do velho John.

– Bom, agora lhe digo – retorquiu o moço – que não dava meio tostão pelo lugar antes de ter esta conversa consigo, John, mas agora já posso apertar-lhe a mão.

– E além de seres valente também és esperto – concluiu o Silver, apertando-lhe a mão com energia a ponto de fazer estremecer o barril –, e para um cavaleiro andante nunca estes olhos toparam com figura de proa mais perfeita do que a tua.

Por essa altura tinha começado a entender o significado daquelas expressões. Por cavaleiro andante ou de indústria, queriam dizer nem mais nem menos do que um pirata vulgar, e a cena que acabava de escutar era a parte final da corrupção dum homem honesto, talvez do último que restava a bordo. Mas quanto a isso não tardei a ficar convencido, pois a um pequeno assobio do Silver um terceiro homem se aproximou para tomar parte na conferência.

– O Dick é fixe – declarou o Silver.

– Oh, já sabia que o Dick era fixe – retorquiu a voz do timoneiro Israel Hands.

– O Dick não é nenhum tolo – estava a mascar tabaco e cuspiu. – Mas olha lá – continuou –, o que eu quero saber, “Churrasco...” é quanto tempo temos de andar aqui fora e dentro como num maldito barco de mantimentos. Já estou a ficar farto do capitão Smollett, já não lhe posso ver a sombra, cum raio! Tenho ganas de ir morar naquele camarote. Quero as conservas e os vinhos deles, e o resto.

– Israel – adiantou o Silver –, a tua cabeça não vale grande coisa, nem nunca valeu. Mas acho que consegues ouvir, pelo menos tens as orelhas grandes. Ora o que te digo é isto: vais dormir à vante, ter a vida dura, falas mansas, e não beber, até eu dar o sinal, isso te garanto, filho.

– Bom, eu não disse o contrário, pois não? – gemeu o timoneiro. – O que eu digo é, quando? Foi o que eu disse.

– Quando! C'os diabos! – protestou o Silver. – Pois já que queres saber, digo-te quando. Vai ser no último momento até onde eu conseguir chegar. Temos um piloto de categoria, o capitão Smollett, a comandar-nos o navio. Temos aquele morgado e o doutor com um mapa e esse... não sei onde está, pois não? E tu também não, claro. Ora bem, então quero dizer que esse morgado e o doutor vão encontrar o artigo e ajudar-nos a trazê-lo para bordo, c'os diabos. Depois veremos. Se eu estivesse bem seguro de vocês todos, seus filhos de pirata enfeitado, deixava o capitão Smollett conduzir o barco de volta até meio da viagem antes de dar o golpe.

– Mas acho que afinal todos aqui somos marinheiros, ao que parece – disse o moço Dick.

– Queres dizer que todos sabemos trabalhar na coberta – disparou o Silver. – Sabemos seguir uma rota, mas quem é que a calcula? Aí é que os cavalheiros se enganam, sem exceção. Pela minha maneira de ver as coisas, deixava o capitão Smollett voltar a pôr-nos nos alísios, pelo menos, aí já não havia os malditos erros de cálculo e podíamos sustentar-nos a água. Mas eu já vos conheço. E é uma lástima ter de dar cabo deles na ilha, logo depois de carregar o trambolho. Mas vocês nunca ficam satisfeitos até se embebedarem. Que eu fique arrombado, se não enjoa de andar a bordo com gente desta laia!

– Não compliques tudo, Long John – queixou-se o Israel. – Quem é que te vai contrariar?

– Ora, diz lá quantos navios pensas que eu já vi aprisionados? E quantos moços espertos no fumeiro da Doca da Força? – gemeu o Silver. – E todos por causa da mesma mania da pressa e mais da pressa. Estás a ouvir? Eu no mar já vi umas coisas, já passei por elas. Quem for capaz

de manter a rota, e dar atenção à bolina, vai poder andar de carruagem, e vai mesmo. Mas vocês, vocês não! Eu já os conheço. Só querem o rum garantido de véspera, e acabou-se.

– Toda a gente sabe que és como um capelão, John, mas havia outros que sabiam manobrar e governar tão bem como tu – observou o Israel. – E gostavam de gozar um bocado. Não eram tão rijos e frios, nem de longe, mas gostavam da boa vida, como compinchas, todos eles.

– Achas? – disse o Silver. – E onde estão agora? O Pew era desses, e morreu na miséria. O Flint também, e morreu afogado em rum em Savannah. Pois, eram todos uma maravilha, eram! Mas onde foram parar?

– Mas – perguntou o Dick –, quando lhes saltarmos em cima, afinal que vamos fazer deles?

– Tu é que és dos meus! – desabafou o Silver, apreciativo. – É assim que se fala de negócios. Bom, que é que achas? Abandoná-los numa ilha deserta? Era o que fazia o England. Ou fazê-los em febras? Esse era mais o estilo do Flint e do Billy Bones.

– Isso era mesmo do Billy – acrescentou o Israel. – “Os mortos não mordem”, dizia ele. Bom, agora também morreu, já está mais que arrumado, se havia um duro no mar, era bem o Billy.

– Exato – prosseguiu o Silver –, duro e atento. Mas nota bem, sou um homem flexível... sou um tipo de cavalheiro, dirás tu, mas desta vez a coisa é séria. O dever é o dever, malta. Eu cá voto na morte. Quando for um lorde, e tiver a minha carruagem, não quero ver nenhum desses advogados marujos a entrar-me no camarote, de regresso, sem serem convidados, como o diabo a tentar os santos. O que eu digo é que se tem de esperar, mas na altura devida, pois, ela que faça a colheita!

– John – exclamou o timoneiro –, tu é que és um homem!

– Isso hás-de tu dizer, Israel, quando vires – disse o Silver. – Há só uma coisa que eu quero, quero o Trelawney só para mim. Com estas mãos hei-de-lhe arrancar aquela cabeça de vitela, Dick! – acrescentou, interrompendo-se –, põe-te lá em pé, como um bom rapaz, e apanha-me uma maçã, para me refrescar o tabaco.

Imaginem o meu terror! Devia ter saltado e fugido para salvar a pele, se tivesse encontrado forças para tal. Mas tanto as pernas como o ânimo me falharam. Senti o Dick começar a levantar-se, mas a seguir alguém pareceu interrompê-lo, e a voz do Hands exclamou:

– Deixa lá isso! John, não te ponhas a chuchar essa porcaria. Vamos mas é a uma rodada de rum.

– Dick – concordou o Silver –, confio em ti. Atenção, que a barrica do rum está marcada. Aí tens a chave, enche uma caneca e trá-la cá acima.

Aterrado como estava, não pude deixar de pensar que devia ter sido daquele modo que o senhor Arrow obtivera as águas fortes que o liquidaram.

O Dick não se demorou muito, e durante a ausência dele, o Israel pôs-se a segredar ao ouvido do cozinheiro. Só pude apanhar uma ou outra palavra, mas mesmo assim consegui colher notícias de importância porque, entre outros fragmentos do mesmo teor, apareceu uma frase inteira: “Deles não contamos com mais nenhum.” Daí concluí que ainda havia forças fiéis a bordo.

Quando o Dick voltou, beberam os três da caneca, um “A boa sorte”, o seguinte “Ao velho Flint”, e o Silver declarando, meio a cantar, “Aqui vai à nossa, e apanha-me esse vento, um ror de prêmios e cheios de massa.”

Nesse momento uma claridade caiu-me dentro do barril e, olhando para cima, vi que a Lua nascera e prateava o mastaréu da mezena, brilhando numa chapa de brancura no bojo da vela de estai, e quase no mesmo instante a voz do vigia gritava:

– Terra à vista!

## CAPÍTULO XII

### Conselho de guerra

Grande correria percorreu o convés. Pude ouvi-los aos tropeções, a subir dos beliches e da coberta e, saltando num ápice do meu barril, atirei-me de mergulho por baixo do traquete, girei para a ré e fui ao encontro do Hunter e do doutor Livesey, a quem me juntei na corrida para a amura de sotavento da proa.

Ali já todos os homens estavam reunidos. Quase ao mesmo tempo da Lua, tinha-se levantado uma barra de neblina. A distância, para sudoeste, avistamos duas elevações com um intervalo que teria um par de milhas, e por detrás duma delas erguia-se um terceiro monte mais alto, cujo topo estava ainda envolto no nevoeiro. Os três montes pareciam pontiagudos e cônicos.

Vi tudo aquilo quase como em sonho, pois ainda não me tinha recomposto do pavor de minutos antes. Depois ouvi a voz do capitão Smollett a dar ordens. O *Hispaniola* orçou uns dois pontos para barlavento, seguindo um curso que deixava a ilha a nascente.

– E agora, rapazes – disse o capitão, depois de terminada a manobra –, já algum de vocês viu essa terra aí à nossa frente?

– Já sim, senhor – respondeu o Silver. – Fiz aguada lá quando era cozinheiro num barco mercante.

– Creio que o ancoradouro fica ao sul, atrás dum recife? – perguntou o comandante.

– Sim, senhor, chamam-lhe a Ilha do Esqueleto. Antigamente foi poiso de piratas, e havia nesse barco um homem que sabia os nomes que lhe davam. Aquele monte para o norte chamam-lhe o monte do Traquete, há três montes em fila para o sul, Traquete, Grande e Mezena, senhor. Mas o Grande, o monte mais alto que tem a nuvem em cima, é costume chamar-lhe o Óculo, porque punham lá um vigia quando estavam fundeados, visto que era lá que limpavam os navios, senhor, com sua licença.

– Tenho aqui um mapa – adiantou o capitão Smollett. – Vê lá se o local é este – os olhos do Long John rebrilharam ao pegar no mapa mas, quando vi o aspecto novo do papel, percebi que ia ficar desiludido. Não se tratava do mapa encontrado ao pescoço do Billy Bones mas sim de uma cópia muito minuciosa, nomes, altitudes, fundos, com a única exceção das cruces vermelhas e das notas manuscritas. Por muito que lhe custasse, o Silver teve presença de espírito para esconder a desilusão.

– Sim, senhor – disse –, é mesmo isto, tal e qual, e tão bem desenhado. Quem teria sido? Não devem ter sido os piratas, que eram tão ignorantes. É, cá está, ancoradouro do Capitão Kidd, é o nome que o meu camarada dizia. Há uma corrente forte para o sul, que depois vira ao norte pela costa poente. Razão tinha o senhor – acrescentou – de orçar ao vento e pôr a ilha a sotavento. Pelo menos se tinha a intenção de aportar para querenar, e por estas águas não há sítio melhor para isso.

– Obrigado, meu homem – concluiu o capitão Smollett. – Depois hei-de te pedir para nos dares uma ajuda. Podes retirar-te.

Surpreendeu-me a frieza com que o Long John admitira conhecer a ilha, e reconheço que fiquei meio assustado quando o vi aproximar-se de mim. É certo que não sabia que eu tinha escutado a conversa metido no barril de maçãs, mas, mesmo assim, como nessa altura já estava aterrado com a crueldade, o fingimento e o poder do homem, mal pude disfarçar um arrepio quando ele me pôs a mão no braço.

– Ah – disse –, aqui está um sítio delicioso, esta ilha, uma maravilha para um moço desembarcar. Tomar banho, subir às árvores, caçar cabras, podes fazer tudo isso, e até podes marinhar pelos montes como se fosses um cabrito. Ora, isto faz-me rejuvenescer. Já me ia esquecer da minha muleta, já. É tão bom ser novo e ter dez dedos nos pés, garanto-te. Quando te apetecer fazer uma exploração, é só pedires ao velho John para te arranjar um farnel.

E fazendo-me uma festa no ombro com a maior das amizades, afastou-se e desceu.

O capitão Smollett, o morgado e o doutor Livesey conversavam no tombadilho da popa e, embora ansioso por lhes contar a história, não me atrevi a interrompê-los abertamente. Enquanto em pensamento me debatia por encontrar um pretexto, o doutor Livesey chamou-me. Tinha deixado o cachimbo em baixo e, escravo do tabaco como era, disse-me para o ir buscar, mas logo que me cheguei a ele o suficiente para poder falar sem ser ouvido pelos outros, anunciei sem demora:

– Doutor, deixe-me dizer. Leve o capitão e o senhor morgado ao camarote e depois arranje maneira de me chamar. Tenho notícias muito graves.

A expressão dele mudou um pouco, mas logo se dominou.

– Obrigado, Jim – disse em voz bem alta –, é tudo o que eu queria saber – como se me tivesse perguntado qualquer coisa.

E logo tornou a virar-se para os outros dois. Falaram por momentos, e embora nenhum tivesse mostrado o mais pequeno gesto de surpresa ou mudança no tom da voz, era claro que o doutor Livesey lhes transmitira o meu pedido, pois logo de seguida o capitão deu uma ordem ao Job Anderson, e o apito deste tocou a reunir todo o pessoal no convés.

– Rapazes – declarou o capitão Smollett –, tenho uma palavra a dizer-lhes. Esta terra que avistamos é o destino da nossa viagem. O senhor Trelawney, que como todos sabemos é um cavalheiro muito generoso, acaba de me pedir algumas informações, e como pude dizer-lhe que todos tinham cumprido o seu dever, debaixo até acima, melhor do que se pode exigir, pois então ele, eu e o doutor vamos lá abaixo ao camarote beber à vossa saúde, e vai-se buscar grogue para vocês beberem à nossa. Digo-vos o que eu acho: acho que é muito simpático. E se concordam comigo, vamos dar um viva ao cavalheiro, que o merece.

Seguiu-se a aclamação – que era óbvia –, mas com tal estrondo e entusiasmo que, confesso, mal podia crer que aqueles mesmos homens andassem a conspirar contra nós.

– Outro viva pelo capitão Smollett! – bradou o Long John, logo que se calaram. E este foi também entoado em uníssono.

No calor da festa, os três cavalheiros desceram, e pouco depois chegou o recado para o Jim Hawkins se apresentar no camarote.

Encontrei-os sentados à mesa, com uma garrafa de vinho espanhol e algumas uvas passas, e o médico fumando sem parar, com a cabeleira no colo, o que já sabia ser sinal de nervosismo. A janela da popa estava aberta, porque a noite estava quente, e podia ver-se lá fora o brilho do luar na esteira do navio.

– Então, Hawkins – disse o morgado –, tens algo a dizer. Toca a falar.

Obedeci e, o mais rápido que pude, contei todos os detalhes da conversa do Silver. Ninguém me interrompeu até ter terminado, nem nenhum dos três fez um único movimento, mas não tiraram de mim os olhos do princípio até ao fim.

– Jim – disse o doutor Livesey –, senta-te aí.

Deram-me um lugar à mesa, deitaram-me vinho num copo, encheram-me as mãos de passas e todos três, com uma vênica, brindaram um de cada vez à minha saúde, em reconhecimento pela minha sorte e coragem.

– Pois é, capitão – disse o morgado –, o senhor é que tinha razão e eu não. Reconheço que fui burro, e estou às suas ordens.

– Mais burro que eu o senhor não é – ripostou o comandante. – Nunca ouvi falar duma tripulação que conspirasse um motim sem deixar nenhuma pista, para qualquer pessoa com olhos na cara desconfiar da tramóia e pôr-se de prevenção. Mas esta gente – acrescentou – leva-me a melhor.

– Comandante – disse o médico –, se me dá licença, é do Silver que se trata. É um homem excepcional.

– Onde ele havia de ficar melhor era pendurado lá em cima, senhor – retorquiu o capitão. – Mas isto é conversa, não nos leva a nada. Vejo três ou quatro possibilidades, e se o senhor Trelawney me permite, vou dizer quais são.

– O senhor é que é o comandante. É a si que compete falar – adiantou o morgado, com ar solene.

– Primeiro – começou o senhor Smollett –, temos de continuar porque não podemos voltar atrás. Se eu falasse nisso revoltavam-se imediatamente. Segundo, dispomos de algum tempo, pelo menos até encontrar o tesouro. Terceiro ponto, temos gente do nosso lado. Ora, mais cedo ou mais tarde isto vai acabar em pancadaria, e o que proponho é agarrar o tempo pelos cabelos, por assim dizer, e atirarmo-nos a eles num belo dia quando menos o esperarem. Creio bem que podemos contar com os seus criados, senhor Trelawney?

– Como comigo próprio – afirmou o morgado.

– Três – contou o capitão –, conosco faz sete, contando aqui com o Hawkins. E os homens do nosso lado?

– Seguramente serão os do Trelawney – disse o doutor –, os que ele engajou antes de topar com o Silver.

– Não – tornou o morgado. – O Hands foi um dos meus.

– O Hands pensei eu que podia confiar nele – acrescentou o capitão.

– E lembrar-me de que são todos ingleses! – protestou o morgado. – Senhor, bem podia ter razões para fazer explodir o barco.

– Bom, senhores – prosseguiu o capitão –, o melhor que eu possa dizer não vale grande coisa. Ficamos por aqui, se não se importam, e sempre de atalaia. Já sei que toca nos nervos da gente. Seria mais divertido chegar a vias de fato. Mas não há remédio até sabermos com quem contamos. Fica-se à espera até chegar o vento, é o que eu acho.

– Aqui o Jim – adiantou o médico – pode ajudar-nos mais do que ninguém. O pessoal está à vontade com ele e o Jim é bom observador.

– Hawkins, a minha fé em ti não tem limites – terminou o morgado.

Comecei a ficar deveras atrapalhado com aquilo, pois sentia-me totalmente desamparado, e ainda assim, pelas linhas tortas dos acontecimentos, foi de fato por meu intermédio que nos salvamos. Aliás, por muito que conversássemos entretanto, dos vinte e seis restavam só sete em quem podíamos confiar, e um destes sete era um rapaz. Por conseguinte, os homens crescidos eram seis nossos contra dezenove do lado deles.

### Terceira Parte

#### A minha aventura em terra

### CAPÍTULO XIII

#### Como comecei a minha aventura na ilha

Logo que cheguei ao convés, na manhã seguinte, o aspecto da ilha modificara-se por completo. Embora quase já não houvesse brisa, tínhamos andado bastante durante a noite e pairávamos agora em calmaria a cerca de meia milha a sudeste da costa oriental, que era baixa. Bosques acinzentados recobriam grande parte do terreno. Aqui e ali, este tom neutro era rasgado por traços de areal amarelo nas zonas mais baixas e por um sem número de árvores altas da família dos pinheiros, cujas copas se erguiam acima das outras, umas isoladas, outras em grupos, mas a cor dominante era uniforme e tristonha. Os montes suspendiam-se acima da vegetação como campanários de rocha nua. Todos tinham formas bizarras e o monte do Óculo, que dominava todos os outros por uma diferença de mais de cem metros, era igualmente o de configuração mais estranha, subindo a pino de quase todos os lados e terminando de súbito no cume cortado, como se fosse um pedestal para pôr uma estátua.

O *Hispaniola* rolava com as amuras ao rés da água, na vaga do mar aberto. As vergas comiam os cubos, o leme batia dum lado para o outro e todo o barco estalava, rangia e vibrava como uma fábrica. Tive de me agarrar com força ao estai da gata enquanto tudo girava confusamente aos meus olhos, pois embora fosse um marinheiro razoável em cruzeiro normal, aquele estar parado e ser balançado como uma garrafa era coisa que nunca tinha aprendido a aguentar sem náuseas, ainda por cima de manhã, sem nada no estômago.

Talvez fosse por isso, talvez fosse pelo ar da ilha, com os bosques cinzentos e melancólicos e as rudes torres de pedra, ou a ressaca que ouvíamos e víamos com a espuma a trovejar nas arribas da costa, o caso é que, embora com um sol quente e luminoso, as aves que vinham pescar e gritar à nossa volta, e o contentamento que seria natural esperar de todos ao chegar a terra depois de tantos dias no mar, o caso é que, por assim dizer, o coração me caiu aos pés, e desde essa primeira vez que a vi fiquei a detestar para sempre a simples lembrança da Ilha do Tesouro.

Esperava-nos uma manhã de trabalho violento, pois não havia sinal de vento e tiveram de se tirar as baleeiras para rebocar o navio a remos três a quatro milhas em redor do cabo da ilha e pelo canal que dava para o ancoradouro por detrás da Ilha do Esqueleto. Ofereci-me como voluntário para seguir num dos barcos, onde, como é evidente, nada me deram que fazer. Estava um calor opressivo e os homens resmungavam com violência durante o trabalho. Era o Anderson quem comandava o escaler onde eu seguia, mas em vez de manter a disciplina era ele quem praguejava tão forte como os piores.

– Ora – terminou ele, com um palavrão –, isto também não dura muito.

Pensei que aquilo era um mau sinal, pois até ali o pessoal não se tinha furtado ao trabalho e com bom ânimo. Mas bastava a vista da ilha para afrouxar a disciplina.

Durante todo o percurso, o Long John manteve-se junto do timoneiro atendendo à manobra. Conhecia o canal como a palma da mão, e embora o encarregado da sonda fosse encontrando sempre mais água do que a indicada no mapa, o John nunca mostrou qualquer hesitação.

– Há aí uma corrente forte na vazante – dizia – e, por assim dizer, este canal foi cavado à pá.

Lançamos ferro precisamente no sítio indicado no mapa, a cerca de quatrocentos metros de terra e a igual distância da Ilha do Esqueleto. O fundo era de areia limpa. O largar da âncora fez levantar nuvens de aves que revoltearam num coro de pios sobre o arvoredor, mas em menos de um minuto tornaram a poisar, e tudo ficou de novo em silêncio.

O local era inteiramente resguardado, metido no matagal cujas árvores desciam mesmo até à marca da maré alta, com o areal plano na sua maior parte, e os topos dos montes erguendo-se em redor, à distância, numa espécie de anfiteatro, um aqui, outro além. Dois regatos, ou melhor dizendo, dois pântanos, desaguavam nesta lagoa que era a enseada, e a folhagem em redor da praia tinha um brilho quase doentio. De bordo nada podíamos distinguir de construção ou paliçada, pois estariam inteiramente enterradas na mata e, se não fosse o mapa guardado no camarote, dir-se-ia que bem podíamos ser os primeiros a fundear ali desde que as ilhas tinham surgido no oceano.

Não havia um sopro de ar, nem um som a não ser o das ondas a quebrar na praia a umas centenas de metros e do lado de fora do recife. No fundeadouro pairava um cheiro característico dos lugares estagnados, o cheiro de folhas saturadas de água e de troncos apodrecidos. Observei o doutor a cheirar e a fungar, como quem prova um ovo podre.

– Nada sei do tesouro – afirmou –, mas aposto a minha peruca que aqui há febre.

Se na baleeira a conduta dos homens tinha sido alarmante, tornou-se mesmo ameaçadora ao voltarem para bordo. Deixaram-se ficar estendidos pelo convés, murmurando uns com os outros. A ordem mais insignificante era recebida de nariz torcido, e obedecida à má cara e com descuido. Até mesmo os que eram honestos deviam ter sido contaminados, pois não havia um único capaz de corrigir o vizinho. A amotinação, era evidente, pairava sobre nós como nuvem de

trovoada. E não éramos só nós, os do lado do camarote, a farejar o perigo. O Long John atarefava-se de grupo em grupo, esgotando-se a dar bons conselhos, e nenhum haveria capaz de dar melhor exemplo. Virava-se do avesso em boa vontade e civismo; era todo sorrisos para toda a gente. Se era dada qualquer ordem, logo saltava na muleta com o mais animado “muito bem, senhor”; e se não havia mais nada para fazer, enfiava cantigas umas atrás das outras, como se para esconder o descontentamento dos outros.

De todos os detalhes sombrios daquela tarde pesada, era aquela ansiedade por demais evidente do Long John que parecia mais ameaçadora.

Reunimos em conselho no camarote.

– Senhor – afirmou o capitão –, se me arrisco a dar outra ordem, eles caem-nos todos em cima. Aqui está como as coisas se passam. Respondem-me torto, não é? Ora se eu repontar, tenho logo um pau de dois bicos, mas se não disser nada, o Silver percebe que estou a esconder qualquer coisa, e o jogo começa. Agora, só podemos confiar num homem.

– E quem é? – perguntou o morgado.

– É o Silver, senhor – tornou o capitão. – Anda tão ansioso como nós para acalmar as coisas. A crise é passageira; ele era capaz de os dissuadir se tivesse oportunidade de o fazer. Vamos dar-lhes uma tarde de folga em terra. Se forem todos, pois então podemos defender o navio. Se nenhum quiser ir, então aguentamos o camarote, e que Deus defenda os justos. No caso de irem só alguns, posso garantir-lhe, senhor, que o Silver os trará de volta mansos como cordeiros.

Assim foi decidido; distribuíram-se pistolas carregadas a todos os homens de confiança. Os fatos foram explicados ao Hunter, ao Joyce e ao Redruth, que os ouviram com menos surpresa e mais ânimo do que tínhamos esperado, e em seguida o capitão dirigiu-se ao convés e falou ao pessoal.

– Meus rapazes – declarou –, tivemos um dia estafante, e está tudo cansado e mal disposto. Uma volta em terra não faz mal a ninguém, os escaleres ainda estão na água, podem pegar nos arpões, e quem lhe apetecer pode passar a tarde em terra. Eu dou um tiro de chamada meia hora antes do sol-posto.

Creio que os tolos devem ter pensado que davam logo com as canelas no tesouro mal desembarcassem, porque num instante lhes passaram os amuos, e soltaram um coro de vivas que ecoou ao longe nos montes e fez de novo levantar a passada com os seus gritos, em redor do fundeadouro.

O capitão tinha astúcia bastante para ficar ali parado. Num momento desapareceu de vista, deixando o Silver tratar do grupo, e acho que ainda bem que o fez. Se tivesse ficado no tombadilho, não poderia fingir que não entendia a situação. Era claro como água. Quem comandava era o Silver, à frente duma equipagem pronta a revoltar-se. Os homens sérios – e em breve me ia ser provado que ainda ali os havia – deviam ter sido uns sujeitos muito estúpidos. Ou, melhor dizendo, suponho que a verdade era esta: que estavam todos neutralizados pelo exemplo dos chefes de fila – mas uns em maior grau que outros; e uns poucos, sendo já de si boas pessoas, não podiam ser recrutados nem arrastados mais longe. Uma coisa é dar-se ao ócio e à cobardia, e outra muito diferente é assaltar um navio e matar uma porção de pessoas inocentes.

Por fim, o grupo ficou formado. Ficavam seis homens a bordo, e os outros treze, incluindo o Silver, dirigiram-se aos botes. Foi nessa altura que me veio à ideia a primeira das coisas loucas que tanto haviam de contribuir para nos salvar as vidas. Se o Silver deixava seis homens, era evidente que o nosso grupo não podia tomar e defender o navio; e desde que só ficavam seis, também se tornava claro que o grupo do camarote não ia precisar da minha ajuda. Logo me ocorreu ir a terra.

Num ápice, deixei-me escorregar pela amura e enrolei-me no paneiro da proa do barco mais próximo, quase no mesmo instante em que ele desencostou. Ninguém deu por mim a não ser o remador da ré, que perguntou: – És tu, Jim? Vê se te abaixas. – Mas o Silver, na outra baleeira, virou-se rápido para perguntar se eu ia ali, e desde essa altura comecei a arrepender-me

do que tinha feito.

Remaram em estilo de regata direitos à praia, mas o barco onde eu ia, tendo algum avanço, e sendo ao mesmo tempo o mais leve e o mais bem manejado, lançou-se muito à frente do adversário, e logo metera a proa nas árvores da margem, já eu tinha saltado para um ramo e no mesmo balanço me deixara cair dentro dos arbustos mais próximos, ao passo que o Silver e os outros ainda vinham uns cem metros atrás.

– Jim, Jim! – ouvi-o chamar.

Mas bem podem crer que não liguei nada; saltando, baixando-me e rompendo caminho, corri e corri sempre a direito, até não poder mais.

#### CAPÍTULO XIV O primeiro recontro

Fiquei tão satisfeito por me ter escapado ao Long John, que dei largas ao meu contentamento e tratei de observar com interesse a terra estranha onde me encontrava. Atravessara um terreno pantanoso cheio de salgueiros, juncos e árvores bizarras e exóticas das zonas alagadiças; à minha frente abria-se agora uma clareira de dunas arenosas com perto de dois quilômetros, semeada de alguns pinheiros e grande número de árvores retorcidas, de tamanho semelhante ao dos carvalhos, mas de folhagem clara como a dos salgueiros. Na extremidade oposta da clareira erguia-se um dos montes, com dois picos de escarpas caprichosas brilhando vivamente ao sol. Pela primeira vez sentia o encantamento de explorar. A ilha era deserta; os meus companheiros de bordo deixara-os para trás, e não havia viva alma em frente a não ser mudos animais bravios e aves.

Vagueei por entre as árvores. Aqui e ali havia plantas em flor, que desconhecia; avistei algumas cobras, e uma delas ergueu a cabeça de uma fenda na pedra e silvou-me com um ruído que lembrava um pião a girar. Estava longe de supor que se tratava dum inimigo mortal, e que aquele ruído provinha do famoso chocalho.

Cheguei em seguida a um extenso bosque daquelas árvores parecidas com carvalhos – carvalhos vivazes ou sempre-verdes, como soube mais tarde que se chamavam – que se erguiam a pouca altura ao longo dos silvados da cor da areia, com os ramos caprichosamente retorcidos e a folhagem compacta, como colmo. O bosque estendia-se em descida desde o topo de uma das dunas, alargando-se e tornando-se mais alto até atingir a margem do charco largo e coberto de ervas bravas, através do qual o mais próximo dos córregos se espreguiçava até à enseada. O pântano escaldava em vapor com o calor do sol, e a silhueta do Óculo tremia para lá da névoa.

De chofre, do meio dos juncos levantou-se uma espécie de tumulto; um pato levantou, grasnando, logo seguido por outros, e em breve se erguia sobre todo o pântano uma grande nuvem de pássaros aos gritos e a voar em círculos. Admiti logo que alguns dos meus companheiros deviam estar a aproximar-se em redor do pântano. E não me enganei, pois não tardei a ouvir os tons distantes e graves de voz humana que, ao passo que ia escutando, se tornavam cada vez mais altos e mais próximos. Aterrado, gatinhei para debaixo do carvalho-vivaz mais próximo e ali fiquei agachado, em ânsia, calado como um rato. Outra voz respondeu; em seguida, a primeira, que agora reconhecia ser a do Silver, sobrepôs-se-lhe e prosseguiu por longo tempo, só poucas vezes interrompida pela do outro. Pelo tom deviam ter estado a discutir com força, e quase com violência, mas sem que eu conseguisse entender uma palavra clara.

Por fim pareceram ter feito uma pausa, ou talvez se tivessem sentado, pois não só deixaram de se aproximar como também os próprios pássaros começaram a ficar mais calados e a voltar ao seu poiso no pântano.

Comecei então a achar que me estava a desempenhar mal da minha obrigação; que desde que cometera a loucura de desembarcar com tais bandidos, o menos que podia fazer era escutá-los quando conferenciassem, e que o meu dever imediato e evidente era o de me aproximar tanto quanto possível, a coberto da proteção favorável das árvores baixas.

Sabia exatamente em que direção estavam, não só pelo som das vozes mas também pelo resto dos pássaros que ainda volteavam em alarme sobre os intrusos.

De gatas, fui-me aproximando deles com firmeza, mas devagar, até que por fim, erguendo a cabeça por uma abertura na folhagem, pude avistar uma pequena depressão relvada à borda do charco, resguardada pelas árvores, onde o Long John Silver e outro homem da tripulação conversavam, de pé.

A luz do sol batia-lhes em cheio. O Silver tinha atirado o chapéu ao chão e fixava no outro, numa espécie de apelo, aquela grande cara lisa e rosada toda brilhante de calor.

– Moço – dizia –, é porque penso que vales tanto como ouro em pó, ouro em pó, garanto-te! Se não confiasse tanto em ti, pensas que estava para aqui a avisar-te? Está tudo pronto, não há nada a fazer nem a mudar; se estou a falar é para te salvar o pescoço, e se um daqueles malditos soubesse, onde estava eu, bom, ora diz lá, onde estava eu?

– Silver – atalhou o outro, e pude ver-lhe o rosto vermelho e ouvir-lhe a voz rouca como a dum corvo que, aliás, vibrava como um cabo esticado –, Silver – dizia –, és velho, e és sério, ou tens fama disso, e depois tens dinheiro, que não é como muitos marinheiros pobres, e tens coragem, ou me engano muito. E queres dizer-me que te vais deixar levar com essa malta de latrineiros? Isso nem parece teu! Tão certo como Deus me está a ver, até era capaz de ficar sem esta mão. Se faltar ao meu dever...

Um ruído interrompeu-o de súbito. Acabara de descobrir um dos homens sérios – e no mesmo instante ouvia sinais de mais outro. Lá longe no pântano erguera-se de repente um som como um grito de ódio, logo seguido de outro, e a seguir um berro horrível e arrastado. Ficou por muito tempo a ecoar na penedia do monte do Óculo; todas as aves do pântano se levantaram de novo num rodopio que escureceu o céu; e muito depois daquele grito de morte me latejar ainda na cabeça, já o silêncio voltara a dominar e somente o adejar dos pássaros que pousavam e o longínquo rumor da ressaca perturbavam a quietude da tarde.

Tom dera um salto ao ouvir aquele som, como um cavalo esporeado, mas o Silver nem pestanejara. Ficou onde estava, apoiado à vontade na muleta, a observá-lo como uma serpente pronta a saltar.

– John! – exclamou o marinheiro, estendendo a mão.

– Tira a mão! – gritou o Silver com um salto atrás, que aos meus olhos teve a rapidez e segurança dum bom atleta.

– Como queiras, John Silver, pronto – retorquiu o outro. – É a consciência suja que te faz ter medo de mim. Mas por todos os santos, diz-me o que foi aquilo?

– Aquilo? – tornou o Silver, num sorriso largo mas mais manhoso do que nunca, com os olhos feitos pontas de alfinete, mas a brilhar como contas de vidro. – Aquilo? Ora, julgo que deve ter sido o Alan.

E a estas palavras o pobre do Tom explodiu com bravura.

– O Alan! – gemeu. – Paz à sua alma de bom marinheiro! E quanto a ti, John Silver, foste meu amigo muito tempo, mas já não és. Se eu morrer como um cachorro vai ser a cumprir o meu dever. Então mataste o Alan, não mataste? Pois mata-me também, se puderes. Mas desafio-te.

E o valente moço voltou costas ao cozinheiro para se afastar em direção à praia. Mas o destino não o ia levar longe. Com um rugido, o John segurou-se a um ramo de árvore, empunhou a muleta e arremessou-a como um dardo improvisado que silvou no ar. A ponta atingiu o pobre Tom com espantosa violência em cheio entre os ombros, no meio das costas. Levantou os braços, soltou uma espécie de soluço e tombou.

Era impossível saber se estava muito ou pouco ferido. Aliás, a julgar pelo som que fez, partira logo a espinha. Mas nem sequer lhe foi dado tempo de voltar a si. O Silver, ágil como um macaco, mesmo sem perna nem muleta, saltou-lhe em cima no instante imediato e cravou duas vezes a faca até ao cabo naquele corpo indefeso. Do meu esconderijo pude ouvi-lo arfar de esforço ao dar os golpes.

Não sei bem o que é desmaiar, mas sei que por um curto momento tudo começou a

flutuar afastando-se de mim num redemoinho de névoa; o Silver e os pássaros e o alto do Óculo giraram em redor e de pernas para o ar, de mistura com toda a espécie de sinetas e de vozes distantes que me gritavam aos ouvidos.

Quando voltei a mim, o monstro recompusera-se e tinha a muleta debaixo do braço e o chapéu na cabeça. No relvado, a seus pés, o Tom jazia imóvel, mas sem que o assassino lhe prestasse a mínima atenção, ocupando-se a limpar a faca tinta de sangue a um punhado de erva. Nada mais tinha mudado, o sol continuava a cintilar impiedoso no charco sobreaquecido e na crista da montanha, e mal podia acreditar no assassinio que ocorrera, na vida humana tão brutalmente interrompida um momento antes, diante dos meus olhos.

Em seguida, o Long John tirou do bolso um apito e nele soprou várias notas moduladas que atravessaram o ar escaldante. Claro que desconhecia o significado daquele sinal, que logo despertou em mim todos os receios. Iam chegar outros homens. Podiam descobrir-me. Já tinham morto duas das pessoas de confiança; a seguir ao Tom e ao Alan não iria chegar a minha vez?

Sem hesitar, comecei a sair do esconderijo e a recuar de rastos, tão depressa e sem barulho quanto me era possível, para a parte mais aberta do bosque. Entretanto, podia ouvir os gritos trocados entre o velho pirata e os companheiros, e este som do perigo deu-me asas. Logo que me livre da sebe corri, como nunca correra antes, pouco me importando em que direção fugia desde que fosse para longe dos assassinos e, ao passo que fugia, o medo apossou-se cada vez mais de mim, até se tornar numa espécie de frenesi.

Na verdade, quem podia estar mais definitivamente perdido do que eu estava? Quando a peça de bordo desse o tiro de sinal, como ia atrever-me a ir para os barcos no meio dos demônios, ainda quentes dos crimes que tinham praticado? O primeiro que me visse não era capaz de me torcer logo o pescoço como a uma narceja? E a minha ausência não lhes ia provar o meu alarme, e por conseguinte o meu fatal conhecimento do sucedido?

Convenci-me de que estava tudo acabado. Adeus *Hispaniola*, adeus morgado, doutor e capitão. Só me restava morrer à fome, ou às mãos dos amotinados. Assim pensando, como digo, continuava a correr e, sem dar por isso, chegara perto da base da elevação com os dois picos, numa zona da ilha onde os carvalhos bravos eram mais espaçados e mais parecidos com árvores da floresta no seu porte e tamanho. Misturados com eles havia alguns pinheiros dispersos, uns com perto de quinze, outros com mais de vinte metros de altura. E sentia, também, o ar mais fresco do que ao pé do pântano.

Foi ali que um novo susto me imobilizou e o coração me latejou desordenado.

## CAPÍTULO XV

### O homem da ilha

Da encosta, que ali era íngreme e pedregosa, deslocou-se uma porção de saibro que caiu com ruído e rolou entre as árvores. Olhei instintivamente naquela direção e avistei um vulto saltar com grande rapidez para trás dum pinheiro. Não pude perceber do que se tratava, fosse urso, homem ou macaco. Pareceu-me escuro e peludo, mais não sabia. Mas o terror desta nova aparição fez-me estacar.

Devia estar, então, com o caminho cortado pelos dois lados; atrás de mim os assassinos, e à frente aquela coisa a espreitar. Desde logo dei comigo a preferir os perigos já passados àqueles que ainda desconhecia. O próprio Silver me parecia menos medonho em contraste com aquela criatura da floresta, e, fazendo meia volta, a olhar por cima do ombro, comecei a andar para trás em direção aos botes.

Logo aquele vulto voltou a mostrar-se e, fazendo uma volta larga, começou a passar-me à frente. Estava cansado mas, mesmo que estivesse tão fresco como quando me levantara, pude ver que em vão podia competir em velocidade com tal adversário. De árvore a árvore, a criatura deslizava como um veado, a correr como um homem com duas pernas e no entanto diferente de qualquer outro que eu tivesse visto, dobrando-se quase ao meio enquanto corria. Mas era de um

homem que se tratava, disso já não podia duvidar.

Lembrei-me do que ouvira contar dos canibais. Estava quase a ponto de gritar por socorro. Mas o simples fato de se tratar dum homem, embora selvagem, tranquilizou-me, e o medo que sentia pelo Silver retomou a sua medida normal. Por conseguinte fiquei imóvel, para magicar em qualquer processo de fuga e, enquanto assim pensava, lembrei-me da minha pistola. Ciente de não estar indefeso, a coragem voltou-me ao coração, resolutamente, voltei-me para o homem da ilha e a ele me dirigi em passo firme.

Escondera-se atrás doutro tronco, mas devia continuar a espiar-me pois, logo que avancei, reapareceu e deu um passo ao meu encontro. Depois hesitou, recuou, avançou de novo e, por fim, para meu espanto e confusão, deixou-se cair de joelhos e estendeu as mãos juntas, em súplica.

De novo parei.

– Quem é o senhor? – perguntei.

Como fechadura ferrugenta, uma voz rouca e desajeitada respondeu:

– Ben Gunn. Sou o pobre Benjamin Gunn, sou, e vai para três anos que não falo com um cristão.

Podia agora ver que era um branco como eu, e até de feições simpáticas. Onde se mostrava, a pele estava tostada do sol, até os beijos eram pretos, e no meio do rosto tão escuro havia a surpresa duns olhos claros. Entre todos os pobres de pedir que vira ou imaginara, era ele o mais completo dos maltrapilhos. Estava coberto de pedaços de velas e lonas velhas, e tal manta de remendos era segura por um conjunto dos mais variados e estranhos botões de latão, bocados de pau e atilhos de estopa alcatroada. Um cinturão velho com fecho de latão era a única coisa sólida do vestuário.

– Três anos! – exclamei. – Naufragado?

– Não, moço – respondeu. – Largado ao abandono.

Já ouvira falar daquilo e sabia tratar-se dum cruel castigo bastante vulgar entre os piratas, pelo qual o réu era abandonado em terra com um pouco de pólvora e chumbo e deixado só em qualquer ilha deserta e longínqua.

– Largado já lá vão três anos – continuou –, e desde aí vivi das cabras, bagas e ostras. Podes crer que, onde quer que esteja, um homem pode safar-se sozinho. Mas olha, moço, que ando doente por comida cristã. Por acaso não terás um bocado de queijo? Não? Bom, nem sabes as noites que sonhei com queijo, as mais das vezes tostado, e ao acordar, aqui estava eu.

– Se eu puder voltar a bordo – prometi –, hás-de ter queijo às arrobas.

Enquanto isso ele ia apalpando o tecido do meu casaco, tateava-me as mãos, admirava-me as botas e em tudo, nos intervalos da conversa, demonstrava um prazer infantil na presença dum semelhante. Mas reagiu às minhas últimas palavras com uma espécie de desconfiança assustada.

– Se puderes voltar a bordo, dizes tu? – repetiu. – Ora, então quem te vai impedir?

– Lá tu não hás-de ser – repliquei.

– Isso tens razão – exclamou. – Ora tu... como te chamas, moço?

– Jim.

– Jim, Jim – observou, parecendo muito satisfeito. – Pois olha, Jim, levei vida tão dura que ficavas envergonhado só de ouvir. Olha, por exemplo, ao olhar para mim não eras capaz de pensar que a minha mãezinha era uma santa? – perguntou.

– Ora, nem por isso – respondi.

– Pois é – declarou –, mas era mesmo santinha. E eu fui um rapaz bem educado e muito devoto, capaz de papaguear o catecismo tão depressa que não se distinguiam as palavras. E aqui tens onde ele chegou, Jim, e tudo começou por jogar ao carolo nas campas do cemitério! Foi assim que começou, mas foi mais além, como a minha mãe me disse, e tudo previu aquela santa. Mas o que aqui me trouxe foi a Providência. Nesta ilha solitária tudo me passou pelo pensamento e voltei a ser devoto. Já não me podes apanhar a beber tanto rum, mas só um dedalzinho dele,

logo que puder. Estou resolvido a ser bom, e sei como hei-de fazer. E, Jim... – olhando em volta e baixando a voz num murmúrio... – sou rico.

Fiquei convencido que o pobre tinha enlouquecido na sua solidão, e creio que deixei transparecer essa impressão na minha cara, pois repetiu aquela frase com calor:

– Rico! Rico! Digo-to eu. E digo-te que vou fazer de ti um homem, Jim. Ah, Jim, abençoada a tua sorte, tu que foste a primeira pessoa a encontrar-me!

Neste ponto, o rosto ensombrou-se-lhe e, apertando-me mais a mão, levantou um dedo ameaçador.

– Agora, Jim, diz-me a verdade, aquele barco não é o do Flint? – interrogou.

– Não é o do Flint e ele morreu, mas digo-te a verdade como pedes, há alguns dos homens do Flint a bordo, e é um azar para nós.

– Não há um homem... duma... perna só? – soprou.

– Silver? – perguntei.

– Isso, Silver! – confirmou. – Era o nome dele.

– Esse é o cozinheiro e também o chefe do bando.

Ainda me agarrava o pulso e, ao ouvir aquilo, torceu-mo com força.

– Se foi o Long John que te mandou – disse –, já sei que estou feito em picado. Mas onde julgas que estás?

Só levei um instante a resolver-me e, em resposta, contei-lhe toda a história da viagem e a situação em que nos encontrávamos. Escutou-me com o maior interesse, e quando terminei fez-me uma festa na cabeça.

– És um bom moço, Jim – declarou –, e estão todos metidos num grande sarilho, não estão? Bem, basta que confies no Ben Gunn... Cá o Ben Gunn é o homem indicado. Agora, achas possível que o teu morgado se mostre generoso em caso de ajuda... visto estar metido num sarilho, como dizes?

Disse-lhe que o morgado era o mais generoso dos homens.

– Bom, mas bem vês – tornou o Benjamim Gunn –, a mim não me interessa ser porteiro e andar de libré ou coisas dessas, não é por aí que eu vou, Jim. O que quero saber é se ele é homem para arranjar umas mil libras em dinheiro a um sujeito que já as tem por contadas?

– Com certeza que sim – assegurei. – O que foi combinado foi que cada um havia de ter a sua parte.

– E mais a viagem de volta? – acrescentou, com grande esperteza.

– Ora – exclamei –, o morgado é um cavalheiro. E além disso, se nos livrarmos dos outros, havemos de precisar de ti para trabalhar na volta.

– Ah – respondeu –, pois é. – E pareceu muitíssimo aliviado. – Agora vou contar-te – continuou. – Vou contar-te só isto, e mais nada. Estava eu no navio do Flint quando ele enterrou o tesouro, ele e mais seis... seis tipos fortes. Andaram em terra perto duma semana, e nós lá esperamos e tornamos a esperar no velho *Walrus*. Um belo dia deram o sinal, e lá chega o Flint sozinho num bote, com um lenço azul atado à cabeça. O sol estava a nascer, e ao encostar ele vinha mais branco que um morto. Mas ouve, lá voltou ele, mas os outros seis estavam todos mortos... mortos e enterrados. Ninguém a bordo.

“Ninguém pôde imaginar como ele tinha feito aquilo. Foi luta, assassinio, morte súbita... pelo menos, ele contra seis. O Billy Bones era o imediato, o contramestre era o Long John, e perguntaram-lhe onde estava o tesouro.

– Ah, se querem saber podem ir a terra e ficarem lá – disse ele –, mas cá o navio vai mas é buscar mais, cum raio! – foi o que ele disse.

“Bom, há três anos ia eu noutra barca e avistamos a ilha. – Moços – disse eu –, é ali que está o tesouro do Flint, vamos a terra descobri-lo. – O capitão não gostou nada daquilo, mas os meus companheiros puseram-se todos de acordo, e desembarcaram. Doze dias o levamos a procurar, e cada dia que passava mais eu era insultado, até que numa bela manhã voltaram todos para bordo. – Quanto a ti, Benjamim Gunn – declararam –, aqui tens um mosquete, uma pá e

uma picareta. Podes ficar aí e encontrar sozinho o dinheiro do Flint – foi o que me disseram.”

“Bem, Jim, por cá fiquei três anos, e nem uma dentada de comida cristã até hoje. Mas agora, olha cá, olha para mim. Achas que tenho ar de moço de convés? Não, dizes tu. E até nem era, digo-to eu.”

Piscou o olho e beliscou-me com força.

– Trata de dizer isto ao teu morgado, Jim – prosseguiu. – E até nem era, é a verdade. Por três anos fui o homem desta ilha, dia e noite, com sol e chuva, e às vezes talvez pensasse em rezar (dirás tu), e às vezes talvez pensasse na mãe, quem sabe se ainda viva (vais tu dizer), mas a maior parte do tempo o Gunn (é o que lhe vais dizer), a maior parte do tempo andava ele ocupado com outro assunto. E dás-lhe um beliscão, como eu a ti.

E de novo me beliscou, com todo aquele ar de confiança.

– A seguir – continuou –, pões-te muito sério e dizes isto: que o Gunn é boa pessoa, e deseja confiar mais que tudo, mais que tudo, não te esqueças, num verdadeiro cavalheiro do que naquela ladroagem a quem se juntou.

– Está bem – atalhei –, não percebo nada do que disseste. Mas isso não vem para o caso, pois como é que posso ir para bordo?

– Ah – respondeu –, então é esse o azar. Olha, temos a minha bateira que fiz com estas mãos. Guardo-a debaixo da pedra branca. Na pior das hipóteses, podemos tentar depois do anoitecer. Ai! – interrompeu-se –, que foi aquilo?

Nesse momento, embora ainda faltasse uma ou duas horas para o pôr do Sol, todos os ecos da ilha despertaram e responderam ao troar do canhão.

– Começou a luta! – gritei. – Segue-me!

E lancei-me em corrida para o ancoradouro, esquecendo todos os receios, ao passo que o desterrado, envolto nos seus farrapos, trotava ao meu lado com facilidade e leveza.

– À esquerda, à esquerda – dizia ele –, segue pela esquerda, camarada Jim! Mete-te debaixo das árvores! Foi ali que cacei a primeira cabra. Agora já não descem cá abaixo, ficaram todas trepadas no monte com medo do Benjamim Gunn. – Ah! E lá está o cetimério – o que ele queria dizer era cemitério. – Vês os montes de terra? Vim cá rezar de vez em quando, quando achava que devia ser domingo. Não era nenhuma igreja, mas até parecia mais solene, mas então, dizes tu, o Ben Gunn não tinha ajuda nenhuma, nem padre, nem sequer uma Bíblia e um pendão, dirás tu.

Assim continuava a palrar enquanto corríamos, sem esperar nem receber resposta.

Depois de grande intervalo, o tiro do canhão foi seguido por uma descarga de armas pequenas.

Nova pausa e, então, a menos de trezentos metros à nossa frente, avistei a bandeira nacional a tremular por cima do arvoredor.

## Quarta Parte

### A paliçada

## CAPÍTULO XVI

### Narrativa retomada pelo médico

– Como o navio foi abandonado

Foi perto da uma hora e meia – três badaladas para a gente do mar – que do *Hispaniola* saíram dois escaleres para terra. O capitão, o morgado e eu encontrávamo-nos no camarote a passar em revista os acontecimentos. Se houvesse um sopro de vento, teríamos caído em cima

dos seis revoltosos que conosco tinham ficado, deixado a amarra e largado para o mar alto. Mas faltava o vento e, para cúmulo da nossa falta de defesa, veio o Hunter anunciar-nos que o Jim Hawkins se tinha escapado para um dos botes para ir a terra com os outros.

Não nos passava pela ideia desconfiar do Jim Hawkins, mas ficamos preocupados pela sua segurança. Com a disposição em que os homens estavam, tornar a ver o rapaz não passava de simples hipótese. Corremos para o convés. O alcatrão fazia bolhas nas juntas, o cheiro penetrante enjoou-me, se havia um cheiro da febre e da desinteira era naquele ancoradouro abominável. Os seis malandros estavam sentados a murmurar, debaixo duma vela no castelo de proa; para terra podíamos avistar os botes amarrados, cada um com um homem sentado, junto à embocadura do rio. Um deles assobiava o “Lilibolero”.

A espera era um tormento, por isso foi decidido que o Hunter fosse comigo a terra na canoa em busca de informações. Os botes tinham-se inclinado para a direita, mas avançamos sem desvio na direção da paliçada indicada no mapa. Os dois que tinham ficado de guarda aos barcos pareceram agitados ao ver-nos, o assobio interrompeu-se e avistei a discussão entre os dois quanto ao que haviam de fazer. Se tivessem saído dali para ir avisar o Silver, tudo podia ter sido diferente, mas tinham as suas ordens, creio, e resolveram ficar onde estavam e continuar o “Lilibolero”.

Havia uma ligeira quebrada na praia, e manobrei o barco de modo a ficar por detrás dela. Os botes desapareceram mesmo antes de tocarmos em terra, saltei e pus-me a andar tão depressa quanto pude, com um lenço grande de seda sob o chapéu para me sentir mais fresco e tendo como proteção um par de pistolas carregadas de novo.

Ainda não tinha andado cem metros quando cheguei à paliçada. Era a seguinte a sua configuração: havia uma fonte de água clara no topo duma elevação. Sobre esta, em redor da fonte, tinham construído uma casa de toros bem robusta, capaz de abrigar uns quarenta homens à vontade, e com frestas para mosquetes por todos os lados. Em redor de tudo isto tinha sido aberta uma clareira larga, que por sua vez era circundada por uma paliçada de metro e oitenta de alto, sem portas nem aberturas, demasiado forte para ser derrubada sem tempo nem trabalho, e demasiado aberta para oferecer proteção aos que a sitiessem. As pessoas que estivessem na fortificação de toros levariam sempre a melhor, deixavam-se ficar tranquilamente no abrigo e atiravam aos outros como às perdizes. Tudo o que precisavam era de boa vigilância e de comida pois, a menos que fossem tomados de surpresa, podiam resistir a um regimento.

O que mais me admirou foi a nascente. Pois, embora no camarote do *Hispaniola* dispuséssemos de bom espaço, com abundância de armas, munições e comida, incluindo vinhos dos melhores, uma coisa havia que não fora prevista – não tínhamos água. Pensava nestas coisas quando retumbou na ilha o grito dum homem às portas da morte. A morte violenta não era novidade para mim – servi às ordens de sua alteza real o duque de Cumberland, e fui ferido em Fontenoy –, mas senti o coração falhar-me. “Lá se foi o Jim Hawkins”, foi o meu primeiro pensamento.

Alguma coisa é ter-se sido soldado, mas mais ainda é ser-se médico. Nesta profissão não há tempo para desperdiçar. Assim, a minha decisão foi instantânea, e sem demora voltei à praia e saltei para a canoa.

Por sorte, o Hunter era bom remador. A água voou, a canoa acostou e saltei para bordo da escuna. Como era natural, todos estavam agitados. O morgado, sentado, branco como um lençol, preocupava-se com os males em que nos havia metido, pobre alma! E um dos seis homens do bico da proa pouco melhor estava.

– Ali está um homem – disse o capitão Smollett, indicando-o – que ainda é novo nesta vida. Quando ouviu aquele grito, doutor, esteve quase a desmaiar. Mais um jeito do leme e passa-se para o nosso lado.

Disse ao capitão qual era o meu plano, e entre nós tratamos dos pormenores para o executar.

Pusemos o velho Redruth no corredor entre o camarote e o castelo de proa, com três ou

quatro mosquetes carregados e um colchão a protegê-lo. O Hunter trouxe o escaler sob o portaló da popa, e o Joyce e eu pusemo-nos a carregá-lo com pólvora, latas, armas, sacos de bolachas, barricas de carne, um pipo de aguardente e a minha preciosa mala de medicamentos.

Entretanto, o morgado e o capitão ficaram no convés, e este último chamou o timoneiro, que era o principal graduado a bordo.

– Senhor Hands – disse –, aqui estamos ambos com um par de pistolas cada um. Se qualquer de vocês seis fizer um só gesto suspeito, é um homem morto.

Recuaram todos, encolhidos; após breve conferência, dirigiram-se em conjunto para a camarata de vante, pensando, por certo, apanhar-nos de costas voltadas. Mas quando deram com o Redruth à espera deles no corredor improvisado, mudaram logo de direção e de novo se viu aparecer uma cabeça no convés.

– Para baixo, cachorro! – bradou o capitão.

A cabeça voltou a esconder-se, e não voltamos a ter notícia daqueles seis marujos tão amedrontados.

Arrumando tudo à pressa, tínhamos carregado a canoa até não poder mais. O Joyce e eu saímos pelo portaló da popa e remamos de novo para terra tão depressa quanto podíamos. Esta segunda excursão não deixou de despertar a atenção dos guardas na praia.

O “Lilibolero” foi interrompido outra vez e, logo antes de os perdermos de vista atrás da ponta de terra, um deles saltou e desapareceu. Ainda pensei em mudar o plano para lhes destruir os barcos, mas receava que o Silver e os outros se encontrassem por perto, e podia deitar tudo a perder por arriscar demais.

Desembarcamos no mesmo ponto da primeira vez e tratamos de equipar o fortim. Seguimos os três pelo mesmo caminho, com toda a carga às costas, e lançamos as provisões por cima da paliçada.

Seguidamente deixamos o Joyce de guarda – claro que era só um, mas com meia dúzia de mosquetes –, voltando o Hunter comigo à canoa para trazermos novo carregamento. Assim prosseguimos, sem tempo de respirar, até todo o material estar arrumado e os dois homens ficarem a postos no fortim enquanto eu, com as forças de que ainda dispunha, ginguei o barco de volta ao *Hispaniola*.

Correr o risco de outro carregamento completo parece mais audacioso do que na realidade era. Era evidente que eles tinham a vantagem do número, mas nós tínhamos a das armas. Nem um único dos que estavam em terra tinha um mosquete e, antes de chegarem ao alcance das pistolas, podíamos nos gabar de dar cabo de meia dúzia, pelo menos.

O morgado esperava-me à vigia da ré, com toda a energia recuperada. Agarrou o cabo e prendeu-o, e lançamo-nos a carregar o barco a toda a pressa. Levamos carne de porco, pólvora e bolachas, só com mais um mosquete e um sabre por cabeça para o morgado e para mim, o Redruth e o capitão. O resto das armas e pólvora lançamo-las pela borda em duas braças e meia de água de modo que podíamos ver o brilho do aço lá em baixo à luz do sol, no fundo de areia limpa. A maré começava a descer, e o navio a rodar em torno da âncora. Ouvimos vozes ao longe, do lado das baleeiras; embora isso nos tranquilizasse quanto ao Joyce e ao Hunter, que estavam bastante para nascente, era um aviso para que partíssemos.

O Redruth retirou do seu posto no corredor e lançou-se no barco, que então levamos de volta à amurada para receber o capitão Smollett.

– Agora, senhores – disse este –, ouvem-me?

Da vante não deram resposta.

– É contigo, Abraham Gray, é contigo que falo.

Ainda nenhuma resposta.

– Gray – tornou o senhor Smollett, um pouco mais alto –, vou deixar o navio, e dou-te ordem de seguires o teu capitão. Sei que no fundo és bom homem, e até digo que nenhum dos outros que aí estão é tão mau como quer parecer. Tenho aqui o meu relógio, dou-te trinta segundos para te apresentares.

Um intervalo.

– Anda, meu rapaz – prosseguiu o capitão –, não estejas a perder tempo. Cada segundo que passa estou a arriscar a minha vida e a destes senhores.

Houve um restolho brusco, um ruído de pancadas, e de lá saiu o Abraham Gray com um golpe de faca na face, correndo para o capitão como um cão à chamada do dono.

– Estou com o senhor, comandante – afirmou.

Logo a seguir saltaram para junto de nós e pusemo-nos ao largo.

Tínhamos deixado o navio, mas ainda faltava chegar a terra e à nossa paliçada.

## CAPÍTULO XVII

### Prosseguimento da narrativa do médico

– A última viagem da canoa

Aquela quinta vez foi muito diferente das outras todas.

Em primeiro lugar, o barco onde nos metemos mais parecia um pucarinho e estava perigosamente sobrecarregado. Cinco adultos, e três deles – Trelawney, Redruth e o capitão – com mais de metro e oitenta de altura, já ultrapassavam a sua capacidade. A somar havia a pólvora, carne e sacas de pão. A borda da ré ia metida na água. Por diversas vezes esta entrou, e antes de percorrermos cem metros já os meus calções e as abas do casaco estavam ensopados. O capitão obrigou-nos a equilibrar o barco, e conseguimos pô-lo um pouco mais direito. Mesmo assim, nem para respirar nos sentíamos seguros.

Em segundo lugar, a vazante estava agora a puxar – uma corrente forte e encrespada que seguia para poente pela baía, e depois para o sul e para o mar alto pelos estreitos por onde entráramos de manhã. Até as pequenas ondas eram um perigo para a embarcação sobrecarregada, mas o pior de tudo era que estávamos a ser arrastados do nosso curso normal, afastando-nos do ponto de desembarque do lado de lá da ponta de terra. Se nos deixássemos levar pela corrente, devíamos ir parar à praia ao lado das baleiras, onde os piratas podiam aparecer de um momento para o outro.

– Não consigo meter a proa na paliçada, senhor – avisei o capitão. Ia eu ao leme e ele a remar com o Redruth, por serem os mais robustos. – A maré ainda nos leva. Não podem puxar mais forte?

– Não, porque nos afundamos – respondeu. – Tem de aguentar, por favor, aguentar até ver se avança.

Tentei, mas vi que a corrente continuava a arrastar-nos para oeste até lhe acertar a proa a nascente, ou com o leme em ângulo reto com o rumo que tínhamos de seguir.

– Nunca mais lá chegamos por este andar – afirmei.

– Se é o único curso a seguir, senhor, temos mesmo de o seguir – retorquiu o capitão. – Temos de ir contra a corrente. Ora veja – prosseguiu –, se garrarmos para sotavento do desembarque, é difícil prever onde iremos encalhar, e além disso podemos ser abordados pelos escaleres, mas por aqui a corrente acaba por ceder, e depois podemos voltar atrás pela praia adiante.

– A corrente já não é tão forte, senhor – avisou o Gray, que seguia sentado nos paneiros da proa –, pode aliviar um pouco.

– Obrigado, meu rapaz – respondi, como se nada tivesse sucedido, pois havia entre todos um acordo tácito para o tratar como um dos nossos.

De chofre, o capitão tornou a falar, e pensei notar-lhe uma pequena mudança na voz.

– O canhão! – exclamou.

– Já pensei nisso – atalhei, certo de que ele pensara num bombardeamento do forte. – Não o podem trazer para terra, e mesmo se pudessem, nunca conseguiam transportá-lo pela floresta.

– Olhe lá atrás, doutor – respondeu o capitão.

Tínhamo-nos esquecido totalmente da peça de nove, e lá estavam, para consternação nossa, os cinco bandidos atarefados à volta dela, retirando o jaquetão, como chamavam ao encerado forte que a cobria durante a viagem. E não era só isso, mas também ao mesmo tempo me lembrei que deixáramos ficar as munições e a pólvora do canhão, e que bastava um golpe de machado para pôr tudo ao dispor daqueles demônios.

– O Israel era o artilheiro do Flint – observou Gray, com a voz rouca.

Arriscando tudo, enfiamos a proa do barco direita ao ponto de desembarque. Por essa altura já nos tínhamos distanciado o bastante da força da corrente para equilibrar o rumo com o ritmo necessariamente lento da remada, de modo a podermos manter apontados ao destino. Mas o pior era que, nesse rumo, ficávamos virados bem de lado para o *Hispaniola*, em vez de estarmos de popa, oferecendo assim um alvo tão grande como a porta dum palheiro.

Pude ouvir, tão bem como ver, aquele danado borrachão do Israel Hands atirar no convés uma das balas redondas.

– Quem é o nosso melhor atirador? – perguntou o capitão.

– É o senhor Trelawney, e de longe – respondi.

– Senhor Trelawney, o senhor faz-me o favor de abater um daqueles homens? Se possível o Hands? – pediu o capitão.

Trelawney manteve-se calmo como aço. Observou o fulminante da arma.

– Agora – exclamou o capitão –, cuidado com essa arma, senhor, para não afundar o barco. Atenção, todos equilibram o barco quando ele apontar.

O morgado levantou a arma, os remos pararam, e inclinamo-nos para manter o equilíbrio, com tal harmonia que nem gota de água entrou.

Entretanto, os do navio tinham feito rodar o canhão no seu eixo e o Hands, que estava à boca da peça com o escovilhão, era por isso o mais exposto. Mas não tivemos sorte, porque no instante em que Trelawney disparara ele abaixou-se e a bala, assobiando-lhe por cima, foi atingir um dos outros quatro.

O grito que soltou foi respondido não só pelos companheiros de bordo mas também por grande número de vozes de terra, e quando para lá olhei vi os restantes piratas a sair em corrida do arvoredo e a precipitarem-se para os escaleres.

– Aí vêm eles, senhor – avisei.

– A toda a força – comandou o capitão. – Agora não interessa se vamos ao charco. Se não pudermos desembarcar, acabou-se.

– Só um bote é que tem homens, senhor – acrescentei –, a tripulação do outro se calhar vai por terra cortar-nos o caminho.

– Vão ficar fartos de correr, senhor – retorquiu o capitão. – Sabe como é o marinho em terra. Com eles não me preocupo, mas sim com as balas da peça. Aqueles berlindes! Nem a criada da minha mulher falhava o tiro. Diga-nos, morgado, quando vir a mecha, e o resto é lógico.

Tínhamos entretanto avançado em boa média para um batel tão carregado, metendo relativamente pouca água. Já estávamos bem perto, mais trinta a quarenta remadas e encaharíamos, pois a vazante já deixara à vista uma língua de areia estreita abaixo da cortina de árvores. A baleeira já não nos assustava, a ponta de terra já a ocultara. A maré, que tão cruelmente nos retardara, estava agora a compensar-nos, demorando os nossos perseguidores. O perigo só podia vir da peça.

– Se me atrevesse – afirmou o capitão –, era capaz de parar para liquidar outro homem.

Mas era evidente que tudo faziam para não demorar o tiro do canhão. Nem sequer tinham olhado para o camarada tombado, embora não tivesse morrido, pois pude vê-lo tentando arrastar-se.

– Prontos! – gritou o morgado.

– Firme! – bradou o capitão, rápido como o eco.

E ele e o Redruth recuaram com um grande puxão que meteu a ré toda dentro de água. No mesmo instante soou o tiro. Foi o primeiro que o Jim ouviu, não lhe tendo chegado o som do tiro do morgado. Nenhum de nós soube precisamente quando o projétil passou por nós, mas imagino que tenha sido mesmo por cima da cabeça e que talvez a sua deslocação do ar tenha contribuído para o nosso desastre.

O certo é que a canoa se afundou pela ré, muito devagar, num metro de água, deixando-me a mim e ao comandante em pé, de frente um para o outro. Os outros três mergulharam de cabeça e levantaram-se, ensopados e a deitar água por todos os lados. Até aí o mal não foi grande. Não havia baixas, e podíamos chapinhar a salvo para terra. Mas ficaram todas as provisões no fundo e, para piorar as coisas, só duas das cinco armas estavam em condições. Tirara à pressa a minha dos joelhos e segurara-a acima da cabeça, como por instinto. Quanto ao capitão, tinha a dele às costas em bandoleira, mas com a coronha virada para cima, muito sensatamente. As outras três também tinham tomado um banho.

Para aumentar a nossa preocupação, ouvimos vozes que se aproximavam ao longo da floresta da praia, e corríamos não só o perigo de nos ser cortado o caminho da paliçada, no estado de inferioridade em que ficáramos, como também o que nos esperava se, no caso do Hunter e do Joyce serem atacados por meia dúzia deles, não estivessem ambos à altura para agüentar o assalto. Que o Hunter era rijo, isso sabíamos nós, o Joyce já oferecia dúvidas – era um homem agradável e educado como criado de quarto e para tratar de roupas, mas com aptidão insuficiente para soldado de linha. Com tudo isto no espírito, chapinhamos para terra o mais depressa que nos foi possível, deixando para trás a pobre canoa e praticamente metade de toda a pólvora e provisões.

## CAPÍTULO XVIII

Continua a narrativa do médico

– Fim das lutas do primeiro dia

Atravessamos com toda a rapidez possível a zona da floresta que aí nos separava da paliçada, e a cada passo as vozes dos piratas se aproximavam mais. Em breve podíamos ouvir-lhes as passadas, e o restolho dos ramos quando atravessavam alguma sebe de arbustos.

Comecei a ver que o embate estava para muito breve, e tratei dos meus fulminantes.

– Comandante – pedi. – O Trelawney é o melhor atirador. Dê-lhe a sua arma, a dele está imprestável.

Trocaram-nas, e Trelawney, calado e frio como sempre desde que começara o tumulto, interrompeu por um momento a marcha para verificar se estava tudo em ordem. Ao mesmo tempo, vendo que o Gray estava desarmado, passei-lhe o meu sabre. A todos nos animou vê-lo cuspir na mão, carregar o sobrolho e fazer a lâmina cantar no ar. Toda a sua atitude demonstrava claramente que aquele novo membro do grupo valia bem o que pesava.

Quarenta passos à frente, chegamos à borda do bosque e avistamos a paliçada. Atingimos a cerca perto do meio do lado sul e, quase ao mesmo tempo, sete amotinados – com o contramestre Job Anderson à cabeça – surgiram em gritaria do canto de sudoeste.

Pararam como se tolhidos de surpresa e, antes de se refazerem, não só o morgado e eu, mas também o Hunter e o Joyce da paliçada, tivemos tempo de fazer fogo. Os quatro tiros saíram bastante desordenados, mas fizeram o serviço, um dos inimigos tombou e os restantes, sem hesitar, retiraram para o arvoredo.

Depois de carregarmos as armas, fomos por fora da paliçada ver o adversário caído. Estava bem morto – com uma bala no coração.

Começávamos a regozijar-nos com o sucesso quando uma pistola disparou do meio da folhagem, uma bala me assobiou ao ouvido e o pobre Tom Redruth cambaleou e caiu ao comprido. O morgado e eu respondemos ao tiro, mas, sem ter nada a que apontar, possivelmente

foi só desperdiçar pólvora. Carregamos de novo e dirigimos as atenções para o pobre Tom. O capitão e o Gray já o examinavam, mas bastou-me uma olhadela para ver que estava arrumado.

Creio que a prontidão da nossa descarga tinha dispersado outra vez os revoltosos, porque nos foi permitido sem mais incômodos içar o nosso pobre e velho guarda de caça por cima da cerca e carregá-lo, a gemer e sangrando, para a casa de troncos.

Meu pobre velho! Não pronunciara uma só palavra de surpresa, queixa, receio, nem sequer de concordância, desde o próprio começo das nossas aventuras até àquele momento em que o pousamos, para morrer, na casa de troncos. Aguentara como um troiano atrás do seu colchão no corredor do navio, a todas as ordens obedecera em silêncio, prontamente e bem, era o mais velho do grupo, com uma diferença duns bons vinte anos, e agora era ele, o servidor atento, sombrio e velho, quem ia morrer.

O morgado ajoelhou a seu lado e beijou-lhe as mãos, a chorar como um menino.

– Estou a ir, doutor? – perguntou.

– Tom, meu velho – respondi –, vais voltar a casa.

– Mas eu ainda queria dar um gosto ao dedo com a arma – replicou.

– Tom – disse o morgado –, diz que me perdoas, dizes?

– E acha que havia o mesmo respeito assim, de mim para o senhor, fidalgo? – foi a resposta. – Seja como for, assim seja, amém!

Após alguns momentos de silêncio, declarou que achava que alguém podia ler uma oração. – É por ser costume, senhor – acrescentou, em tom de desculpa. E pouco a seguir, sem voltar a falar, expirou.

Entretanto, o capitão, cujo peitilho e bolsos eu já notara estarem exageradamente dilatados, fora deles tirando grande variedade de artigos – a bandeira britânica, uma Bíblia, um rolo de cabo forte, pena, tinta, o diário de bordo e uma quantidade impressionante de tabaco. Encontrara no cercado um choupo caído, bastante comprido e, com a ajuda do Hunter, fixara-o ao canto da casa onde os troncos se entrecruzavam. A seguir, trepando ao telhado sozinho, desdobrara e içara a bandeira.

Aquilo pareceu trazer-lhe um enorme alívio. Voltou a entrar e ocupou-se a inventariar o material; como se nada mais existisse. Mas durante tudo isso conservou-se atento à morte do Tom e, logo que tudo terminou, aproximou-se com outra bandeira e estendeu-a com reverência sobre o morto.

– Não se deixe abater, senhor – disse, apertando a mão do morgado. – Para ele está tudo bem, um homem que é morto no cumprimento do dever para com o seu comandante e o seu patrão não pode ter nada a recear. Isto pouco terá de sagrado, mas olhe que é um fato.

Seguidamente chamou-me de lado.

– Doutor Livesey – perguntou –, quantas semanas pensam o senhor e o morgado que vai levar a chegar o grupo de socorro?

Expliquei-lhe que não era questão de semanas, mas de meses, que se não regressássemos pelos fins de Agosto, o Blandly nos mandaria procurar, mas nem antes nem depois.

– O senhor pode fazer o cálculo – acrescentei.

– Ora, pois – retorquiu o capitão, coçando a cabeça –, e mesmo se dermos uma margem muito grande a todos os favores da Providência, estou em dizer que nos vamos meter num aperto.

– Como assim? – perguntei.

– É uma lástima termos perdido aquela segunda carga, senhor. É a isso que me refiro – respondeu. – Quanto a pólvora e chumbo, não há novidade. Mas as rações são poucas, muito poucas, tão poucas, doutor Livesey, que devemos estar praticamente na mesma com aquela boca a menos.

E apontou o morto coberto pela bandeira.

Nesse instante, rugindo e silvando, uma bala de canhão passou por cima do telhado e embrenhou-se ao longe no arvoredo.

– Oh! – disse o capitão. – Atirem à vontade! Já pouca pólvora devem ter para gastar, meus rapazes.

A segunda tentativa, a pontaria foi melhor e o balázio caiu dentro da cerca, espalhando uma nuvem de areia mas sem causar mais danos.

– Capitão – adiantou o morgado –, a casa não se pode ver do navio. Eles devem estar a apontar para a bandeira. Não seria melhor tirá-la?

– Virar costas à bandeira! – bradou o capitão. – Não, senhor, nem pensar nisso – e logo que falou creio que todos reconhecemos estar de acordo. Pois não se tratava somente de sentimentos de valentia própria dum homem votado ao mar, era também de boa política, para mostrar ao inimigo que desprezávamos a sua artilharia.

E pelo resto da tarde continuaram a bombardear-nos. Umas a seguir às outras, as balas voavam ou caíam perto, ou vinham remexer a areia do cercado, mas tinham de disparar tanto por alto que os projéteis tombavam em queda livre e vinham enterrar-se na areia solta. Não receávamos o ricochete, e embora uma tivesse entrado pelo teto e saído pelo soalho, em breve estávamos habituados àquela espécie de carrossel e lhe ligávamos tanta importância como ao críquete.

– Há uma coisa boa em tudo isto – observou o capitão –, a floresta aqui à frente não deve estar ocupada. A maré já levou muita água, talvez os mantimentos já estejam a descoberto. Peço voluntários para ir buscar a carne.

Os primeiros a apresentarem-se foram o Gray e o Hunter. Bem armados, escaparam-se para fora da estacaria, mas a missão não deu bom resultado. Os amotinados eram mais arrojados do que calculávamos, ou teriam mais confiança na artilharia do Israel, porque quatro ou cinco deles se ocupavam já a carregar as nossas provisões e a passá-las para uma das baleeiras que, com os remos a aguentar firme contra a corrente, tinham manobrado até junto da praia. O Silver comandava a operação nos paneiros da ré e já todos estavam armados de mosquetes, retirados de algum paiol secreto.

O capitão sentou-se com o seu diário aberto e começou o registro do dia com as seguintes palavras:

“Alexander Smollett, comandante; David Livesey, médico de bordo; Abraham Gray, carpinteiro ajudante; John Trelawney, armador; John Hunter e Richard Joyce, servidores do armador, civis – sendo todos os que restaram fiéis à companhia do navio – com mantimentos para dez dias com racionamento, desembarcaram nesta data e içaram a bandeira britânica na casa de troncos da Ilha do Tesouro. Thomas Redruth, servidor do armador, morto a tiro pelos amotinados; James Hawkins, grumete...”

E na mesma altura magicava eu no que seria feito do pobre Jim Hawkins.

Um grito do lado de terra.

– É alguém a chamar por nós – avisou o Hunter, que estava de sentinela.

– Doutor! Morgado! Capitão! Olá, Hunter, és tu? – gritava a voz.

E corri para a porta a tempo de ver o Jim Hawkins, são e salvo, a trepar para dentro da paliçada.

## CAPÍTULO XIX

Narração retomada por Jim Hawkins

– A guarnição do fortim

Logo que o Ben Gunn avistou a bandeira parou, puxou-me pelo braço e sentou-se.

– Olha – disse –, de certeza que são os teus amigos.

– É mais natural que sejam os piratas – observei.

– Qual! – exclamou. – Ora num sítio destes, onde só aparecem salteadores, o Silver havia mas era de içar a bandeira negra, não ponhamos dúvidas. Ná, são os teus amigos. Também houve os tiros, e acho que foram eles que levaram a melhor; e cá estão em terra no velho forte que o Flint fez há anos e anos. Lá boa cabeça tinha ele, o Flint. Mesmo cheio de rum, era homem que nunca dava o flanco. Medo foi coisa que nunca teve; só do Silver... do Silver que era mais refinado.

– Bom – respondi –, talvez sejam eles, e antes assim; mais uma razão para ir a correr ter com eles.

– Ná, camarada – redarguiu –, não corras tanto. És bom moço, se não me engano; mas não passas dum rapaz, e pronto. Agora cá o Ben Gunn é que tem asas. Nem o rum me leva lá para onde vais... nada disso, até falar com o teu fidalgo e apanhar-lhe a palavra de honra. E não te vás esquecer das minhas palavras: “Acima de tudo (é o que lhe vais dizer), confiar nele acima de tudo”... e a seguir dás-lhe um beliscão.

E pela terceira vez me beliscou com aquele mesmo ar de esperteza.

– E quando mandarem chamar o Ben Gunn já sabes onde o hás-de encontrar, Jim. No mesmo sítio de hoje. E quem vier tem de trazer na mão um pano branco, e tem de vir sozinho. Ah! E também lhe dizes isto: O Ben Gunn, dirás tu, lá tem as suas razões.

– Está bem – respondi –, acho que já percebi. Tens uma proposta a fazer, queres falar ao morgado ou ao doutor, e estás no sítio onde te encontrei. É só isso?

– “Mas quando?”, dizes tu – acrescentou. – Ora, aí entre o meio-dia pelo sol e as seis badaladas, mais ou menos.

– Pronto – atalhei –, e agora posso ir?

– Não te esqueces? – perguntou, ansioso. – Dizes que quero a prova de confiança e que tenho as minhas razões. Razões particulares, é o mais importante, como de homem para homem. Pronto – ainda a prender-me –, acho que já podes ir, Jim. Mas Jim, se encontrases o Silver, não és capaz de entregar o Ben Gunn? Por nada deste mundo? Não, tu o dizes. E se os piratas desembarcarem, que achas se amanhã de manhã houver mais algumas viúvas?

Foi interrompido pelo estrondo dum tiro, e uma bala de canhão rasgou a folhagem e veio enterrar-se na areia a menos de cem metros de onde estávamos. No instante imediato, saltamos ambos para fugir cada um para seu lado.

Por uma boa hora, a frequência dos tiros abalou a ilha, e as balas continuaram a romper com estrépito pela floresta. Mudei-me de esconderijo em esconderijo, sempre perseguido, ou assim me parecia, por aqueles aterradores projéteis. Mas para o fim do bombardeamento, embora ainda não ousasse aventurar-me para o lado da paliçada, onde as balas caíam com mais frequência, tinha começado, de certa maneira, a recuperar a presença de espírito: e depois de um longo desvio para nascente, abriguei-me sob as árvores junto à praia.

Era já sol-posto, a brisa marítima agitava e penetrava o arvoredor, enrugando a superfície cinzenta do fundeadouro; a maré já vazara por completo, deixando a descoberto grandes extensões de areia; o ar, depois do calor do dia, atravessava-me o casaco de frio.

O *Hispaniola* estava ainda onde tinha ancorado; mas lá estava a bandeira negra – a flâmula dos piratas – içada à vante. Novo clarão vermelho, novo estrondo que fez retinir os ecos, e nova bala assobiando pelo ar. Era a última do bombardeamento. Fiquei por algum tempo a escutar o tumulto que sucedeu ao ataque. Havia homens a derrubar algo com machados na praia, perto da paliçada – depois descobri tratar-se da pobre canoa.

Mais longe, cerca da foz do rio, uma grande fogueira brilhava por entre as árvores, e entre aquele ponto e o navio atarefava-se uma das baleeiras, cujos homens, que eu já vira tão abatidos, gritavam como miúdos, agarrados aos remos. Mas naquelas vozes havia algo que fazia lembrar o rum.

Pensei, por fim que já podia voltar para a paliçada. Estava a considerável distância, no cabedelo que fecha o ancoradouro pelo nascente, ligado à Ilha do Esqueleto na meia-maré; e então, ao levantar-me, avistei ainda mais para baixo da língua de areia, no meio de arbustos

rasteiros, um penedo isolado bastante alto e todo branco.

Lembrei-me que devia ser a pedra branca da qual falara o Ben Gunn, e que se de um dia para o outro fosse preciso um bote já sabia onde o havia de procurar.

A seguir, entranhei-me no bosque até chegar à retaguarda do forte, do lado virado para a praia, e pouco depois encontrei o mais caloroso acolhimento dos meus fiéis companheiros. Logo que lhes contei o sucedido, pude olhar em meu redor. A casa de troncos era toda feita de toros não aparados – telhado, paredes e soalho. Este último estava assente a pouco mais de trinta centímetros da areia. Havia um alpendre à porta, e abrigada neste alpendre ficava a pequena fonte metida numa bacia artificial bastante estranha – nada menos do que uma enorme chaleira de bordo, de ferro, com o fundo arrancado, metida na areia até às marcas, como dizia o capitão.

Pouco restava além da estrutura da casa, mas havia num canto uma laje de pedra ao jeito de lareira, na qual um velho cesto de ferro ferrugento servia de grelha para o fogo.

As irregularidades da duna e todo o interior do cercado tinham sido libertos das árvores para construir a casa, e pelos cepos cortados podíamos ver como devia ter sido belo e majestoso o bosque derrubado. A maior parte do terreno fora arrastada ou coberta de detritos depois da remoção das árvores; somente por onde corria o fio de água da chaleira um tapete de musgo espesso com alguns fetos e humildes arbustos verdejavam ainda pela areia. Logo em redor da paliçada – demasiado perto, diziam –, a floresta continuava pujante, alta e densa, toda de pinheiros do lado de terra, mas do lado do mar com grande percentagem de carvalhos vivazes.

A brisa fria da noite, de que já falei, assobiava por cada frincha da construção rude, polvilhando o chão com uma chuva contínua de areia fina. Tínhamos areia nos olhos, nos dentes, na comida, areia a rodopiar na fonte no fundo da chaleira, areia por todo o lado como papas a levantar fervura. A chaminé era um buraco quadrado no teto; só pequena parte do fumo por lá passava, ficando o resto a pairar lá dentro, conosco a tossir e a esfregar os olhos.

A acrescentar a isto havia o Gray, com uma ligadura na cara por causa dum corte que fizera ao fugir dos amotinados; e o pobre do velho Tom Redruth, por enterrar, estendido junto à parede, esticado e rígido, coberto com a bandeira nacional.

Se nos deixassem ficar ali sentados sem fazer nada, acabaríamos por cair todos na neurastenia, mas o capitão Smollett nunca seria capaz de chegar a tal ponto. Convocou todo o grupo e fez a distribuição dos quartos de guarda.

O doutor, o Gray e eu, no primeiro; o morgado, o Joyce e o Hunter, no outro. Embora cansados como estávamos, dois foram mandados à lenha, outros dois fazer a cova do Redruth, o doutor encarregou-se da cozinha, eu fui de sentinela para a porta e o próprio capitão ia de uns para outros, mantendo o moral e dando uma mão onde quer que fosse preciso.

De vez em quando, o doutor vinha à porta apanhar ar e dar descanso aos olhos, que quase lhe caíam com tanto fumo, e sempre que assim fazia conversava um pouco comigo.

– Aquele Smollett – observou de uma vez – é melhor homem do que eu. E para dizer isto é porque é um caso sério, Jim.

De outra vez ficou calado por um pedaço. A seguir, inclinou a cabeça de lado e encarou-me.

– Esse tal Ben Gunn é gente? – perguntou.

– Não sei, senhor – respondi. – Não tenho bem a certeza se ele está bom da cabeça.

– Se há dúvida quanto a isso, é porque está – retorquiu o médico. – Um homem que passou três anos a roer as unhas numa ilha deserta, Jim, não pode parecer tão normal como tu ou eu. Não é da natureza humana. Tinhas dito que ele adorava queijo?

– Sim, senhor, queijo – respondi.

– Ora bem, Jim – continuou –, vê lá tu como as lambarices podem trazer bem ao mundo. Já viste a minha caixa de rapé, não viste? E nunca me viste tomar rapé; pela razão que na caixa de rapé tenho um pedaço de queijo Parmesão, é feito em Itália, é um queijo muito alimentício. Pois bem, fica para o Ben Gunn!

Antes de cearmos, enterramos o velho Tom na areia, ficando em redor dele por algum

tempo de cabeças descobertas ao vento.

Tínhamos apanhado uma boa porção de lenha que ainda não era suficiente, na opinião do capitão e este, abanando a cabeça, disse-nos que no dia seguinte nos tínhamos de entregar ao trabalho com mais ânimo. Seguidamente, depois de todos comermos a ração de carne de porco e bebermos um bom gole de aguardente aquecida, os três chefes reuniram-se – a um canto para discutir o nosso futuro.

Creio que teriam esgotado a sua capacidade quanto ao que fazer, pois as provisões eram tão poucas que bem podíamos morrer à fome e rendermo-nos muito antes de chegar qualquer socorro. Mas concluíram que a melhor esperança para nós era ir liquidando os piratas um a um até que eles se rendessem ou fugissem com o *Hispaniola*. De dezenove já tinham sido reduzidos a quinze, mais dois tinham sido feridos, e pelo menos um – o homem abatido junto da peça – ferido com gravidade, ou talvez já morto. De cada vez que fazíamos fogo, tínhamos de ser cuidadosos em extremo e resguardar as nossas vidas. Além do mais, contávamos com dois aliados de confiança – o rum e o clima.

Quanto ao primeiro, embora a perto de meia milha de distância, podíamos ouvi-los a berrar e cantar pela noite fora; e quanto ao segundo, o doutor apostou a cabeleira que metade deles ia morrer antes de passar uma semana, visto estarem acampados nos pântanos, sem medicamentos.

– Portanto – concluiu –, se não nos matarem primeiro a tiro, ainda têm a sorte de se juntarem na escuna. Sempre é um navio, e podem voltar à vida de piratas, suponho.

– Vai ser o primeiro navio que perco na minha vida – disse o capitão Smollet.

Como podem imaginar estava morto de cansaço, e quando consegui adormecer, depois de muitas reviravoltas, dormi como um madeiro.

Já os outros se tinham levantado havia muito, tomado o pequeno-almoço e aumentado de quase metade a pilha de lenha, quando fui acordado pelo tumulto e som de vozes.

– Bandeira de tréguas! – ouvi alguém dizer, e logo a seguir, numa exclamação de surpresa.

– É o Silver em pessoa!

Levantei-me logo e, a esfregar os olhos, corri para uma das frestas abertas na parede.

## CAPÍTULO XX

### A embaixada de Silver

Era certo que havia dois homens do lado de fora, um dos quais acenava com um pano branco; o outro era o Silver em pessoa, calmo e descontraído.

Ainda era muito cedo, e a manhã mais fria que me lembro de ter passado em terra estranha; um frio que penetrava até à medula dos ossos. O céu, claro e sem nuvens, deixava o sol pincelar de reflexos rosados as copas das árvores. Mas o sítio onde o Silver ficara com o seu ajudante ainda estava mergulhado na sombra, e ambos tinham os joelhos metidos na bruma branca que durante a noite se acumulara no charco. Tanto o frio como aquela névoa contribuíam para dar da ilha uma triste ideia. Era sem dúvida um local úmido, doentio, insalubre.

– Ninguém sai cá de dentro – mandou o capitão. – Jogo dez para um em como aqui há truque.

– Quem vem lá? Alto, ou atiramos.

– Bandeira de trégua! – bradou o Silver.

O comandante abrigava-se no alpendre procurando resguardar-se de qualquer tiro à traição. Voltou-se para nos falar.

– O doutor de guarda na vigia. Doutor Livesey, por favor, do lado norte; Jim para o nascente; Gray, poente. Toda a guarda deitada, e mosquetes carregados. Alerta, homens, e muito cuidado.

A seguir voltou-se de novo para os piratas.

– Que querem vocês com a trégua? – gritou.

Foi a vez do outro homem responder.

– O capitão Silver deseja entrar e discutir condições, senhor.

– Capitão Silver! Não conheço. Quem é? – respondeu o capitão. E ouvimo-lo acrescentar para si próprio. – Com que então, capitão? Vida minha, isto é que é fazer promoções! – foi o próprio Long John a dar a resposta.

– Sou eu, senhor. Estes desgraçados elegeram-me capitão, depois do senhor desertar – com um reforço especial na palavra desertar. – Estamos dispostos a render-nos, se chegarmos a acordo, e nada de reservas. Só lhe peço a sua palavra, capitão Smollett, para me deixar sair são e salvo desta cerca, e um minuto para sair do alcance de tiro.

– Homem – respondeu o capitão Smollett –, não tenho interesse nenhum em falar contigo. Se quiseses falar comigo, podes entrar, e pronto. Se houver traição tem de ser do teu lado, e que Deus te ajude.

– Está certo, capitão – gritou o Long John, com ânimo. – Basta uma palavra sua. Sei o que é um cavaleiro, garanto-lhe.

Pudemos ver o homem que trazia a bandeira branca tentar reter o Silver. Nem era para admirar, depois da resposta tão brava do capitão. Mas o Silver riu-se dele e deu-lhe uma palmada nas costas, como se a ideia do perigo fosse absurda. A seguir avançou para a paliçada, atirou a muleta para dentro, trepou com a perna e, com grande energia e habilidade, conseguiu saltar a estacaria e cair em segurança do lado de dentro.

Devo confessar que estava ocupado demais em seguir o que se passava para que o meu posto de sentinela tivesse qualquer utilidade; já tinha, na verdade, abandonado o meu postigo a nascente e ido de rastos até chegar atrás do capitão, que se sentara no alpendre com os cotovelos nos joelhos e a cabeça apoiada nas mãos, os olhos fixos na água que gotejava da velha chaleira enterrada na areia. Assobiava baixinho o “Venham, Moças e Rapazes”.

O Silver fazia um esforço tremendo para subir a duna. Com o terreno íngreme, os cepos cortados e a areia mole, ele e a muleta eram tão indefesos como um navio à sirga. Mas teimou como um homem naquele esforço mudo, chegando enfim em frente do capitão a quem fez uma continência na mais perfeita ordem.

Estava vestido com o melhor que tinha: um enorme casacão azul recoberto de botões de latão, até aos joelhos, e um chapéu de fitas inclinado para trás.

– Ora cá estás tu, homem – disse o capitão, erguendo a cabeça. – O melhor é sentares-te.

– Não me vai deixar entrar, capitão? – queixou-se o Long John. – A manhã está fria a valer, para a gente se sentar cá fora na areia.

– Então, Silver – retorquiu o capitão –, se tu quisesses ser um homem sério bem podias estar agora sentado na tua cozinha. Tu é que resolves. Ou és o meu cozinheiro de bordo, e então és tratado como deve ser, ou então és o capitão Silver, um amotinado e pirata ordinário, e nesse caso podes enforcar-te!

– Pronto, pronto capitão – tornou o cozinheiro, sentando-se na areia como lhe tinham dito –, depois tem de me ajudar a levantar outra vez, nada mais. Que rico lugar o senhor aqui tem. Ah, lá está o Jim! Bons dias para ti, Jim. Doutor, os meus respeitos. Ora vejam, aqui estão todos juntos como uma família feliz, por assim dizer.

– Se tens alguma coisa a dizer, diz lá o que é – observou o capitão.

– Tem razão, capitão Smollett – respondeu. – O dever é dever, certo. Ora bem, escute, aquilo desta noite foi um bom golpe. Não nego que foi um ótimo golpe. Alguns dos senhores são mesmo bons com um espeto. E também não nega que alguma da minha gente ficou abalada, talvez ficassem todos, talvez eu próprio ficasse abalado, pode ser que eu esteja aqui para discutir por causa disso mesmo. Mas tome nota, capitão, que não vai haver segunda vez, cum raio! Vamos ter de organizar as guardas e ter mais cuidado com o rum. Talvez julgue que estávamos todos emborrachados. Mas digo-lhe que eu fiquei sóbrio, o que estava era estafado como cachorro, e se tivesse acordado um segundo mais cedo era capaz de apanhar o senhor com a boca na botija, era. Ele não tinha morrido quando lá cheguei à beira dele, não senhor.

– E depois? – atalhou o capitão Smollett, completamente frio.

Tudo o que o Silver dissera era um enigma para ele, mas nada deixou transparecer na voz. Quanto a mim, começava a ter uma ideia do que se passara. Recordei as últimas palavras do Ben Gunn. Pensei que os devia ter ido visitar enquanto estavam estendidos e bêbedos em redor da fogueira, e senti-me reanimado ao calcular que nos restavam catorze inimigos.

– Ora bem – continuou o Silver. – Queremos o tesouro, e havemos de o apanhar, é o que interessa! Pela vossa parte, porem-se a salvo é o que lhes interessa a vocês, calculo. Os senhores têm um mapa, não têm?

– É possível – respondeu o capitão.

– Ora, ora, bem sei que têm – tornou o Long John. – Não precisa de levantar tanta poeira, isso não leva a nada, garanto-lhe. Vejamos, o que nós queremos é o mapa. Por mim, nunca lhes quis fazer mal.

– Isso para mim não vale nada, homem – interrompeu o capitão. – Sabemos exatamente o que vocês pretendem, mas não estamos interessados, porque agora, bem vês, não podem fazer nada.

Encarando-o com toda a calma, o capitão pôs-se a encher o cachimbo.

– Se o Abe Gray... – começou o Silver.

– Alto lá! – exclamou o senhor Smollett. – O Gray não me disse nada, nem eu lhe perguntei nada, e além do mais pouco me importa que ardas tu e ele e toda a ilha primeiro até desaparecer tudo. E aí tens qual é o meu interesse pela tua pessoa em todo este caso, homem.

Aquele arremedo de mau génio pareceu arrefecer o Silver. Começara por se mostrar abespinhado, mas agora recuperava a compostura.

– Está certo – disse. – Não vou pôr-me a dizer o que as pessoas devem ou não devem fazer. E, visto que o senhor vai fumar cachimbo, capitão, dê-me licença de fazer o mesmo.

Encheu o cachimbo e acendeu-o, e os dois ficaram a fumar em silêncio por muito tempo, umas vezes olhando-se, outras tapando o tabaco com os dedos ou inclinando-se para cuspir.

Olhar para os dois era um espetáculo.

– Então – recomeçou o Silver –, aqui temos. Vocês dão-nos o mapa para ir à procura do tesouro, e deixam de dar tiros nos pobres marinheiros e de os rebentar enquanto dormem. Em troca, ofereço-lhes uma alternativa. Ou voltam para bordo conosco, com o tesouro embarcado, e então dou-lhes a minha palavra que os deixo ficar a salvo em qualquer sítio. Ou, se não lhes agrada esta solução, visto que alguns dos meus homens são brutos e podem querer ajustar contas por terem vistas curtas, então podem ficar aqui mesmo, podem. Dividimos as provisões com os senhores, homem por homem e, como já disse, dou-lhes a minha palavra de honra que falo ao primeiro navio que encontrar para os vir cá buscar. Hão-de reconhecer que isto faz sentido. Melhor que isto não podem arranjar, de certeza. E espero – elevando a voz – que toda a gente aqui dentro entenda o que estou a dizer, porque o que eu disse a um é o que digo a todos.

O capitão Smollett levantou-se e sacudiu a cinza do cachimbo na palma da mão esquerda, perguntando:

– Já acabaste?

– Evidentemente, cum raio! – respondeu o John. – Se recusar não tem mais nada da minha parte senão tiros de mosquete.

– Muito bem – disse o capitão. – Agora vais ouvir-me. Se vocês se apresentarem um por um, desarmados, comprometo-me a pô-los todos a ferros e a levá-los para Inglaterra para serem lá julgados com justiça. Se não se apresentarem, ou eu não me chame Alexander Smollett, a servir a bandeira do meu rei, mando-os a todos para o Inferno. Vocês não são capazes de encontrar o tesouro. Não podem comandar o barco, não têm um único capaz de o comandar. Não podem dar-nos luta, ali o Gray escapou-se a cinco dos teus. A tua barca está a ferros, Mestre Silver, não te safas, e não tarda que o fiques a saber. Sou eu que aqui estou quem to diz, e da minha parte não vais ouvir mais nada, porque te juro que te meto uma bala nas costas da próxima vez que te vir. Rua, homem. Arruma-te daqui para fora, a galope, e a toda a pressa.

A cara do Silver era uma estampa, os olhos saltavam-lhe de raiva. Sacudiu a brasa do cachimbo.

– Ajude-me a levantar! – gemeu.

– Eu não – retorquiu o capitão.

– Quem me ajuda a levantar? – rugiu.

Ninguém se mexeu. Resmungando as mais violentas imprecações, engatinhou pela areia até encontrar apoio no alpendre para se guindar na muleta. A seguir cuspiu para dentro da fonte.

– Pronto! – gritou. – Aí está o que penso de vocês. Daqui a menos de uma hora asso-os no forte como ponche. Riam, cum raio, riam! Daqui a menos de uma hora vão rir no outro mundo. Sorte vão ter os que morrerem.

E com uma praga ameaçadora afastou-se a mancar, sulcando a areia, até ser ajudado a saltar a cerca, depois de quatro ou cinco tentativas falhadas, pelo homem da bandeira branca, e desapareceu num instante no meio das árvores.

## CAPÍTULO XXI

### O ataque

Logo que o Silver desapareceu, o capitão, que continuara a vigiá-lo, voltou-se para dentro e descobriu que nenhum de nós ficara no seu posto exceto o Gray. Foi a primeira vez que o vimos zangado de verdade.

– De guarda! – vociferou. A seguir, enquanto recolhíamos aos lugares, acrescentou: – Gray, vou pôr o teu nome no registro, fizeste o teu dever como um marinheiro. Senhor Trelawney, estou admirado consigo. Doutor, pensava que o senhor tinha usado a farda real! Se foi assim que serviu em... Fontenoy, mais valia que tivesse ficado no seu beliche.

Os da guarda do médico tinham voltado para as vigias, os restantes ocupavam-se a carregar os mosquetes de reserva, e todos, evidentemente, corados até aos cabelos e com a pulga na orelha, como costuma dizer-se.

O capitão observou-nos por algum tempo em silêncio. Depois falou.

– Rapazes – disse. – Dei um flanco ao Silver. Foi de propósito que o levei ao rubro, e em menos de uma hora, como ele disse, vamos ser abordados. Não preciso de vos dizer que somos menos do que eles, mas temos o abrigo para lutar e, ainda há pouco, ia dizer que lutamos com disciplina. Não quero duvidar que podemos levar a melhor, se vocês quiserem.

Em seguida, fez uma revista e encontrou, como dizia, tudo em boa ordem.

Nos dois lados mais pequenos da casa, a nascente e poente, havia só duas vigias; no lado sul onde estava o alpendre, outras duas; e mais cinco do lado norte. Havia uma vintena de mosquetes para os sete, a lenha tinha sido junta em quatro pilhas – à maneira de mesas – cada uma mais ou menos a meio de cada lado, onde se tinham colocado munições e quatro mosquetes carregados, à mão dos defensores. Ao centro, alinhavam-se os sabres.

– Apaguem o lume – disse o capitão –, já não está frio, e escusamos de apanhar fumo nos olhos.

O senhor Trelawney carregou com a cesta de ferro para fora e as brasas foram apagadas na areia.

– O Hawkins não comeu nada. Hawkins, serve-te e vai comer para o teu posto – continuou o capitão Smollett. – Rápido, rapaz, não tarda nada que não te apeteça mais. Hunter, serve uma rodada de aguardente aos homens.

Enquanto isso, o capitão ia completando o seu plano de defesa.

– Doutor, fique com a porta – prosseguiu. – De modo a ver sem se expor, mantenha-se cá dentro e faça fogo pelo portal. Hunter, tu vais ali para o nascente. Joyce, ficas no poente, homem. Senhor Trelawney, é o melhor atirador, o senhor e o Gray ficam aqui do lado norte com as cinco vigias, é aqui que está o perigo. Se eles cá chegarem e atirarem pelas nossas vigias, as coisas vão ficar mais feias. Hawkins, nem tu nem eu somos grande coisa a atirar, ficamos a

carregar as armas e a dar uma mão onde for preciso.

Como dissera, o frio tinha passado. Logo que o sol se ergueu acima da nossa cintura de arvoredo, bateu na clareira com toda a força e sorveu toda a umidade em pouco tempo. Em breve a areia esquentava, e a resina derretia nos toros do fortim. Blusões e casacos foram atirados para o lado, as camisas abertas e as mangas enroladas até aos ombros, e ali ficamos, cada um no seu posto, numa febre de calor e ansiedade.

Decorreu uma hora.

– Que se enforcem! – desabafou o capitão. – Isto é pior que a calma podre. Gray, assobia lá a ver se há vento.

E naquele preciso momento chegaram os primeiros sinais do ataque.

– Por favor, comandante – disse o Joyce –, se vir alguém, faço fogo?

– Já te disse que sim! – exclamou o capitão.

– Obrigado, senhor – retorquiu o Joyce, com a mesma educação calma.

Nada aconteceu, mas aquelas palavras tinham-nos posto a todos de sobreaviso, com ouvidos e olhos atentos, os atiradores de armas alerta, o capitão no meio da casa, com a boca contraída e expressão carregada.

Assim passaram alguns segundos, até que de chofre o Joyce ergueu a arma e disparou. Ainda mal tinha desaparecido o som do tiro quando do lado de fora foi repetido vezes sem conta numa descarga desordenada, um a seguir a outro como um bando de gansos, de todos os lados da cerca. Várias balas atingiram a construção, mas nenhuma entrou; e quando o fumo desapareceu, a paliçada e a floresta pareceu tão tranquila e vazia como antes. Nem um ramo mexia, nem o brilho dum cano traía a presença dos inimigos.

– Acertaste-lhe? – perguntou o capitão.

– Não, senhor – respondeu o Joyce. – Creio que não.

– É melhor falar sempre verdade – resmungou o capitão Smollett. – Carrega-lhe a arma, Hawkins. Quantos acha que vinham desse lado, doutor?

– Tenho a certeza – respondeu o doutor Livesey. – Disparam três tiros deste lado. Vi os três clarões, dois juntos e outro mais longe.

– Três! – repetiu o capitão. – E do seu lado, senhor Trelawney?

A resposta não foi tão fácil. Do norte tinham vindo muitos, sete, pela ideia do morgado, oito a nove, segundo o Gray. Do nascente e poente só tinham disparado um tiro. Era, portanto, claro que o ataque se ia desenvolver do lado norte, e que dos outros três só íamos ser incomodados por demonstrações de hostilidade.

Mas o capitão Smollett não modificou as medidas tomadas. Se os amotinados conseguissem penetrar na estacaria, estava convencido de que eram capazes de se apoderar de qualquer vigia desprotegida e dali nos fuzilar como ratos no nosso abrigo. Nem nos restava grande tempo para pensar. De súbito, com grande berraria, um amontoado de piratas saltou do meio do arvoredo a norte e dirigiu-se em corrida para a paliçada. No mesmo instante, tornaram a abrir fogo da floresta, e uma bala zuniu pela porta dentro e foi espatifar o mosquete do médico.

Os assaltantes treparam pela cerca como macacos. O morgado e o Gray continuaram a disparar; caíram três homens, um para a frente dentro do cercado e os outros dois para fora. Mas um deles estava na verdade mais assustado do que atingido, pois levantou-se num ápice para logo desaparecer nas árvores.

Dois tinham a sua conta, um fugira, quatro tinham metido bem o pé dentro do nosso terreno, enquanto abrigados pela floresta, uns sete ou oito homens, cada um munido de alguns mosquetes, mantinham a casa debaixo de fogo rápido mas sem consequências.

Os quatro que tinham feito a abordagem corriam a direito para a casa, gritando, e os do bosque gritavam também para os encorajar. Fizeram-se vários tiros, mas a pressa dos atiradores era tal que nenhum deles pareceu dar resultado. Num momento, os quatro piratas tinham trepado à duna e caíam sobre nós.

A cabeça do Job Anderson, o contramestre, mostrou-se na vigia do centro.

– Todos a eles, todos! – rugiu.

Ao mesmo tempo, outro pirata agarrou o mosquete do Hunter pelo cano, arrancou-lho das mãos, espetou-o com força pela vigia e, com uma pancada violenta, estendeu o pobre homem no chão, sem sentidos. Entretanto um terceiro, dando volta à casa sem ser molestado, apareceu de surpresa à porta e atirou-se, de sabre em punho, ao doutor.

A nossa posição invertera-se por completo. Momentos antes, abrigados, atirávamos a um inimigo descoberto, agora era a nossa vez de ficarmos a descoberto, sem poder responder aos golpes.

A casa estava cheia de fumo, ao qual devíamos uma relativa segurança. Gritos de confusão, clarões e estampidos de pistolas e um gemido contínuo retiniam-me nos ouvidos.

– Para fora, rapazes, saiam e lutem lá fora! Aos sabres! – gritava o capitão.

Apanhei um sabre e alguém que pegava noutro ao mesmo tempo deu-me um golpe nos dedos que mal senti. Saí a correr para o sol. Alguém vinha logo atrás, não sei quem. Logo à frente, o médico perseguia o seu atacante pela duna abaixo, até que o apanhou em falta e o derrubou com uma grande cutilada na cara.

– À volta da casa, rapazes! À volta da casa! – gritou o capitão, e até no meio da confusão percebi uma mudança naquela voz.

Obedeci mecanicamente, virei-me para nascente e, de sabre no ar, corri para o outro lado. Dei de caras com o Anderson. Com um rugido, levantou o facalhão que rebrilhou ao sol. Sem tempo para me assustar, mas ainda antes que ele desse o golpe, saltei de lado e falhei o pé na areia, rolando pela ribanceira abaixo. Quando eu saíra, os outros piratas já tinham começado a trepar à paliçada para acabar conosco. Um homem de barrete vermelho, sabre na boca, tinha passado uma perna para o lado de dentro. Enfim, passara tão pouco tempo que quando me tornei a pôr em pé ainda estava tudo na mesma, com o do barrete vermelho ainda a meio do salto e a cabeça de outro que vinha a seguir por cima das estacas. E todavia, em tão curto espaço de tempo, a luta terminava e a vitória era nossa.

O Gray, que ia logo atrás de mim, aniquilara o enorme contramestre antes de ele ter tempo de se recompor do golpe falhado. Outro tinha sido abatido a tiro por uma das vigias na altura em que disparava para dentro da casa, e agonizava agora com a pistola ainda fumegante na mão. Um terceiro fora o que eu vira ser arrumado pelo doutor com um só golpe. Dos quatro que tinham transposto a estacada só um ainda não tivera a sua conta, mas tinha abandonado o sabre e escapulia-se agora no terror da morte.

– Fogo... fogo da casa! – gritou o médico. – E vocês, rapazes, abriguem-se.

Mas aquelas palavras não foram atendidas, ninguém disparou e o último assaltante fugiu e desapareceu com os restantes na floresta. Em três segundos nada restava do grupo atacante senão os cinco que tinham caído, quatro do lado de dentro e um fora da paliçada.

O médico, o Gray e eu corremos a abrigar-nos a toda a pressa. Não tardaria que os sobreviventes voltassem para onde tinham deixado os mosquetes, e o tiroteio podia recomeçar em qualquer momento.

A casa já estava mais ou menos livre da fumarada, e pudemos ver rapidamente qual fora o preço da vitória. O Hunter estava estendido ao lado da vigia, atordoado, o Joyce, com um tiro na cabeça, imóvel para sempre, enquanto no meio da casa o morgado amparava o capitão, um tão pálido como o outro.

– O capitão está ferido – disse o senhor Trelawney.

– Fugiram? – perguntou o senhor Smollett.

– Todos os que puderam fugir, esteja descansado – respondeu o médico –, mas cinco deles nunca mais fogem.

– Cinco! – exclamou o capitão. – Assim já é melhor. Cinco contra três deixa-nos quatro para nove. A probabilidade sempre é melhor que no princípio. Éramos sete contra dezenove, ou assim pensamos, e para ser mau já chegou.

## Quinta Parte

### A minha aventura no mar

#### CAPÍTULO XXII

##### Como comecei a minha aventura no mar

Os revoltosos não tornaram a aparecer, nem sequer houve mais um tiro do arvoredo. Já tinham levado a ração do dia, no dizer do capitão, e tínhamos o lugar por nossa conta e tempo calmo para cuidar dos feridos e comer o jantar. O morgado e eu cozinhamos ao ar livre, apesar do perigo, e até ali fora mal podíamos atender ao que fazíamos, impressionados com os gemidos dos doentes ao cuidado do médico.

Dos oito homens que haviam tombado em combate só três ainda respiravam – o pirata que apanhara um tiro pela vigia, o Hunter e o capitão Smollett –, e daqueles os primeiros dois estavam como mortos; o pirata acabou por morrer enquanto o doutor o operava, e o Hunter, depois de todos os cuidados, não chegou a recuperar os sentidos. Para ali esteve o dia inteiro, num estertor como o do velho pirata que tivera a apoplexia em minha casa, mas com os ossos do peito esmagados pela pancada, e o crânio fraturado na queda, foi ao encontro do Criador durante a noite seguinte, sem um só gesto ou palavra.

Quanto ao capitão, estava de fato muito ferido, mas sem perigo. Nenhum órgão fora atingido fatalmente. A bala do Anderson, pois fora o Job o primeiro a acertar-lhe, tinha-lhe partido a omoplata e tocado no pulmão, sem gravidade. Uma segunda só lhe tinha rasgado e deslocado alguns músculos da barriga da perna. Ia ficar bom, garantia o médico, mas entretanto, por algumas semanas, tinha de não andar nem mexer o braço, e ainda manter-se calado o mais que pudesse.

O acidente da minha cortadela nos dedos era uma ninharia. O doutor Livesey pôs-lhe um remendo de pasta e deu-me um puxão de orelhas em pagamento da cura.

A seguir ao jantar, o morgado e o médico sentaram-se à beira do capitão em conferência; depois de conversarem até passar um pouco do meio-dia, o médico pegou no chapéu e nas pistolas, pôs um sabre à cinta, meteu o mapa no bolso e, de mosquete ao ombro, saltou a paliçada do lado norte e partiu rápido por entre as árvores.

O Gray e eu tínhamo-nos sentado do lado oposto da construção, sem poder ouvir a conversa dos oficiais, e o Gray, tirando o cachimbo da boca, deixou-o esquecido na mão, tal foi o seu espanto com o sucedido.

– Olha – observou –, terá o doutor Livesey perdido o juízo?

– Ora, não – repliquei. – Deve ser o último de todos a quem isso podia acontecer.

– Pois olha, patrício – continuou –, doido talvez não esteja, mas se não está, então podes ter a certeza que sou eu que estou.

– Acho – respondi – que o doutor lá tem uma ideia, e se é o que penso, ele vai ter com o Ben Gunn.

Como depois se viu, assim era, mas entretanto, com a casa feita num forno, e a areia dentro do cercado feita em brasa ao sol do meio-dia, outro pensamento começou a nascer-me na cabeça, ideia essa que já não estava nada certa. Comecei a invejar o médico que caminhava pela sombra fresca do arvoredo, rodeado de pássaros e do cheiro agradável dos pinheiros, ao passo que eu ficava sentado a fritar, com a roupa colada à resina quente, no meio da cena de sangue e de tantos desgraçados mortos que me faziam sentir por aquele lugar uma repugnância quase tão forte como o medo.

Ocupei-me a lavar toda a casa, e depois a lavar a loiça do jantar, sem que aquela repugnância e inveja tivessem deixado de aumentar cada vez mais até que, por fim, acercando-me duma saca de pão, e sem que ninguém me observasse, dei o primeiro passo para a fuga enchendo

ambos os bolsos do casaco com bolachas.

Estava a ser idiota, se quiserem, e de certeza que ia cometer uma loucura irrefletida, mas estava resolvido a pô-la em prática com todas as cautelas de que podia dispor. Aquelas bolachas, se me acontecesse qualquer coisa, iam ao menos impedir que morresse à fome até ao fim do dia seguinte.

A seguir, deitei a mão a um par de pistolas e, como já tinha um polvorinho e balas, considerei-me bem armado. Quanto ao plano que arquitetara, não era mau em si mesmo. Tratava-se de ir até à língua de areia que separa o ancoradouro a nascente do mar aberto, encontrar a pedra branca que vira na véspera e verificar se era lá ou não que o Ben Gunn escondera o barco, uma coisa que valia a pena ser feita, como aliás ainda penso. Mas como tinha a certeza de que não me deixavam sair do cercado, o único plano de que dispunha era despedir-me à francesa e escapar-me sem ser visto, o que era fazer as coisas tão mal que até pareciam de fato erradas. Mas não passava de um rapazote e já tinha tomado a minha decisão.

Ora, pelo modo como as coisas se desenrolaram, acabei por encontrar uma oportunidade estupenda. O morgado e o Gray ocupavam-se com as ligaduras do capitão, a costa estava livre, arranquei por cima da estacada e meti-me no mais espesso do bosque, e antes que a minha ausência fosse notada já estava fora do alcance da voz dos meus companheiros. Era a minha segunda loucura, muito pior do que a primeira, pois só deixara dois homens em condições de guardarem a casa, mas, como da primeira, ia dar uma ajuda para a salvação de todos.

Segui a direito para a costa oriental da ilha, pois decidira ir pelo lado do cabedelo virado ao mar para evitar ser visto do fundeadouro. A tarde já ia alta, embora ainda quente e com sol. Ao embrenhar-me no arvoredado alto podia ouvir ao longe, não só o ronco contínuo da ressaca, mas também uma certa agitação da folhagem e ranger de ramos que me diziam que a brisa estava mais forte do que era hábito. Em breve me chegaram correntes de ar fresco, e pouco depois atingia a borda da enseada para avistar o mar azul e cheio de sol até ao horizonte e as ondas que enrolavam e espalhavam a sua espuma na praia.

Nunca em redor da Ilha do Tesouro vi o mar estar calado em paz. Podia o sol dardejar lá em cima, o ar não ter um sopro, a superfície da água lisa e azul, mas havia sempre aquelas vagas a rolar ao longo de toda a costa, trovejando sem cessar dia e noite, e não creio que haja na ilha um lugar onde aquele barulho não se possa ouvir. Cheio de contentamento, caminhei ao lado da ressaca até, achando que já tinha avançado o suficiente para sul, me abrigar nuns arbustos espessos e me arrastar com cuidado até ao topo da língua de areia.

Atrás de mim tinha o mar, e à frente o ancoradouro. O vento, como se estivesse prestes a esgotar-se mais cedo devido à força fora do normal com que soprara, já não se fazia sentir, sucederam-lhe massas de ar leves e variáveis do sul e sudeste, que arrastavam grandes bancos de nevoeiro, e o ancoradouro, ao abrigo da Ilha do Esqueleto, encontrava-se calmo e liso como quando lá entramos pela primeira vez. O *Hispaniola*, naquela serenidade espelhada, era refletido com exatidão desde a ponta dos mastaréus até à linha de água, com a bandeira negra suspensa no traquete.

Atracada ao navio estava uma das baleeiras, com o Silver nos paneiros da ré – a ele podia-o sempre reconhecer –, ao passo que dois homens se debruçavam na amura da popa, um deles com um barrete vermelho, o mesmo bandido que vira algumas horas antes escarranchado na paliçada. Pareciam falar e rir, embora àquela distância – para cima de uma milha – não pudesse, evidentemente, ouvir uma única palavra. Mas de repente distingui uns gritos medonhos e arrepiantes, que não deixaram de me assustar a princípio, embora em breve tenha reconhecido a voz do capitão Flint, e pensado que podia avistar as plumas garridas do papagaio empoleirado no pulso do dono. Pouco depois, o bote largou e dirigiu-se para terra, e o homem do barrete vermelho desceu com o companheiro à escotilha do camarote.

Por essa altura, o Sol descera por detrás do monte do Óculo e, com o nevoeiro a acumular-se rapidamente, a escuridão avançou. Vi que não tinha tempo a perder se quisesse encontrar o barco naquela noite.

A rocha branca, bastante visível acima dos arbustos, ficava ainda a mais de cem metros para o lado de baixo, e levou-me um bom bocado a lá chegar, de rastos e muitas vezes de gatas, por entre as moitas. Quase chegara a noite quando lhe pus a mão nos flancos rugosos. Mesmo por baixo dela havia uma depressão muito pequena de turfa verde, oculta pelo declive e por mato cerrado que me dava pelos joelhos e que ali crescia com abundância, e lá estava, ao centro da cova, uma pequena tenda de peles de cabra, como as que os ciganos usam na Inglaterra. Saltei para a cova, levantei um lado da tenda e ali estava o batel do Ben Gunn – feito à mão como nunca houvera nada igual –, uma estrutura tosca de madeira forte, inclinada mais dum lado que do outro, e esticada por cima dela uma cobertura de pele de cabra, com o pêlo para dentro. A coisa era minúscula, até para mim, e não creio que pudesse flutuar com um adulto forte lá dentro. Havia um assento colocado tão baixo quanto possível, uma espécie de esticador nas extremidades e um remo duplo como propulsor.

Nunca tinha visto um coracle<sup>2</sup>, como os feitos pelos antigos bretões, mas vi um mais tarde, e a ideia mais aproximada que posso dar do barco do Ben Gunn é dizer que me pareceu o mais antigo e pior coracle jamais construído pelo homem. Mas não havia dúvida que tinha a grande vantagem do coracle, por ser extremamente leve e portátil.

Pois bem, já que encontrara o barco, talvez tenham pensado que já satisfizera a minha vaidade, mas o certo é que arranjava outra ideia, e a ela me entreguei a tal ponto que me sentia capaz de a pôr em prática, creio, na presença do capitão Smollett em carne e osso. E era sair pela calada da noite e cortar as amarras do *Hispaniola*, deixando a escuna à deriva para ir encalhar onde calhasse. Estava bem convencido de que os amotinados, depois do desaire dessa manhã, não tinham outro desejo senão levantar ferro e fazerem-se ao mar; isso, pensei, bem merecia ser contrariado, e agora, que os vira deixar o vigia sem um bote, pensei ainda que podia executar o plano com um risco mínimo.

Sentei-me à espera que escurecesse e comi uma boa ceia de bolachas. Era a noite ideal para o que ia fazer. A bruma fizera desaparecer o céu todo. Ao desaparecerem os últimos raios do dia, instalou-se na Ilha do Tesouro o negrume mais completo. E quando, enfim, carreguei com o coracle aos ombros e tateei o caminho aos tropeções para sair do buraco onde ceara, em todo o fundeadouro apenas dois pontos eram visíveis. Um era a grande fogueira em terra, em redor da qual os piratas derrotados se estendiam, no pântano, bebendo em algazarra. O outro, um simples borrão de luz no escuro, assinalava a posição do navio. Tinha rodado com a corrente da maré – ficara com a popa virada para mim –, e a única luz a bordo era a do camarote; o que eu avistava era somente a claridade forte da janela da ré que se refletia no nevoeiro.

A vazante já ia adiantada e tive de chapinhar pela extensa faixa de areia encharcada, em que várias vezes me afundei até às canelas, até chegar à beira da água e, metendo-me a ela, empregar bastante força e destreza para lançar o meu coracle, de quilha para baixo, ao mar.

## CAPÍTULO XXIII

### A maré desce

O coracle – como já calculara – era um caiaque muito seguro para uma pessoa do meu tamanho e peso, ao mesmo tempo leve e bem equilibrado na água mas, por outro lado, o mais caprichoso e imprevisível barco que se podia ter na mão. Fizesse o que fizesse, virava constantemente de bordo, e a sua manobra preferida era pôr-se às reviravoltas. Até o próprio Ben Gunn concordava que o bote tinha um feitio esquisito até a gente lhe apanhar o jeito.

O certo é que não havia meio de lhe acertar com o tal feitio. Virava-se para todos os lados menos para onde eu queria ir, fui navegando quase sempre de borda ao mar, e tenho a certeza que nunca teria chegado ao navio se não fosse a maré. Por mais que remasse, tive a sorte de continuar a ser arrastado por ela, e como o *Hispaniola* lá estava mesmo no meu caminho, nem

---

<sup>2</sup> Termo do País de Gales: barco usado pelos pescadores galeses, de couro ou oleado esticado sobre uma armação de verga (Samuel Johnson, Um Dicionário da Língua Inglesa, Londres, 1829). (N. do T.)

podia falhar.

Ergueu-se primeiro à minha frente como uma mancha ainda mais negra do que a escuridão, a seguir começaram a tomar forma a mastreação e o casco e, no que me pareceu um curto momento (pois quanto mais avançava mais forte era a corrente da água), cheguei à amarra e deitei-lhe a mão.

O cabo estava esticado como a corda dum arco, tal era a força que fazia na âncora. Em redor do casco, no negrume, a correnteza borbulhava e cantava como uma cascata. Um golpe da minha navalha, e o *Hispaniola* vogaria ao sabor da maré. Tudo bem até aí, mas a seguir lembrei-me que um cabo esticado, cortado de repente, é tão perigoso como um coice de cavalo. Era mais que certo que, se me aventurasse a cortar a amarra da âncora, tanto eu como o caiaque íamos ser varridos do mar para fora.

Fiquei parado e, se a sorte não estivesse uma vez mais a meu favor, acabaria por ter de abandonar o plano. Mas o vento ligeiro que a princípio soprara de sudeste e sul rondara para sudoeste depois de anoitecer. Na própria altura em que assim meditava, a brisa apanhou o *Hispaniola* e impeliu o navio contra a corrente, com grande contentamento senti o cabo afrouxar-me na mão, que por instantes me ficou debaixo de água.

Decidindo-me, tirei a navalha, abri-a com os dentes e fui cortando as cordas uma a uma, até o cabo ficar feito em dois. Depois parei, aguardando a ocasião de os cortar logo que a força do navio fosse de novo aliviada por um sopro de vento. Tinha estado sempre a ouvir vozes altas vindas do camarote mas, para falar verdade, tinha a cabeça tão cheia de outros pensamentos que mal lhes dera ouvidos. Mas agora, sem mais nada em que me ocupar, comecei a prestar mais atenção. Reconheci uma delas como a do timoneiro Israel Hands, que fora outrora artilheiro de Flint. A outra era, com toda a evidência, do meu amigo do barrete vermelho. Iam ambos no pior da bebedeira, e continuavam a beber pois, ainda enquanto me esforçava por ouvi-los, um deles abriu a escotilha da ré, com uma praga, para atirar fora qualquer coisa que adivinhei ser uma garrafa vazia. Mas não estavam só tocados, não havia dúvida que estavam no auge da fúria. Soltavam uma saraivada de pragas, e de cada vez que a irritação explodia mais eu ficava com a certeza que aquilo ia acabar à pancada. Mas a discussão voltava a dissipar-se e as vozes resmungavam em tom mais baixo por algum tempo até chegar nova crise que, por sua vez, se extinguia sem consequências.

Podia avistar na praia o clarão da grande fogueira a arder por detrás das árvores. Alguém cantava um velho e monótono lamento do mar, com uma pausa soluçada no fim de cada verso, cujo fim parecia depender só da paciência do cantador. Mais de uma vez a tinha ouvido em viagem e lembrava-me dos versos:

“No mar só um escapou com vida,  
Dos setenta e cinco da partida.”

E pensei que aquilo era um pouco duro demais, mesmo a condizer com o grupo que pela manhã sofrera perdas tão violentas. Mas na verdade, pelo que via, todos aqueles piratas eram tão insensíveis como o mar por onde andavam.

Por fim, veio a brisa, a escuna guinou e aproximou-se no escuro, senti o cabo aliviar outra vez, e empreguei todas as forças a cortar o que restava das fibras.

A brisa não tinha grande efeito no coracle, e quase instantaneamente fui arrastado de encontro ao *Hispaniola*. Ao mesmo tempo, a escuna principiou a inclinar-se, rodando lentamente, atravessada na corrente.

Lutei como um desesperado, pois esperava ir ao charco a cada instante, vendo que não podia afastar o caiaque do casco do navio, esforcei-me por arrastá-lo para a ré.

Acabei por me libertar do perigo tão próximo, dava ainda o último puxão quando toquei num estai pendurado na borda da amura de popa. Agarrei-me logo a ele. Nem sei bem porque fiz aquilo. Ao princípio foi puro instinto, mas ao agarrar a corda, encontrando-a firme, a curiosidade

acabou por prevalecer e decidi que tinha de espreitar pela escotilha do camarote.

Icei-me mão após mão pelo cabo acima e, quando achei que já estava perto, elevei-me mais um pouco com enorme risco, até avistar o teto e uma parte do interior do camarote. Entretanto, a escuna e o minúsculo bote deslizavam com rapidez pela água, a ponto de já irmos a passar em frente à fogueira do acampamento. O navio falava, como dizem os marinheiros, em voz alta, rompendo as pequenas ondas com o marulho incessante dos redemoinhos; até os olhos me chegarem ao peitoril, não podia entender como era que os homens de guarda ainda não tinham mostrado alarme. Contudo, um só olhar bastou, e não podia arriscar-me a olhar mais que uma vez em cima daquele madeiro nada firme. Topei com o Hands e o companheiro abraçados numa luta de morte, cada um com uma das mãos no pescoço do outro.

Deixei-me cair, e mesmo a tempo, pois estive prestes a dar um mergulho. Por momentos só continuava a ver aquelas duas caras raivosas e purpúreas a balançar juntas debaixo do candeeiro fumarento, e fechei os olhos para os habituar de novo ao escuro.

A cantiga sem fim acabara por parar, e toda a companhia que restava à roda da fogueira entoava o coro tantas vezes ouvido:

“Quinze homens na arca do morto  
Aiou-ou-ou e uma garrafa de rum!  
O resto levou-os o vinho e o diabo  
Aiou-ou-ou e uma garrafa de rum!”

Pensava em como nessa altura o álcool e o diabo estavam tão ocupados no camarote do *Hispaniola*, quando um brusco safanão do coracle me apanhou de surpresa. Ao mesmo tempo, baloiçou com força e pareceu-me mudar de bordo. Por seu lado, a velocidade aumentara de modo estranho.

Abri logo os olhos. Em toda a volta havia pequenos redemoinhos que avançavam para mim com um som áspero, e tinham uma leve fosforescência. O próprio *Hispaniola*, cuja esteira ainda me arrastava a poucos metros de distância, pareceu cambalear no seu rumo, e vi a mastreação inclinar-se um pouco contra o negrume da noite; prestando mais atenção, fiquei certo de que o barco estava a garrar para sul.

Olhei de esguelha e o coração martelou-me as costelas. Além, bem para trás, ia o clarão do fogo do acampamento. A corrente dobrara em ângulo reto, levando consigo a escuna e o pequeno coracle, que bailava; cada vez mais rápida, mais agitada, cada vez mais barulhenta, enrolava-se pelos canais a caminho do mar alto.

O navio, à minha frente, fez de repente um bordo violento, virando-se talvez uns vinte graus, e quase no mesmo instante ouvi dois gritos seguidos. Depois os passos em corrida pela escada da camarata, e fiquei a saber que os dois bêbedos tinham enfim interrompido a briga para se darem conta do desastre em que estavam metidos.

Estendi-me ao comprido no fundo daquele malvado caixão e recomendei com fervor a alma ao Criador. Tive a certeza de que para lá dos estreitos havíamos de cair numa barreira qualquer de vagalhões raivosos, onde todos os problemas não tardariam a cessar, e embora talvez pudesse suportar a ideia de morrer, não conseguia suportar a visão do destino que vinha ao meu encontro.

Assim devo ter ficado durante horas, sempre a ser sacudido em vaivém pelas vagas, a cada passo molhado por borrifos e sem deixar de aguardar a morte sob a onda seguinte. Fui ficando gradualmente entontecido, uma sonolência, por vezes um entorpecimento, apoderava-se de mim apesar de estar cheio de medo, até que por fim sobreveio o sono e, estendido no meu caiaque rolado pelo mar, sonhei com a minha terra e com a velha *Almirante Benbow*.

## CAPÍTULO XXIV

### O cruzeiro do coracle

Era dia quando acordei e me encontrei a baloiçar na ponta sudoeste da Ilha do Tesouro. O sol ia alto, mas ainda fora da minha vista para lá do imponente monte do Óculo, que daquele lado descia quase até ao mar em formidáveis arribas. O cabo da Bolina e o monte da Mezena ficavam-me ao lado, o monte despido e escuro, o cabo dominado pela falésia duns quinze metros de alto e rodeado de grandes massas de rocha tombada.

Encontrava-me a escassas centenas de metros ao largo e o primeiro pensamento que tive foi remar para terra. Em breve desisti daquela ideia. Entre os rochedos tombados as vagas rebentavam e trovejavam, os estrondos fortes e os jactos de água que se erguiam e caíam sucediam-se uns aos outros de segundo a segundo, e via-me, se me aventurasse mais perto, atirado para a morte na costa acidentada ou com as forças gastas em vão ao escalar os penedos aguçados.

Mas aquilo não era tudo pois, arrastando-se juntos em cima das lajes lisas, ou deixando-se cair no mar com fragor, contemplei uns enormes monstros escorregadios – como se fossem lesmas de inacreditável tamanho, juntos em dois ou três grupos de vinte, que faziam os seus latidos ecoar na penedia. Compreendi mais tarde que se tratava de leões marinhos, completamente inofensivos. Mas o aspecto dos animais, acrescido à dificuldade da costa e à ressaca agitada, foi mais que suficiente para antipatizar com tal ponto de desembarque. Achava preferível morrer à fome ao largo do que ter de enfrentar tais perigos.

Entretanto, segundo supunha, aguardavam-me melhores possibilidades. Para norte do cabo da Bolina há uma faixa extensa de terra, que na maré baixa deixa a descoberto a areia amarela. Ainda mais para o norte, há outra ponta – o cabo da Floresta, como estava indicado no mapa –, coberta de pinheiros altos e verdes descendo até à beira de água.

Lembrei-me das palavras do Silver sobre a corrente que segue para norte por toda a costa oeste da Ilha do Tesouro e, vendo pela minha situação que já estava sob a sua influência, achei melhor deixar o cabo da Bolina para trás e poupar as forças para tentar desembarcar no mais acolhedor cabo da Floresta. A ondulação ao largo era larga e pouco cavada. Com o vento a soprar constante e brando do sul, na mesma direção da corrente, a vaga subia e descia sem quebrar.

Se fosse de outro modo, devia ter naufragado muito antes, mas assim, é admirável como o barquinho tão pequeno e leve navegava com tanta segurança e facilidade. Muitas vezes, ainda deitado no fundo e só com um olho a espreitar pela borda, via um grande monte azul levantar-se mesmo por cima de mim, mas o coracle só oscilava um pouco, dançava como se tivesse molas e deslizava para a cova da onda do outro lado com a leveza dum passarinho.

Passado pouco tempo comecei a recuperar a ousadia e preparei-me para tentar pôr à prova a minha capacidade de remador. Mas por pequena que seja, uma mudança da distribuição do peso resulta em tremendas modificações no comportamento dum coracle. E mal me tinha mexido quando o bote, deixando logo o seu balanço brando, atirou-se a direito por uma descida de água tão íngreme que me fez vertigens, e foi enfiar a ponta, com um jacto de espuma, dentro da dobra da outra onda. Encharcado e aterrado, voltei logo à posição anterior, depois do que o caiaque pareceu reencontrar o equilíbrio, para me levar com a mesma suavidade por entre as vagas. Era evidente que não gostava de ser incomodado, mas daquele modo, impedido de intervir na rota que seguia, que esperança me restava de chegar a terra?

Comecei a ficar amedrontado de verdade, mas ainda assim não perdi a cabeça. Primeiro, com todas as cautelas, fui despejando a água com o boné, a seguir espreitei de novo pela borda e pus-me a estudar como era que ele conseguia passar tão discretamente pela vaga.

Descobri que cada uma das ondas, em vez de ser aquela montanha grande, lisa e espelhada que se vê de terra ou do convés dum navio, era em tudo semelhante aos montes da terra, com picos, planícies e vales. O coracle, entregue a si próprio, virando-me dum lado para o

outro, desfiava, por assim dizer, o caminho através daquelas zonas mais baixas, evitando os declives íngremes e as cristas mais altas e instáveis da vaga.

“Ora bem”, pensei, “é claro que tenho de ficar onde estou sem perder o equilíbrio, mas também é evidente que posso pôr o remo cá fora, e de vez em quando, em sítios calmos, dar-lhe um ou dois puxões para terra.”

Pus aquilo imediatamente em prática. Apoiei-me nos cotovelos, na posição mais incomoda, e pouco a pouco dei uma ou duas remadas fracas para virar a proa a terra. Era trabalho muito cansativo e lento, mas não havia dúvida que ganhei terreno e, ao aproximar-me do cabo da Floresta, embora visse que não conseguia lá chegar, ainda assim tinha feito umas centenas de metros para leste. Estava, aliás, bastante perto. Avistava as copas frescas e verdes das árvores a baloiçar ao vento, e tive a certeza de que não ia falhar o promontório seguinte.

E estava na hora, pois a sede começava a torturar-me. O clarão do sol lá em cima, os mil reflexos que punha nas ondas, a água salgada que caíra e me secara no corpo, os beiços secos de sal, tudo se combinava para me fazer a garganta arder e a cabeça doer. A vista das árvores tão próximas quase me tornava o desejo em agonia, mas a corrente em breve me fizera dobrar a ponta e, com outro braço de mar à minha frente, avistei uma coisa que me alterou todos os pensamentos. Mesmo à minha frente, a menos de seiscentos metros, deparei com o *Hispaniola* de vela içada. Fiquei certo de que ia ser capturado, mas estava tão aflito com a falta de água que nem sabia se havia de ficar contente ou triste com tal certeza mas, muito antes de poder tirar qualquer conclusão, ficara totalmente tolhido pela surpresa, e nada mais pude fazer senão ficar a olhar, de boca aberta.

O *Hispaniola* vogava com a vela grande e duas gibas, e a linda lona branca brilhava ao sol como neve ou prata. Quando o avistara, as velas do navio iam todas a puxar, seguia para noroeste, e calculei que os de bordo iam dar a volta à ilha para regressar ao ancoradouro. Em seguida, começou a guinar para oeste cada vez mais, por isso pensei que me tinham visto e iam virar para me caçar. Por fim, contudo, o navio caiu na linha do vento, foi impedido de prosseguir e ali ficou algum tempo parado, de velas a abanar.

– Desastrados – desabafei –, ainda devem estar bêbedos como cachos.

E pensei como o capitão Smollett era capaz de os fazer bailar.

Entretanto, a escuna foi-se desviando, o pano encheu-se de novo pela bolina contrária, navegou rápida cerca de um minuto e estacou outra vez enfiada no olho do vento. Aquilo repetiu-se inúmeras vezes. Para diante e para trás, para cima e para baixo, norte, sul, este e oeste, o *Hispaniola* vogava às guinadas e arranques, e de cada vez terminava como havia começado, de panos a bater para nada. Vi claramente que ninguém estava ao leme. A ser assim, onde estavam eles?

“Ou estavam mortos de bêbedos, ou tinham abandonado o navio”, pensei, “e se talvez conseguisse abordá-lo ser-me-ia possível devolvê-lo ao capitão.”

A corrente transportava o coracle e a escuna com a mesma velocidade. Quanto ao navio, navegava de modo tão incerto e intermitente, e de cada vez se demorava tanto, ferrado no vento, que o mais certo era não ganhar avanço nenhum, se é que até não perdia. Se ao menos me atrevesse a sentar-me e a remar, tinha a certeza de poder alcançá-lo. A ideia tinha um ar de aventura que me entusiasmou, e a lembrança da pipa de água ao lado dos beliches da proa duplicou o meu ânimo.

Levantei-me, fui recebido quase de imediato por outra nuvem de espuma, mas dessa vez fui direito ao fim e empreguei toda a força e cuidado a remar atrás do *Hispaniola* desgovernado. Uma vez apanhei uma onda tão forte que tive de parar para despejar a água, com o coração a bater asas, mas pouco a pouco fui-lhe apanhando o jeito e conduzi o meu caiaque pelas vagas, só com uma ou outra pancada de través e uma chapa de espuma na cara.

Aproximava-me agora da escuna com rapidez. Podia ver o latão a rebrilhar na barra do leme que batia desordenada, mas ninguém aparecia no convés. Não pude deixar de pensar que o navio estava abandonado. Ou então os homens estavam em baixo, a cozer a bebedeira, onde

talvez os pudesse trancar, para fazer do navio o que eu quisesse.

Por algum tempo, a escuna fizera a pior coisa possível para mim – ficar imóvel. Estava de proa quase a sul, evidentemente, sempre a guinar. De cada vez que cambava, as velas enchiam-se em parte e, num momento, traziam-na de novo contra o vento. Dizia eu que isto, para mim, era o pior possível, porque o navio, indefeso como parecia naquela situação, com as velas a rolar e a bater pelo convés, continuava ainda a escapar-me, não só com a velocidade da corrente mas também pela resistência que oferecia ao vento, que era naturalmente grande.

Mas então, finalmente, chegou a minha vez. Por alguns segundos, a brisa caiu muito e, obedecendo à corrente, o *Hispaniola* fez uma meia volta lenta até ficar de popa virada para mim, com a janela do camarote ainda aberta e o candeeiro deixado aceso. A vela grande ficou suspensa e solta como uma bandeira. Excetuando a corrente da água, o navio estava imóvel. Chegara a perder nos últimos instantes, mas agora, redobrando os esforços, recomecei mais uma vez a recuperar.

Quando estava a menos de cem metros do navio, o vento tornou a levantar-se, a escuna apanhou-o na bolina de bombordo e tornou a arrancar, baloiçando e picando como uma gaiivota. Tive um primeiro impulso de desespero, logo seguido por outro de alegria. O navio virou outra vez, até ficar de bojo para mim... continuou a virar até meio, depois dois terços, depois três quartos da distância que nos separava. Via o cachão branco das ondas no bico da vante. Visto do coracle, parecia duma altura imensa.

De repente, comecei então a compreender. Pouco tempo tinha para pensar, pouco tempo dispunha para agir e pôr-me a salvo. Estava no topo duma onda quando a escuna vinha a passar por cima da seguinte. O gurupés estava por cima de mim. Pus-me em pé e saltei, empurrando o bote para debaixo de água. Agarrei-me com uma das mãos ao pau da giba, enquanto o pé me ficou entalado entre o estai e o cabresto e, enquanto ainda ali estava pendurado e arquejante, uma pancada surda disse-me que a escuna atingira o coracle e que já me não era possível sair do *Hispaniola*.

## CAPÍTULO XXV

### Ataco a bandeira negra

Mal me tinha alojado no gurupés quando a giba esvoaçante bateu e se encheu do lado da escota contrária com um estrondo como um tiro. A escuna tremeu até à quilha com o puxão mas, logo a seguir, com as outras velas ainda cheias, a giba voltou a cair e ficou pendurada.

Aquilo quase me atirara ao mar e tratei de não perder tempo; trepei pelo pau do gurupés e caí de cabeça no tombadilho. Encontrava-me a sotavento da vante, e a vela grande, ainda cheia, ocultava-me de uma parte do convés da ré. Não via ninguém. As pranchas, por lavar desde a revolta, estavam cheias de pegadas, e uma garrafa vazia, com o gargalo partido, rolava de um para outro lado como coisa viva nos escoadouros.

O *Hispaniola* enfiou de súbito ao vento. As gibas atrás de mim estalaram, o leme bateu com força, todo o barco arrancou e estremeceu, e ao mesmo tempo a verga grande girou para dentro, o pano roncou nas escotas, pondo à vista o convés da ré a sotavento.

Lá estavam os dois guardas: o Barrete-Vermelho de costas, teso como um varapau, com os braços abertos em cruz e os dentes de fora da boca aberta, o Israel Hands apoiado na amura, o queixo no peito, as mãos estendidas para a frente no convés, e a cara, debaixo da pele queimada, tão pálida como uma vela de sebo.

Por algum tempo, o navio continuou a afocinhar e a cambar como um cavalo torto, as velas a encher ora dum lado ora do outro, e a verga a girar para a frente e para trás até todo o mastro gemer com o esforço. A cada passo, também uma nuvem de respingos saltava pelas amuras, juntamente com as pancadas fortes do costado a lutar com a ondulação – de modo que o tempo parecia muito mais forte naquele grande navio de armação do que no meu coracle feito à mão e empenado, que agora estava no fundo.

A cada salto da escuna, o Barrete-Vermelho virava dum lado para o outro, mas – o que era impressionante de se ver – nem a atitude nem o sorriso congelado do homem eram perturbados por tais maus tratos.

A cada salto, também o Hands parecia cada vez mais caído sobre si próprio e fixo ao convés, com os pés a ficarem cada vez mais afastados e todo o corpo inclinado para a ré, de modo que pouco a pouco deixei de lhe ver a cara, até que por fim só lhe podia ver uma orelha e o caracol ralo de uma das suíças. Observei ainda que, em redor de ambos, havia manchas de sangue escuro nas pranchas, e comecei a convencer-me de que se tinham morto um ao outro durante a bebedeira.

Enquanto assim olhava e magicava, numa altura em que o navio se aquietou, o Israel Hands virou-se em parte para, com um gemido, se encolher de novo na posição em que primeiro o vira. Aquele gemido, que falava de dor e fraqueza mortal, e o jeito em que os queixos lhe pendiam, foi-me direito ao coração. Mas ao recordar a conversa escutada no barril de maçãs, deixei de sentir qualquer pena. Dirigi-me para a ré até chegar ao mastro grande.

– Venha para bordo, senhor Hands – declarei, irônico.

Rebolou os olhos pesadamente, mas estava entorpecido demais para mostrar surpresa. A única coisa que conseguiu balbuciar foi uma palavra – brandy.

Lembrei-me que não tinha tempo a perder e, evitando a verga que de novo girava de través, escapei-me para a ré e desci as escadas para o camarote.

Mal podem imaginar a cena de confusão. Todas as fechaduras tinham sido rebentadas em busca do mapa. O soalho encontrava-se coberto de lama, onde os bandidos se haviam sentado para beber ou discutir depois de se alagarem nos charcos à roda do acampamento. As amuras, todas pintadas de branco com cercaduras douradas, estavam repletas de marcas de mãos sujas. Dúzias de garrafas vazias tilintavam pelos cantos umas contra as outras com o rolar do navio. Um dos livros de medicina do doutor estava aberto em cima da mesa, com metade das folhas arrancadas, suponho que para acender cachimbos. No meio de tudo isto o candeeiro ainda dava uma luz mortiça, cheia de fumo e terrosa.

Dirigi-me à despensa, todos os barris haviam desaparecido, e o número mais inacreditável de garrafas tinha sido consumido e deitado fora. De certeza que desde o princípio do motim nem um único deles tinha podido estar sóbrio.

Rebuscando tudo encontrei uma garrafa ainda com algum brandy, para o Hands, e para mim arranquei algumas bolachas, umas frutas de conserva, boa porção de uvas e um pedaço de queijo. Com isto voltei para cima, coloquei os mantimentos atrás do posto do leme e bem fora do alcance do timoneiro, fui à vante beber uma quantidade de água da pipa e depois, só depois, levei o brandy ao Hands.

Deve ter bebido um copo inteiro até tirar a garrafa da boca.

– Ai – disse ele –, cum raio, era disto que precisava!

Já me sentara no meu canto e começara a comer.

– Está muito ferido? – perguntei.

Grunhiu, ou melhor dizendo, ladrou.

– Se o médico cá estivesse – disse –, punha-me bom num instante, mas bem vêes que não tenho sorte nenhuma, esse é que é o meu mal. E olha aquele, está pronto e morto, é o que ele está – acrescentou, apontando o do barrete vermelho. – Lá marinheiro é que nunca foi, afinal. E tu, donde é que saíste?

– Ora bem – respondi –, vim a bordo tomar posse deste barco, senhor Hands, e até nova ordem faz favor de me tratar como comandante.

Encarou-me com amargura, mas sem responder. O rosto tinha melhor cor, embora parecesse ainda muito doente e continuasse a escorregar e a estender-se com os safanões do navio.

– A propósito – continuei –, não aceito aquela bandeira, senhor Hands, e com sua licença vou arriá-la. É melhor não ter nenhuma do que esta.

E de novo evitando a verga, corri para a adriça, arreei a bandeira negra e atirei-a pela borda fora.

– Deus salve o rei! – exclamei, agitando o boné. – E acabou-se o capitão Silver.

Olhava-me com atenção e ar manhoso, sem tirar o queixo do peito.

– Acho – disse por fim –, acho, capitão Hawkins, que agora há-de querer ir para terra. Podíamos conversar.

– Pois claro – respondi –, é o que mais desejo, senhor Hands. Ora diga lá – e recomecei a comer com apetite.

– Esse homem – começou, com um aceno fraco para o corpo – chamava-se O'Brien, um irlandês dos bons, ele e eu pusemos-lhe o pano, com a ideia de levar o barco de volta. Bom, agora morreu... está mais que morto, e não vejo quem é que vai levar o navio. Tu não és de certeza, se eu não te ajudo. Ora bem, dá-me de comer e beber, e um lenço velho ou um pano para atar a minha ferida, dá, e eu ensino-te a conduzir, e isto vai dar tudo certo, acho eu.

– Eu digo-lhe – atalhei –, não vou voltar para o ancoradouro do capitão Kidd. Quero levá-lo para a Angra do Norte, e pô-lo a salvo na praia.

– Pois claro que está certo – gemeu ele. – Ora, no fim de contas não sou assim tão mau. Sei perceber, não sei? Fiz o meu jogo, fiz e perdi, e agora quem tem as cartas és tu. Angra do Norte? Ora, eu cá não tenho por onde escolher. Era capaz de te ajudar a navegar até à Doca da Força, cum raio! E era mesmo.

Ao que me parecia, aquilo fazia algum sentido. O negócio foi fechado. Três minutos depois o *Hispaniola* vogava com bom vento ao longo da costa da Ilha do Tesouro, com boas esperanças de dobrar a ponta norte antes do meio-dia e de correr de novo até à Angra Norte antes da praia-mar, onde podíamos aportar em segurança e aguardar que a vazante nos deixasse desembarcar.

Amarrei a barra do leme e desci para ir buscar à minha arca um lenço de seda da minha mãe. Com este e ajudado por mim, o Hands ligou o golpe sangrento que recebera na coxa e, depois de ter comido um pouco e de dar mais um ou dois golos no brandy, começou a recuperar nitidamente, sentou-se mais direito, falou mais alto e com voz mais clara, e pareceu em tudo um novo homem.

A brisa ia maravilhosamente a nosso favor. Vogávamos como uma ave impelidos por ela, a costa da ilha a desenrolar-se com rapidez e a vista a mudar de minuto a minuto. Em breve deixamos para trás as terras altas e nos projetávamos ao longo de terrenos baixos e arenosos, pintalgados de pinheiros baixos, e em breve também os ultrapassamos para dobrar a ponta do monte rochoso em que a ilha termina ao norte.

Tinha grande entusiasmo pelo meu posto de comando e estava contente pelo tempo claro e cheio de sol, assim como por aquelas variadas perspectivas da costa. Tinha muita água e boa comida, e a consciência, que bastante me roera por causa da fuga, tranquilizara-se pela grande conquista que fizera. Nada parecia faltar-me se não fosse o olhar do timoneiro que me seguia disfarçadamente pelo convés, e o sorriso estranho que lhe aparecia a cada passo na cara. Aquele sorriso tinha algo de dor e fraqueza ao mesmo tempo – um sorriso hesitante de velho, mas havia nele, além disso, um ar trocista, um véu traiçoeiro, um todo manhoso na expressão com que me vigiava e tornava a vigiar no meu trabalho.

## CAPÍTULO XXVI

### Israel Hands

O vento, acedendo aos nossos desejos, orçava para poente. Mais fácil nos seria, assim, seguir da ponta noroeste da ilha até à entrada da Angra Norte. Acontecia que não tínhamos pessoal para lançar o ferro e não nos atrevíamos a abordar a praia até a maré subir mais um pedaço, ficando, por conseguinte, à mercê das horas. O timoneiro explicou-me como aguentar o navio parado, após uma série de tentativas consegui fazê-lo, e sentamo-nos em silêncio, para

comer outra vez.

– Capitão – começou ele, por fim, com aquele mesmo sorriso incomodo –, lá está o velho camarada O'Brien, acho que podias deitá-lo pela borda. De costume não sou esquisito, nem me arrependo de ter dado cabo dele, mas não o acho nada decorativo, e tu?

– Nem tenho força, nem gosto desse serviço, por mim, deixe-o ficar – retorqui.

– Este navio não tem sorte nenhuma, Jim – prosseguiu, pestanejando. – Uma porção de gente morreu aqui no *Hispaniola*, uma quantidade de mortos desde que embarcamos os dois em Bristol. Nunca vi tanto azar, não. Ora, este O'Brien que por aí andava, está morto ou não está? Eu não tenho estudos nenhuns, mas tu, que és um moço que sabe ler e escrever, então diz lá se achas que um homem morre de vez, ou se pode tornar a viver?

– A gente pode matar o corpo, senhor Hands, mas não o espírito, já devia saber isso – retorqui. – Ali ó O'Brien está no outro mundo, e talvez nos esteja a ver.

– Ah! – suspirou ele. – Mas que pena... até parece que matar alguém foi só uma perda de tempo. Seja como for, os espíritos não são grande coisa, pelo que tenho visto. Com espíritos não me atrapalho, Jim. Olha, agora que já falaste abertamente, agradecia-te muito se me trouxesses da cabine um... ora, uma... diabo! Que não me lembro do nome. Bem, traz-me uma garrafa de vinho, Jim, este brandy aqui é forte demais para a minha cabeça.

A hesitação do timoneiro não era nada natural, e não pude crer na ideia de preferir o vinho à aguardente. Tudo aquilo era um pretexto. Era claro que queria afastar-me do convés, mas não consegui saber com que intenção. Nunca me olhava de frente, desviava os olhos para todos os lados, ora para o céu, ora de revés para o morto O'Brien. Continuava sempre a sorrir e a deitar a língua de fora com ar de culpa e embaraço, de modo que até uma criança percebia logo que estava a tramar alguma. Mas eu já tinha a resposta preparada, pois via bem a minha vantagem, e também via que com um sujeito tão estúpido podia disfarçar até ao fim a minha desconfiança.

– Vinho? – respondi. – Tanto melhor. Quer branco ou tinto?

– Olha que cá para mim tanto me faz, parceiro – declarou. – Desde que seja forte e que haja muito, qual é a diferença?

– Pronto – atalhei. – Trago-lhe Porto, senhor Hands. Mas tenho de o ir procurar.

Com estas palavras descí à camarata fazendo o máximo barulho possível, tirei os sapatos, corri em silêncio pelo corredor de tabique, subi a escada do castelo de proa e espreitei pela escotilha. Tomei toda a cautela, embora sabendo que ele não esperava ver-me daquele lado, e logo a pior das minhas suspeitas se confirmou.

Pusera-se de gatas e, apesar da perna lhe doer quando se mexeu – ouvi-o abafar um gemido –, assim mesmo, foi com boa velocidade que gatinhou pelo convés. Em meio minuto chegou aos esquadros de bombordo, e tirou de um rolo de cabo uma faca comprida, ou melhor, uma adaga pequena, suja de sangue até ao punho. Mirou-a por um momento com um gesto de apreciação, experimentou a ponta na mão e, depois de a esconder à pressa no peito do colete, voltou a arrastar-se para o mesmo lugar encostado à amurada.

Era tudo o que precisava de saber. O Israel podia mexer-se, agora estava armado e, se tivera tanto trabalho para se livrar de mim, era evidente que eu tinha de ser a vítima. O que iria fazer depois, quer tentasse atravessar a ilha de rastos desde a Angra Norte até ao acampamento nos charcos, quer desse um tiro de canhão na esperança de os capangas serem os primeiros a vir em seu auxílio, era, claro, mais do que eu podia calcular.

Mas tinha a certeza que numa coisa eu podia confiar, visto que nisso se juntava o nosso interesse, e era o poder contar com a escuna. Ambos pretendíamos encalhá-la em segurança, num local abrigado, de modo que, na altura própria, pudesse ser retirada com o mínimo trabalho e risco possíveis, e até lá chegar era de admitir como certo que a vida me fosse poupada.

Enquanto o meu pensamento dava voltas ao caso não me deixei ficar parado. Voltara a correr ao camarote, calçara os sapatos e pegara ao acaso numa garrafa de vinho, a qual me justificava a demora quando tornei a mostrar-me no tombadilho. O Hands estava estendido como antes, todo feito num fardo e com as pálpebras caídas como se estivesse fraco demais para

suportar a luz. Mas levantou a cabeça à minha chegada, quebrou o gargalo da garrafa como um homem com muita prática daquilo, e bebeu um bom trago, com o seu brinde preferido de “À sorte!”. Deixou-se ficar calado e a seguir, tirando um rolo de tabaco, pediu-me para lhe cortar um bocado.

– Corta-me isso – disse –, porque não tenho faca, e mesmo se tivesse, já quase não tenho forças. Ah, Jim, Jim, acho que perdi a amarra! Corta-me esse tabaco que é capaz de ser o último, porque estou quase na última, não haja dúvida.

– Está bem – respondi –, corto-lhe o tabaco, mas se fosse a si e me sentisse tão mal, dizia as minhas orações, como um cristão.

– Por quê? – atalhou ele. – Ora diz-me lá por que.

– Por quê? – exclamei. – Ainda há bocado me estava a perguntar dos mortos. Jurou falso, viveu em pecado, em mentiras e em sangue, agora mesmo tem à frente um homem que matou, e pergunta-me por que! Pela piedade de Deus, senhor Hands, aí tem por que.

Falei com algum calor, pensando no punhal ensanguentado que ele escondera e com o qual, cheio de maus pensamentos, pretendia acabar comigo. Por seu lado, tomando um grande gole de vinho, pôs-se a falar com uma solenidade surpreendente.

– Por trinta anos – afirmou –, andei no mar e vi bom e mau, melhor e pior, bom tempo e borrasca, falta de mantimentos, facas espetadas, e por aí fora. Pois olha que te digo que ainda nunca vi coisa boa vir da bondade. O meu lado é o do que dá o primeiro golpe, os mortos não ferram, é o que eu acho, amém, assim seja. E agora, ouve – acrescentou, mudando bruscamente de tom –, já chega de tolices. A maré já vai boa. Segue as minhas instruções, capitão Hawkins, e vamos alapar-nos lá dentro e acabar com isto.

No total, tínhamos à frente umas escassas duas milhas, mas a navegação era melindrosa, a entrada daquele fundeadouro norte era não só estreita e pouco profunda, mas também rodeada de terra pelos dois lados, de modo que a manobra tinha de ser muito boa para meter lá dentro o navio. Penso que fui um discípulo bom e atento, e tenho absoluta certeza que o Hands era um piloto excelente, porque seguimos, fazendo viragens, em ziguezague, a raspar nas margens, com uma segurança e exatidão bem dignas de se ver.

Mal tínhamos passado o cabo quando a terra se fechou à nossa volta.

A costa da Angra Norte era tão densamente arborizada como a do ancoradouro do Sul, mas a passagem, mais comprida e estreita, mais fazia lembrar o que de fato era, a foz dum rio. Mesmo à nossa frente, no extremo sul, vimos os últimos vestígios dos destroços de um navio. Fora uma embarcação grande de três mastros, mas tanto tempo estivera exposta ao desgaste do tempo que estava recoberta de grandes cortinas de algas gotejantes, enquanto arbustos de terra tinham ganho raiz no convés e estavam agora juncados de flores. O espetáculo era triste, mas mostrava que o fundeadouro era calmo.

– Ora – observou o Hands –, olha para ali, sítio ideal para se alapar um barco. Areia lisa e fina, nem uma covinha, árvores a toda a roda e as flores do barco velho como um jardim.

– E depois de encalharmos – perguntei –, como é que tornamos a safar o navio?

– Ora, assim – respondeu –, leva-se um cabo a terra na baixa-mar, ali do outro lado, dá-se-lhe a volta num daqueles pinheiros grandes, traz-se para cá e enrola-se no cabrestante, e espera-se pela maré. Vem a praia-mar, põe-se todo o pessoal ao cabo e pronto, fica safo que é uma limpeza. E agora, moço, muita atenção. Estamos a chegar, e o navio vai embalado de mais. Estibordo um pouco... assim... firme... estibordo... a bombordo um pouco... firme... firme!

Assim ia dando as ordens, a que eu obedecia sem respirar, até que de repente gritou: – Aí, meu bravo, força! – Empurrei o leme com toda a força e o *Hispaniola* girou rápido e correu direitinho à praia coberta de arbustos.

A excitação daquelas manobras perturbara de certo modo o rigor da vigilância que até ao momento fizera sobre o timoneiro. E mesmo então continuava tão interessado, à espera que o navio encalhasse, que me tinha esquecido de todo do perigo que me ameaçava, e continuei debruçado na amurada de estibordo a ver as ondas a afastarem-se do bojo. Podia ter tombado

sem defesa, se não fosse um sobressalto fazer-me virar a cabeça. Talvez tivesse ouvido uma tábua ranger ou visto a sombra dele pelo canto do olho, talvez fosse um instinto como o dum gato, mas o certo é que, ao voltar-me, lá vinha o Hands a avançar para mim, de adaga na mão direita.

Devíamos ambos ter gritado alto quando nos encaramos, mas ao passo que o meu foi um berro de terror, o dele foi um rugido de fúria como o dum touro à carga. No mesmo instante, atirou-se para a frente e eu saltei para o lado. Ao fazê-lo larguei a barra do leme, que girou rápido para sotavento, creio que aquilo me salvou a vida, pois foi bater no peito do Hands e obrigou-o a estacar por algum tempo.

Antes que ele se recompusesse, safei-me do canto onde me encurralara e fiquei com todo o convés para lhe trocar as voltas. Parei à frente do mastro grande, tirei do bolso uma pistola, fiz pontaria com calma, embora ele viesse de novo direito a mim, e puxei o gatilho.

O percutor bateu, mas nem fogo nem tiro se seguiu, o fulminante estava inutilizado pela água do mar. Amaldiçoei o meu desleixo. Não tivera tanto tempo de voltar a escorvar e a carregar as minhas únicas armas? Nesse caso não ficaria assim, como uma simples ovelha a fugir ao carniceiro.

Apesar de ferido, era de admirar a rapidez com que ele andava, com o cabelo grisalho tombado na cara e a própria cara tão vermelha como uma flâmula vermelha, tal era a pressa e a fúria. Não havia tempo para tentar a outra pistola, nem tinha interesse nisso, aliás, porque tinha a certeza de estar avariada. Uma coisa me parecia certa: não podia continuar só a fugir dele, senão acabava por me encurralar à proa, como havia pouco quase tinha feito na ré. A ser apanhado assim, trinta centímetros da faca suja de sangue iam ser a minha última sensação deste lado da eternidade. Pus as palmas das mãos no mastro, bastante largo, e esperei, com todos os nervos esticados.

Ao ver que me preparava para o fintar ele fez também uma pausa, e passamos algum tempo naqueles movimentos trocados de guarda e finta. Era o jogo de escondidas que tantas vezes fizera na minha terra entre os penedos da enseada do Monte Negro, mas jamais, podem crer, com o coração a bater tão forte. Ainda assim, como digo, tratava-se dum jogo de rapazes, e pensei que podia levar a melhor contra um marinheiro velho ferido numa coxa. O certo é que a minha coragem crescera tanto que me dera ao luxo de fazer um apanhado rápido de como iria acabar a questão, e ao passo que tinha a certeza de poder prolongar aquilo bastante tempo, não encontrava nenhuma esperança de me escapar de vez.

Ora, entretanto, o *Hispaniola* bateu de súbito no fundo, cambaleou, raspou na areia por um instante e depois, rápido como uma sapatada, inclinou-se para bombordo, até o convés fazer um ângulo de quarenta e cinco graus e perto de um tonel de água esguichar pelos furos dos escoadouros, ficando empoçado entre o tombadilho e a amura.

Ambos caímos num segundo, rebolando, quase juntos, para os escoadouros, com o corpo hirto do Barrete-Vermelho ainda de braços abertos, aos trambolhões atrás de nós. Estávamos tão perto um do outro que dei com a cabeça no pé do timoneiro com um choque que me fez bater os dentes.

Apesar da pancada fui o primeiro a pôr-me de pé, pois o Hands ficara ensarilhado no morto. A inclinação brusca do barco tornara impossíveis mais corridas no convés, tinha de encontrar outra maneira de fugir, e bem depressa, porque o meu inimigo estava quase a tocar-me. Rápido como o pensamento, saltei para a enxárcia da mezena, gatinhei mão a mão por ali acima, e só voltei a respirar quando me encontrei sentado na verga.

Só a rapidez me salvara, a adaga espetara-se a poucos centímetros do meu pé, quando voava por ali acima, e lá estava o Israel Hands de boca aberta a olhar para mim, feito estátua de surpresa e desilusão.

Agora que tinha uns momentos disponíveis, não perdi tempo a mudar o fulminante da pistola e, então, depois de pronta e para reforçar a defesa, tirei a bala da outra e tornei a carregá-la de novo. Aquele trabalho apanhou o Hands completamente de surpresa, começou a ver a sorte voltar-se contra ele e, após uma visível hesitação, içou-se também para a enxárcia e começou a

subida lenta e dolorosa com o punhal nos dentes. Levava imenso tempo e proferia uma quantidade de gemidos para guindar atrás dele a perna ferida, e já tinha terminado com calma os meus preparativos quando ele ainda mal ultrapassara um terço da distância. Em seguida, empunhando as duas pistolas, falei-lhe:

– Mais um passo, senhor Hands – declarei –, e rebento-lhe os miolos! Os mortos não ferram, bem sabe – acrescentei, a rir.

Parou logo. Percebi-lhe pelo rosto que tentava pensar, mas isso era-lhe tão demorado e difícil que, no meu poleiro seguro, me ri na cara dele. Por fim, a engolir em seco, falou, ainda com a mesma expressão de espanto. Para falar teve de tirar a faca da boca mas, de resto, continuou imóvel.

– Jim – disse –, acho que estamos encravados, tu e eu, e temos de chegar a acordo. Se não fosse aquele tombo tinha-te apanhado, mas não tenho sorte nenhuma, isso não, e acho que tenho de me render, o que custa tanto, bem vês, dum oficial para um praticante como tu, Jim.

Eu tirava prazer daquelas palavras e sorria distraído, tão vaidoso como um galo a passear, quando, num ápice, a mão direita dele se ergueu acima do ombro. Algo assobiou no ar como uma flecha, senti uma pancada seguida duma dor aguda, e fiquei com o ombro pregado ao mastro. Na horrível dor e surpresa daquele momento – mal posso dizer se foi de propósito, mas tenho a certeza que foi sem cuidar da pontaria – as duas pistolas dispararam ao mesmo tempo, e ambas me caíram das mãos.

Não caíram sozinhas: com um grito estrangulado o timoneiro desprende-se da enxárcia e mergulhou de cabeça na água.

## CAPÍTULO XXVII

### Peças de oito

Devido à inclinação do navio, os mastros estavam suspensos sobre o mar, e do meu poiso na verga só via por baixo de mim a superfície da água. O Hands, que estivera mais abaixo, caíra por conseguinte mais perto do navio, entre mim e as amuras. Veio uma vez à tona numa mancha de espuma e sangue, e depois afundou-se de vez. Quando a água parou pude vê-lo enrolado na arca limpa e clara, à sombra do navio. Um ou dois peixes passaram por ele. Por vezes, com o movimento da água, pareceu mover-se um pouco, como se tentando levantar-se. Mas estava bem morto, aliás, morto a tiro e afogado, e ia dar de comer aos peixes no próprio sítio onde resolvera sacrificar-me.

Mal me dera conta daquilo tudo quando comecei a sentir-me enjoado, fraco e apavorado. O sangue quente escorria-me nas costas e no peito. O punhal, onde me pregara o ombro ao mastro, mais parecia um ferro em brasa. No entanto não eram aquelas dores reais que me desesperavam, porque essas, assim me parecia, podia aguentá-las e bem, era o horror que me ia cá dentro de cair da verga para dentro daquela água verde e parada, ao lado do corpo do timoneiro.

Agarrei-me com as mãos até as unhas me doerem, fechando os olhos como se isso pudesse ocultar o perigo. Pouco a pouco recuperei a presença de espírito, o pulso voltou a uma batida mais normal, e voltei a ser senhor de mim próprio.

Em primeiro lugar pensei em arrancar a adaga, mas ou estava espetada demais ou me faltou a coragem, e desisti com um encolher de ombros. Por estranho que pareça, foi mesmo aquele gesto que resolveu o caso. A faca, na verdade, por pouco que não falhara o golpe, só me prendia por uma simples ponta da pele, que aquele encolher de ombros rasgou. Claro que o sangue voltou a jorrar com mais força, mas já me sentia recuperado, e estava preso ao mastro somente pelo casaco e camisa.

Rasguei estes últimos com um puxão, e voltei ao convés pela enxárcia de estibordo. Por nada deste mundo me arriscaria, abalado como estava, pela de bombordo, da qual o Israel tinha caído havia pouco.

Desci e tratei da ferida como pude, doía-me bastante e ainda deitava muito sangue, mas

não era profunda nem perigosa, e também não me incomodava ao mexer o braço. A seguir olhei em volta, e como, por assim dizer, o navio agora me pertencia, pus-me a pensar livrá-lo do último ocupante – O'Brien, o morto.

Rebolara, como já disse, contra a amurada, onde ficara feito numa espécie de boneco horripilante e retorcido. Na verdade era uma pessoa, mas que diferença de cor e de porte fazia dos vivos! Naquela posição ia ser fácil mexer-lhe e, como o hábito das aventuras trágicas já me tinha tirado quase todo o medo dos mortos, agarrei-o pelo cinto como se fosse um saco de farelo e, com um forte puxão, arremessei-o pela borda.

Mergulhou de chapão, o barrete vermelho soltou-se e ficou a boiar e, logo que a água se aquietou, avistei-o junto do Israel, o contorno dos dois corpos a seguir o movimento trêmulo da superfície, num ondular ritmado. O O'Brien, apesar de ainda novo, era muito careca. E ali ficou com aquela careca pousada nos joelhos do seu assassino, e com os peixes rápidos a dar voltas sobre ambos.

Estava agora sozinho a bordo, a maré acabara de mudar. O pôr do Sol estava tão próximo que já as sombras dos pinheiros do lado poente atravessavam o fundeadouro e se recortavam no tombadilho. A brisa da tarde levantara-se e, apesar de estar abrigado a leste pelo monte com os dois picos, o cordame pôs-se a assobiar baixinho e as velas paradas a abanar para a frente e para trás.

Comecei a ver naquilo um perigo para o barco. As gibas rapidamente as desprendi e deixei cair no convés, mas a vela grande era caso mais sério. Claro que quando a escuna adornara, a verga inferior tinha girado para dentro de água, levando consigo um meio metro de vela suspensa. Achava que aquilo ainda era mais perigoso, e era tanto o peso que receava meter-me ao trabalho. Por fim peguei na faca e cortei as escotas. A verga grande caiu logo, deixando uma enorme barriga de lona solta a flutuar, e visto que, por mais que puxasse, não tinha maneira de me desvencilhar de tudo aquilo, dei por terminado o que podia fazer. Quanto ao resto, o *Hispaniola* ficava entregue à sorte, como eu.

Entretanto, todo o ancoradouro ficara na sombra, os derradeiros raios, recorde, vinham por uma abertura do bosque cair e brilhar como jóias no manto florido do barco naufragado. Começou a ficar frio, a maré a descer rápida e a escuna a encostar-se cada vez mais de lado. Debrucei-me e olhei para a água. Parecia bastante baixa e, segurando-me com as duas mãos ao cabo cortado, para uma última precaução, deixei-me escorregar devagar pela borda. A água mal me chegava à cintura, a areia estava firme e com as marcas da corrente de água, e chapinhei para terra cheio de ânimo, deixando o *Hispaniola* adornado, com a vela grande a arrastar-se, desdobrada, à tona da enseada. Pela mesma altura, o sol baixara muito e a brisa murmurava branda no crepúsculo entre os pinheiros ondulantes.

Pelo menos, e por fim, saíra do mar, e além disso não voltara de mãos vazias. Lá estava a escuna, enfim livre de piratas e pronta para o embarque e regresso ao mar dos nossos homens. A minha maior vontade era voltar à paliçada para me gabar dos meus feitos. Era possível que me ralhassem um pouco pelo meu desaforo, mas a retomada do *Hispaniola* era uma resposta convincente, e tinha a esperança de que até mesmo o capitão Smollett reconhecesse que não perdera o meu tempo.

Assim pensando, e com excelente disposição, comecei a tomar o rumo do fortim e dos meus companheiros. Lembrei-me que o rio que ficava mais para leste dos dois que iam desaguar à enseada do capitão Kidd nascia no monte dos dois picos à minha esquerda, e desviei-me nessa direção de modo a poder atravessar o curso de água enquanto era pequeno. A floresta era muito aberta e, seguindo o caminho pelas quebradas mais baixas, em breve dera a volta ao monte e pouco depois atravessava o ribeiro com a água pelas canelas.

O caminho conduziu-me perto do sítio onde encontrara o Ben Gunn, o desterrado, e caminhei com mais cuidado, a prestar atenção à minha volta. O crepúsculo fechara-se por completo e, ao passar o desfiladeiro entre os dois picos, notei uma claridade que ondulava no céu e pensei que talvez fosse o homem a fazer a ceia numa grande fogueira. Mas também achei

estranho que tivesse tanta falta de cuidado. Pois se podia avistar aquele clarão, não ia ele chamar a atenção do próprio Silver, acampado nos pântanos da costa?

Pouco a pouco, a escuridão aumentou, não tinha outro modo de me orientar para o meu destino, mesmo por tentativas, o monte duplo atrás de mim e o do Óculo à direita desapareciam a olhos vistos, as estrelas eram poucas e pálidas, e no terreno baixo onde me encontrava continuava a tropeçar nos arbustos e a escorregar em buracos de areia.

De súbito, fiquei rodeado por uma claridade. Olhei para cima, um leve brilho de luar tinha iluminado o topo do Óculo, e logo a seguir vi uma coisa grande e prateada a voar muito baixo para lá das árvores, e percebi que a lua havia nascido.

Com aquela ajuda, rapidamente venci o que me restava da jornada e, umas vezes a andar, outras a correr, aproximei-me impaciente da paliçada. No entanto, ao entrar no bosque à frente dela, não fui tão tolo que me descuidasse no andar e deixasse de prestar toda a atenção ao caminho. Seria um fim bem triste que as minhas aventuras terminassem com um tiro da minha gente dado por engano.

A lua ia subindo cada vez mais, o luar começou a penetrar aqui e ali entre as zonas mais abertas do arvoredo e, mesmo à minha frente, avistei um clarão de cor diferente no meio das árvores. Vermelho e quente, por vezes escurecendo um pouco, lembrava as brasas duma fogueira a apagar-se. Posso jurar que não conseguia imaginar do que se tratava.

Enfim, cheguei mesmo à borda da clareira. O lado poente já estava banhado pelo luar, o resto, e o próprio fortim, ainda estava metido no negrume cortado por riscos de luz prateada. Do outro lado da casa uma descomunal fogueira ardera até ficar feita em brasas, cujo reverbero constante e rubro contrastava com a doce palidez da lua. Não havia um único movimento, nem um som além do murmúrio da brisa.

Parei, com o coração cheio de espanto e, talvez, também um pouco de medo. Fazer fogueiras era coisa que não fazíamos, até éramos bastante avarentos com a lenha, por ordem do capitão, e principiei a recear que algo tivesse corrido mal durante a minha ausência.

Escapei-me pelo lado nascente, junto à sombra, e num sítio favorável, onde estava mais escuro, saltei a paliçada. Para maior segurança pus-me de gatas e avancei, sem ruído, para a esquina da casa. Ao aproximar-me, senti um grande alívio. Aquele barulho em si próprio nada tinha de agradável, e já em muitas outras ocasiões me queixara dele, mas nesse momento era tão bom como música escutar os meus amigos a ressonar tão alto e em paz durante o sono. O grito do vigia de bordo, aquele belo “Tudo vai bem”, nunca me soara mais tranquilizador aos ouvidos.

Entretanto, não havia dúvida duma coisa: a guarda era o pior possível. Se fosse o Silver e os homens dele a fazer aquele assalto, ninguém chegava ao outro dia. Era o que acontecia, pensei eu, estando o capitão ferido, e de novo me senti grandemente culpado de os ter deixado naquele perigo com tão poucos para montar a guarda.

Ao chegar à porta, levantei-me. Lá dentro estava tudo às escuras, por isso não podia distinguir nada com os olhos. Quanto aos ouvidos, havia o ronco regular do ressonar, e um pequeno ruído de vez em quando, um roçar ou debicar que me foi impossível identificar.

Estendi os braços e entrei a direito. Devia ir estender-me no meu lugar (pensei, rindo em silêncio) e gozar a cara deles quando me encontrassem de manhã. Bati com o pé numa coisa que cedia – era a perna dum deles, que se virou com um ronco, mas sem acordar.

Então, num repente, um guincho a rasgar o escuro:

– Peças de oito! Peças de oito! Peças de oito! Peças de oito! Peças de oito! – e assim por diante, sem pausa nem mudança, como o chiar dum pequeno moinho.

O papagaio verde do Silver, o Capitão Flint! Fora a ele que ouvira debicar num bocado de casca, era ele, melhor vigia que qualquer humano, quem assim me anunciava a chegada com aquele refrão monótono.

Não tive tempo de me recompor. Aos gritos esganiçados do papagaio, os que dormiam acordaram e levantaram-se, e com uma praga a voz do Silver bradou:

– Quem vem lá?

Virei-me para fugir, fui com força de encontro a um homem, recuei e atirei-me para os braços de outro que, por seu lado, os fechou e me prendeu bem preso.

– Uma tocha, Dick – mandou o Silver, quando a minha captura estava confirmada. E um dos homens saiu, para logo voltar com uma acha a arder.

## Sexta Parte

### O capitão Silver

#### CAPÍTULO XXVIII No acampamento inimigo

A chama vermelha da tocha mostrou-me, ao iluminar o interior da casamata, consumada a pior das minhas apreensões. Os piratas haviam tomado a casa e as provisões como antes, lá estava um barril de conhaque, lá estava a carne e o pão e, a multiplicar por dez o meu terror, nem sombra de prisioneiros.

Pensei que tivessem morrido todos, e o coração acusou-me amargamente de não ter lá ficado para morrer com eles. Eram ao todo seis piratas, não ficara mais ninguém com vida. Cinco tinham-se posto de pé, corados e inchados, arrancados de súbito ao primeiro sono da bebedeira. O sexto erguera-se apenas no cotovelo, estava pálido de morte, e a ligadura ensanguentada em volta da cabeça dizia que o ferimento era recente e o tratamento ainda mais recente. Lembrei-me do tiro dado ao homem que fugira para o bosque durante o assalto, e fiquei certo que era ele.

O papagaio estava empoleirado, a alisar as penas, no ombro do Long John. Também ele, pensei, parecia mais pálido e tenso do que o habitual. Ainda trazia vestido o fardamento que pusera para a sua embaixada, mas estava em muito pior estado, coçado, manchado de barro e rasgado pelos ramos aguçados da floresta.

– Então – disse –, cá temos o Jim Hawkins, que as pranchas me rebentem! Vieste fazer uma visitinha, é? Está bem, recebo-te como amigo.

E sentou-se no barril de brandy, começando a encher o cachimbo.

– Dá-me cá lume, Dick –, continuou, a seguir, com o tabaco bem aceso. – Tá bem, rapaz – acrescentou –, mete o archote na pilha da lenha, e os senhores cheguem-se para cá! Não precisam de ficar de pé por causa do senhor Hawkins, ele dá licença, garanto-lhes. E então, Jim – calcando o tabaco –, cá estás tu, e que surpresa agradável para o velho John. Já sabia que eras esperto desde a primeira vez que te vi, mas isto passa das minhas marcas, passa.

Como é natural, não dei resposta a tudo aquilo. Tinham-me feito encostar à parede, e ali fiquei a encarar o Silver, esperando aparentar à vontade, mas com o coração negro de desespero.

– Ora bem, Jim, já que estás aqui – declarou –, vou desabafar contigo. Sempre gostei de ti, sempre, por seres um moço valente, e teres a mesma figura que eu tinha quando era novo e jeitoso. Sempre quis que viesses ter comigo e que recebesses a tua parte, para morrer como um fidalgo, e agora, meu franganote, chegaste. O capitão Smollett é um ótimo oficial, como nunca deixei de reconhecer, mas rijo na disciplina. O dever é o dever, diz ele, e tem razão. É melhor não te aproximares dele. O próprio doutor anda morto por te deitar a mão, o malvado ingrato foi o que ele disse, e toda esta história se resume nisto: não podes voltar para a tua gente, porque eles não te querem e, se por ti mesmo não arranjas uma terceira companhia de bordo, até para não ficares sozinho, tens mas é de te juntar ao capitão Silver.

Até ali não havia novidade. Os meus amigos estavam então ainda vivos e, embora acreditasse em parte na história do Silver, de que o grupo do camarote andava irritado com a minha fuga, senti-me mais aliviado do que preocupado com o que tinha ouvido.

– Não tenho nada a dizer a tu estares entregue nas nossas mãos – prosseguiu o Silver–,

embora estejas, garanto-te. Sou todo a favor da discussão, as ameaças nunca dão bom resultado, que eu saiba. Se te agrada o serviço, pois, juntas-te a nós, e se não te agrada, Jim, ora tens toda a liberdade de responder que não, és livre e bem-vindo, patrício, e não há marinheiro neste mundo capaz de ser mais leal que isto, ou arrombem-me os costados!

– Então tenho de responder? – perguntei, com a voz muito trêmula. Com toda aquela conversa sarcástica fora posta a claro a ameaça de morte sobre a minha pessoa, tinha a cara a arder e o coração batia-me doloroso no peito.

– Moço – disse o Silver –, nada de pressas. Tem calma. Nenhum de nós te vai apertar, rapaz, na tua companhia o tempo não custa nada a passar, percebes?

– Está bem – respondi, com um pouco mais de ânimo –, se posso escolher, acho que tenho o direito de saber tudo o que se passa, e porque é que vocês estão aqui, e onde estão os meus amigos.

– O que se passa? – ecoou um dos piratas, em voz rouca. – Ah, se alguém soubesse estava cheio de sorte!

– Talvez seja melhor teres os porões fechados até falarem contigo, meu amigo – exclamou o Silver, com dureza, para o que falara.

– Ontem de manhã, senhor Hawkins – continuou –, de madrugada, chegou o doutor Livesey com uma bandeira de trégua. Disse-me ele: “Capitão Silver, está arrumado. O navio foi-se embora!” Ora, pode ser que a gente estivesse a beber um copo, e a cantar para ajudar. Não digo que não. Pelo menos nenhum de nós tinha olhado. Olhamos e, cum raio, o barco tinha desaparecido! Nunca vi uma alcateia de palermas fazer tão grande figura de urso, e garanto-te que o mais urso de todos era eu. “Bem”, diz o doutor, “vamos ao acordo.” Chegamos a acordo, ele e eu, e cá estamos, provisões, aguardente, casamata, a lenha que vocês tiveram a amabilidade de cortar e, por assim dizer, o barco todo, das gáveas até à quilha. Quanto a eles, puseram-se a mexer, não sei onde param.

Deu mais umas fumaças no cachimbo.

– E caso tenhas nessa cabeça a ideia – acrescentou – que a tua pessoa foi metida neste acordo, aqui tens a última coisa que se disse: “Quantos têm vocês”, digo eu, “para ir embora?” “Quatro”, diz ele, “quatro, e um de nós está ferido. Quanto àquele rapaz não sei por onde anda, o malandrim”, diz ele, “e pouco me interessa. Já estamos fartos dele.” Foi isto que ele disse.

– Mais nada? – perguntei.

– Pois, para ti é quanto basta, meu filho – retorquiu o Silver.

– E agora tenho de escolher?

– E agora tens de escolher, posso garantir-te.

– Pois bem, não sou tão tolo que não saiba com o que é que posso contar. Se o pior ficar ainda pior, pouco me interessa. Já vi muita gente morrer desde que ando com vocês. Mas há uma ou duas coisas que tenho de lhes dizer – comecei, cada vez mais exaltado –, e a primeira é esta. Aqui estão vocês, numa triste situação, navio perdido, tesouro perdido, homens perdidos, o negócio foi todo ao charco, e se querem saber, quem fez tudo fui eu! Estava metido no barril das maçãs na noite que avistamos terra, e ouvi-te a ti, John, e a ti, Dick Johnson, e ao Hands, que está agora no fundo do mar, e fui contar tudo o que vocês disseram logo naquela hora. E a escuna, fui eu que lhe cortei o cabo, e fui eu que matei os homens que lá deixaram, e fui eu, que a levei para onde nunca mais a tornam a ver, nenhum de vós. É a minha vez de rir, dirigi a coisa toda desde o princípio, já não me metem mais medo do que uma mosca. Matem-me, se lhes apetecer, ou poupem-me. Mas só digo uma coisa, e mais nada, se me pouparem, o que lá vai lá vai, e quando forem julgados por pirataria farei tudo para vos defender. Agora escolham. Matem mais um, sem ganhar nada com isso, ou então poupem-me e fiquem com uma testemunha para vos livrar da forca.

Parei porque, podem crer, já me faltava o ar e, para meu espanto, nenhum deles se mexeu, mas olhavam-me pasmados como carneiros. E enquanto estavam ainda a olhar, falei de novo:

– E agora, senhor Silver – terminei –, julgo que és tu quem manda aqui, e se as coisas forem pelo pior, peço-te o favor de contares ao médico como é que eu me portei.

– Eu tomo nota – disse o Silver, com um tom de voz tão esquisito que não tive meio de perceber se estava a fazer troça ou se ficara com boa impressão da minha coragem.

– E digo mais – exclamou o velho da cara cor de mogno, chamado Morgan, que encontrara na taberna do Long John no porto de Bristol. – Era este que conhecia o Cão Negro.

– Bem, e oiçam lá – tornou o cozinheiro –, também eu digo mais, cum raio! Pois foi este mesmo moço quem falsificou o mapa do Billy Bones. Temos andado sempre aos tombos por causa do Jim Hawkins!

– Então aí vai! – atirou o Morgan, com uma praga.

E saltou de pé, puxando da faca, como se tivesse vinte anos.

– Alto aí! – gritou o Silver. – Quem és tu, Tom Morgan? Se calhar pensavas que eras por aí capitão, talvez. Pelo inferno, que já te ensino! Atravessa-te comigo e vais parar onde já foram muitos antes de ti, do primeiro ao último, nestes trinta anos para cá, alguns no mastro, os costados me rebentem! E outros à tábua, e todos para os peixinhos. Olha que ninguém me fez frente que vivesse mais um dia, Tom Morgan, garanto-te.

O Morgan deteve-se, mas os outros soltaram murmúrios roucos.

– O Tom tem razão – disse um.

– Já me encolhi tempo de mais – acrescentou outro. – Que me enforcem se me encolho de ti, John Silver.

– Algum dos senhores queria haver-se comigo? – rugiu o Silver, inclinando-se todo para a frente no seu barril, com o cachimbo aceso na mão direita. – Digam lá o que pretendem, acho que não são mudos. O que quiser tê-lo, terá. Será que passei tantos anos para deixar um filho duma colher de rum ir pendurar o chapéu atravessado na minha amarra na ponta final? Vocês sabem como é, são todos cavaleiros da fortuna, por conta própria. Ora, aqui me têm. O que se atrever que pegue num sabre, que o viro do avesso, com muleta e tudo, antes deste cachimbo acabar.

Ninguém se mexeu, ninguém respondeu.

– É assim que vocês são, não é? – acrescentou, levando o cachimbo à boca. – Até dão vontade de rir, de qualquer maneira. Lá para lutar não são grande coisa, não. Devem entender o inglês do rei Jorge. O capitão aqui sou eu por eleição. O capitão aqui sou eu porque sou o melhor, de bem longe. Não querem lutar, como os bons aventureiros, nesse caso, cum raio, têm de obedecer, e é garantido! Ora eu cá gosto deste rapaz, nunca vi moço melhor que ele. É mais homem do que vocês são ratos aqui nesta casa, e só lhes digo isto: eu que saiba que alguém lhe põe a mão... é o que tenho a declarar, e garanto-lhes.

A isto seguiu-se um silêncio prolongado. Endireitei-me contra a parede, o coração a bater como um martelo; mas com um raio de esperança a brilhar por dentro. O Silver encostou-se à parede, de braços cruzados e cachimbo ao canto da boca, calmo como se estivesse na missa, mas o olhar vagueava furtivo, e vigiava os capangas pelo canto do olho. Por seu lado, eles foram-se juntando no canto mais afastado da casamata, e o tom baixo dos seus murmúrios chegava-me aos ouvidos sem parar com um curso de água. Uns após outros levantavam a cabeça, com a luz vermelha da tocha a tocar por instantes os rostos nervosos, mas não era para mim, e sim para o Silver, que os olhos se voltavam.

– Parece-me que têm muito que falar – observou o Silver, cuspidando para o ar. – Digam lá o que tiverem a dizer, ou então fiquem quietos.

– Desculpe, senhor – retorquiu um dos homens. – O senhor é muito aberto com algumas regras, e talvez faça o favor de atender ao resto. A tripulação não está contente, a tripulação acha que conversa fiada não vale um gancho, a tripulação tem os seus direitos como qualquer outra, para falar com franqueza, e por aquilo que o senhor defende acho que podemos ter uma conversa. O senhor me desculpará, pois reconheço que é o capitão aqui, mas reclamo o meu direito para pedir uma reunião de conselho lá fora.

E com uma continência pretensiosa aquele sujeito, um homem alto e doentio de olhos amarelos e de trinta e cinco anos, dirigiu-se com calma à porta e desapareceu lá fora. Um após outro os restantes seguiram-lhe o exemplo, cada um fazendo a continência ao passar, cada um acrescentando qualquer desculpa. – Segundo as regras – disse um. – Conselho da coberta – observou o Morgan. E assim por diante, com uma ou outra frase, todos saíram deixando-nos ao Silver e a mim sozinhos à luz da tocha.

O cozinheiro tirou logo o cachimbo da boca.

– Agora escuta, Jim Hawkins – segredou em voz firme e tão baixa que só eu ouvia –, estás a meia prancha da morte, e o que é muito pior, da tortura. Eles vão pôr-me de fora. Mas não te esqueças, estou contigo haja o que houver. Não era o que eu queria, não era, não, antes de tu falares. Fiquei danado de perder tanto dinheiro, e ainda por cima ser enforcado. Mas vejo que tu é que és o que me convinha. E disse para mim: ajuda o Hawkins, John, que o Hawkins te ajudará. Tu és a última cartada dele, John, e cum raio, ele é a tua! Custas com costas, digo eu. Salvas a tua testemunha e ele salva-te o pescoço!

Começava a perceber vagamente.

– Queres dizer que tudo está perdido? – perguntei.

– Claro que quero, diabo! – respondeu. – Vai-se o navio, vai-se o pescoço, as coisas estão nesse pé. Quando olhei para o mar, Jim Hawkins, e não vi a escuna, olha que sou forte, mas desanimei. Aquela malta e a conferência, eu digo-te, são tudo tolos e cobardes. Vou-te livrar deles dê lá por onde der. Mas olha cá, Jim... é ela por ela... trata de livrar o Long John da força.

Fiquei mais que atrapalhado, o que ele pedia parecia-me de tal modo impossível, ele, o velho pirata, o chefe em toda a linha.

– O que puder fazer faço – respondi.

– Estamos entendidos! – exclamou o Long John. – Falaste como deve ser, e cum raio, tenho uma oportunidade.

Manquejou até à tocha espetada na pilha da lenha, para reacender o cachimbo.

– Vê se me entendes, Jim – disse na volta. – Cá por mim tenho uma cabeça nos ombros. Agora estou do lado do morgado. Sei que meteste o navio nalgum lado. Como o fizeste não sei, mas seguro deve estar. Creio que o Hands e o O'Brien ficaram moles. Nunca acreditei grande coisa em nenhum deles. Ora presta atenção. Não faço perguntas, nem quero que mas façam. Quando acaba o jogo, lá isso sei eu, e conheço um moço bem valente. Ah, tu que és novo, tu e eu podíamos ter feito juntos uma porção de coisas boas!

Tirou do barril algum conhaque com uma caneca de folha.

– Queres provar, companheiro? – perguntou e, à minha negativa, acrescentou: – Pronto, tomo eu um gole, Jim. Preciso de aquecimento, porque vai haver sarilho. E por falar nisso, Jim, porque será que o médico me deu aquele mapa?

A minha cara mostrou uma surpresa tão evidente que ele não teve precisão de mais perguntas.

– Ah, mas olha que deu, de fato – disse. – E por detrás disso há qualquer coisa, por certo... decerto que há-de haver alguma coisa por detrás disso, Jim, boa ou má.

E bebeu outra golada de brandy, sacudindo a grande cabeça loira como um homem que está à espera do pior.

## CAPÍTULO XXIX

### De novo a pinta preta

A reunião dos piratas durara algum tempo, quando um deles voltou e, repetindo a mesma continência, que aos meus olhos tinha um ar trocista, pediu a tocha emprestada por momentos. O Silver concordou com um gesto e o emissário tornou a sair, deixando-nos juntos no escuro.

– Vem aí o vento, Jim – observou o Silver, que nessa altura já me falava em tom amigável e familiar.

Voltei-me para a vigia mais próxima e espreitei para fora. As brasas da fogueira grande tinham-se apagado e estavam então tão baixas e poeirentas que percebi porque era que os conspiradores precisavam dum archote. Estavam reunidos num grupo a cerca de meia distância da descida para a paliçada, um segurava a luz, outro estava no meio, de joelhos, e vi o brilho da lâmina de uma faca que mudava de cor com o reflexo do luar e da tocha. Os outros estavam todos mais ou menos inclinados, como se observando o que fazia este último. Só tive tempo de perceber que tinha na mão um livro, além da faca, e imaginava como se teriam apossado de coisa tão incongruente quando o que estava ajoelhado se levantou e todo o grupo começou a dirigir-se para a casa.

– Lá vêm eles – avisei, voltando à posição primitiva, pois não me queria rebaixar a ser encontrado à espreita.

– Pronto deixa-os entrar, moço, deixa-os vir – disse o Silver, animado. – Ainda tenho chumbo no armário.

A porta abriu-se e os cinco homens, juntos num magote à entrada, empurraram um deles para a frente. Noutras circunstâncias teria sido cômico ver o vagar com que avançava, cheio de hesitação nos pés, mas com a mão direita estendida e fechada.

– Anda daí, rapaz – exclamou o Silver. – Não te vou comer. Dá cá isso, lorpa. Conheço as regras, conheço, não posso fazer mal a um emissário.

Encorajado, o pirata avançou com mais decisão e, tendo passado algo para a mão do Silver, retirou-se ainda mais rápido para o pé dos outros.

O cozinheiro olhou para o que lhe tinha sido entregue.

– A pinta preta! Já tinha pensado nisso – notou. – Onde teriam arranjado o papel? Ora, que é isto! Ora vejam só! Isto é que é ter azar! Vocês rasgaram isto duma Bíblia. Quem é o tolo capaz de cortar uma Bíblia?

– Ora aí está – disse o Morgan –, aí está. Que é que eu disse? Isto não vai dar em bem, disse eu.

– Pois é, vocês meteram-se em boa, todos vós – continuou o Silver. – Acho que agora vai ser tudo pendurado. Quem é o parvalhão que tinha uma Bíblia?

– Era o Dick – disse um.

– Ai era o Dick? Pois então o Dick pode pôr-se a rezar – retorquiu o Silver. – Já teve a sua sorte, o Dick, garanto-lhes.

Mas aí o homem alto de olhos amarelos interveio.

– Acaba lá com a conversa, John Silver – disse. – Esta equipagem fez-te a marca negra em plenário, como manda a lei, agora vira-a, como manda a lei, e vê o que lá tem escrito. Depois podes falar.

– Obrigado, George – respondeu o cozinheiro. – Foste sempre esperto no negócio, e sabes as regras de cor, George, o que me agrada. Bom, o que é isto, afinal? Ah! “Deposto”, é isso, não é? Muito bem escrito, pois, como se fosse impresso, vejam só. É a tua letra, George? Olha, estás a ficar um comandante a sério, nesta tripulação aqui. Não me admirava se fosses o próximo capitão. Importas-te de me passar a tocha outra vez, sim? Este cachimbo não puxa.

– Ora, vamos – atalhou o George –, tu já não enganas esta tripulação. Se tens o teu feitio, guarda-o para ti, mas agora acabou-se, e é melhor saíres desse barril e tomar parte na votação.

– Pensei que tinhas dito que conhecias as regras – tornou o Silver, com desprezo. – Ao menos, se não conheces, conheço-as eu, e aqui fico à espera, ainda sou o vosso capitão, lembrem-se, até vocês dizerem quais são as queixas, e eu responder, até lá, a vossa pinta preta não vale uma bolacha. Depois veremos.

– Oh – replicou o George –, escusas de estar preocupado, nós somos todos de confiança, somos. Primeiro, deste cabo desta viagem, só por toleima é que eras capaz de dizer que não. Segundo, deixas o inimigo sair desta ratoeira para nada. Porque é que quiseram ir embora? Não sei, mas é evidente que queriam alguma coisa. Terceiro, não queres deixar-nos ir à caça deles. Oh, nós bem vemos o que tu queres, John Silver, o teu mal é queres mais que a tua parte, é o que é.

E em quarto lugar, há este rapaz aqui.

– Mais nada? – perguntou o Silver, com calma.

– E já chega – repontou o George. – Vamo-nos pendurar e secar ao sol por causa das tuas trapalhices.

– Ora então vamos lá ver, que vou responder a esses quatro pontos, um por um que lhes respondo. Dei cabo da viagem, não dei? Ora bem, todos vós sabiam o que eu pretendia, e todos sabem que, se tivesse sido feito, todos estávamos esta noite no *Hispaniola* como sempre foi, todos vivos, em forma, e cheios de doce de ameixas, e com o tesouro no porão, cum raio! Então, quem me atraçou? Quem me trocou as voltas, a mim que sou o capitão legal? Quem me quis passar a pinta preta desde o dia em que desembarcamos, e começou a dança? Ah, é uma rica dança, nisso estamos de acordo, e até parece uma gaita de foles na ponta da corda na Doca da Forca na cidade de Londres, parece. Mas quem fez isto? Olha, foi o Anderson e o Hands e tu, George Merry! E és tu o último que resta dessa malta de intriguistas, e tens tu a insolência de te ofereceres para me substituir como capitão, tu, que nos deitaste todos ao fundo! C'os infernos! Nunca vi fio tão mal fiado.

O Silver interrompeu-se, e pude ver pelas caras do George e dos seus novos amigos que aquele discurso não fora em vão.

– Isto quanto ao primeiro ponto – exclamou o acusado, a limpar o suor da testa, pois falara com um calor que estremecera a casa. – Ora, palavra que fico enjoado de falar convosco. Não têm juízo nem memória, e sei lá como é que as vossas mães os deixaram vir ao mar. Ao mar! Cavaleiros da aventura! Acho que para alfaíates é que estão bem.

– Continua, John – interveio o Morgan. – Vê se também falas para os outros.

– Ah, os outros! – replicou o John. – São bem bons, não são? Dizem vocês que este cruzeiro está encravado. Ah! C'os diabos, se percebessem até que ponto está encravado, é que haviam de ver! Estamos tão perto do laço que tenho o pescoço teso só de pensar nele. Já os devem ter visto por aí pendurados em correntes, com os pássaros à volta e a malta a apontá-los enquanto vão descendo com a maré. Quem é aquele? diz um. Aquele, olha, é o John Silver. Conheci-o bem!, diz outro. E ouvem-se as correntes a bater quando se anda às voltas para agarrar outra bóia. Pois já quase lá chegamos todos, os filhos das nossas mães, por causa desse tipo, e do Hands, e do Anderson, e doutros palermas de vós que estragam tudo. E sem quererem saber do número quatro, deste rapaz, ora, o convés me rebente! É ou não é um refém? Vamos desperdiçar um refém? Não, não vamos, não me admira que ele seja a nossa última tábuia. Matar o rapaz? Nem pensar nisso. E o número três? Pois há tanto que dizer do número três. Talvez vocês não achem grande coisa ter todos os dias a visita dum médico a sério, tu, John, com a cabeça partida, ou tu, George Merry, que ainda há menos de seis horas estavas a tremer de febre, e ainda estás com os olhos amarelos como limão mesmo agora? E se calhar, talvez não saibam que também vem aí um barco de socorro? Mas vem, e não falta muito, e quando lá chegarmos vão ver quanto vale ter um refém. E quanto ao número dois, e porque é que eu fiz um acordo, vocês vieram de rastos, de joelhos, de tão em baixo que estavam, e mais, morriam à fome se eu não o tivesse feito... mas isso são ninharias! Ora vejam, aqui está porquê! E atirou ao chão um papel que imediatamente reconheci – nada menos que o mapa de papel amarelo, com as três cruces vermelhas, que eu encontrara dentro do oleado no fundo da arca do capitão. Qual a razão porque o médico lho dera era superior à minha imaginação. Mas se para mim o aparecimento do mapa era inexplicável, para os piratas sobreviventes foi incrível. Saltaram sobre ele como gatos a um rato. Correu de mão em mão, arrancado de uns para os outros, e pelas pragas, gritos e risos infantis que acompanhavam o exame, pensar-se-ia que não só tocavam no próprio ouro mas que além disso já o tinham levado para o mar, em segurança.

– Sim – disse um –, não há dúvida que é o Flint. J. F. e um traço por baixo, com um nó de cravo, como fazia sempre.

– Muito lindo – atalhou o George. – Mas como é que nos safamos com ele, e sem navio?

O Silver levantou-se bruscamente e segurou-se com a mão à parede:

– Agora previno-te, George – exclamou. – Mais uma palavra da tua conversa, e desafio-te à luta. Como? Ora, sei lá! Tu é que me hás-de dizer, tu e o resto, que me perderam o navio por se intrometerem, raios! Mas não dizes por que não sabes, não tens mais cabeça que uma barata. Mas falar com educação já sabes, e hás-de falar, George Merry, isso te garanto.

– É justo – adiantou o velho Morgan.

– Justo! Acho bem que sim – respondeu o cozinheiro. – Tu perdeste o navio, eu encontrei o tesouro. Quem foi o melhor? Pois agora demito-me, cum raio! Nomeiem quem quiserem para capitão, para mim, acabou.

– Silver! – gritaram todos. – Viva o Churrasco! O Churrasco a capitão!

– Então a música é essa, é? – bradou o cozinheiro. – George, acho que tens de esperar por outra vez, amigo, e estás com sorte por eu não ser vingativo. Mas nunca fui. E agora, rapazes, esta pinta preta? Não vale grande coisa agora, pois não? O Dick remou contra a sorte e estragou a Bíblia, e acabou-se.

– Mas ainda serve para a gente rezar com o livro, não serve? – resmungou o Dick, preocupado com a maldição que fizera a si próprio.

– Uma Bíblia sem um bocado! – troçou o Silver. – Nem pensar. Não vale mais que um livro de cantigas.

– Ai não? – exclamou o Dick, com uma ponta de contentamento. – Bem, acho que também vale a pena ter um.

– Olha, Jim, uma lembrança para ti – disse o Silver, passando-me o papel.

Era uma rodela do tamanho duma moeda de coroa. Um dos lados estava em branco, pois fora da última folha, o outro tinha um ou dois versículos do Apocalipse, com as palavras seguintes, entre outras, que se me gravaram bem fundo no espírito: “De fora ficam cães e assassinos.” O lado impresso fora enfarruscado com carvão, que já começava a desprender-se e a sujar-me os dedos, do lado em branco tinha sido escrita com o mesmo material a única palavra, Deposto. Tenho neste momento ao meu lado aquela lembrança, mas nela não resta agora nenhum vestígio de escrita além de uma única riscadela, como se fosse feita por uma unha.

Assim terminou o caso daquela noite. Pouco depois, com uma rodada geral de bebida, fomo-nos deitar, e a manifestação de vingança do Silver foi pôr de sentinela o George Merry, e ameaçá-lo de morte se fosse infiel.

Fiquei muito tempo sem pregar olho, pois não me faltava assunto para meditar no homem que tinha morto nessa tarde, na minha própria situação de perigo e, acima de tudo, no jogo espantoso a que via o Silver entregar-se agora – manter os piratas juntos com uma das mãos, enquanto com a outra se agarrava a todos os expedientes, possíveis e impossíveis, de assinar a paz e salvar a sua vida miserável. Pela sua parte, dormia descansado e roncava alto, e mesmo assim sentia pena dele, apesar de toda aquela malvadez, lembrando-me dos perigos que pairavam ameaçadores e do cadafalso vergonhoso que lhe estava destinado.

### Capítulo XXX Liberdade sob palavra

Fui acordado – na verdade todos fomos, pois até o sentinela pude ver a pôr-se direito no sítio onde se deixara cair contra o portal – por uma voz clara e possante a chamar-nos da beira da floresta:

– Ó da casamata! – gritava. – Cá está o médico.

E era o médico. Embora contente por ouvi-lo, o meu contentamento não era puro. Recordava, confuso, a minha conduta insubordinada e furtiva, e quando reconheci onde ela me trouxera, a que companhias e no meio de que perigos, senti vergonha de olhar para ele.

Devia ter-se levantado de noite, pois o dia mal despontara, e quando corri para uma das vigias para espreitar, avistei-o de pé, como de outra vez avistara o Silver, com a névoa até ao meio das pernas.

– Ó doutor! Muitos bons dias para o senhor! – gritou o Silver, completamente desperto e num ápice cheio de boa disposição. – Fresco e madrugador, claro, e é o pássaro madrugador, como se diz, que come do melhor. George, arranca-me essas achas, filho, e ajuda o doutor Livesey a subir para bordo. Está tudo bem, os seus doentes todos bem e satisfeitos.

Assim continuou a falar, de pé no alto da duna, com a muleta sobraçada e uma mão apoiada ao lado da casa, tal qual o John antigo na voz, gesto e expressão.

– Também temos uma boa surpresa para si, senhor – prosseguiu. – Temos cá um pequeno forasteiro... hé! hé! Um pensionista novo, senhor, direito e rijo como uma rabeca, dormiu como uma pedra, dormiu, mesmo ao meu lado, esticados a par, toda a noite.

O doutor Livesey já tinha saltado as estacas e estava perto do cozinheiro, e pude notar a alteração da voz ao dizer:

– Não é o Jim?

– O mesmo Jim de sempre – disse o Silver.

O médico estacou, sem dizer nada, e alguns segundos passaram antes que parecesse capaz de avançar.

– Bem, bem – disse por fim –, primeiro o dever e depois o prazer, como tu próprio dirias, Silver. Vamos lá passar revista aos teus doentes.

Instantes depois entrava e, dirigindo-me um aceno insípido, ocupou-se dos doentes. Não me pareceu nada apreensivo, embora devesse saber que, no meio daqueles demônios traiçoeiros, a vida lhe estava por um cabelo, e ia conversando com os clientes como se estivesse a visitar a mais serena família inglesa. Creio que aqueles modos tinham boa influência nos homens, pois portavam-se como se nada tivesse acontecido, como se fosse ainda o médico de bordo, e eles ainda marinheiros obedientes.

– Vais bem, amigo – disse ele ao homem da cabeça ligada –, e olha que nunca ninguém rapou o cabelo tão rente como tu, deves ter uma cabeça de ferro. Bom, George, que tal vai isso? Estás com uma linda cor, claro, olha que o teu fígado, homem, anda de pernas para o ar. Tomaste o remédio? Ele tomou o remédio, pessoal?

– Sim, senhor, tomou, tomou – respondeu o Morgan.

– Porque, percebem, visto que sou médico de amotinados, ou médico da prisão, como gosto mais de dizer – prosseguiu o doutor Livesey, com a maior das satisfações –, faço ponto de honra em não perder um só homem para o rei Jorge (Deus o abençoe!) e para a força.

Os bandidos entreolharam-se, mas engoliram o golpe em silêncio.

– O Dick não se sente bem, senhor – observou um.

– Não? – respondeu o médico. – Bem, chega-te aqui, Dick, e mostra-me a língua. Não, já era para admirar, esta língua até aos franceses mete medo. Mais uma febre.

– Ah, pois – adiantou o Morgan –, isso foi de estragar Bíblias.

– Isso foi, como tu dizes, de serem uns burros vadios – repontou o médico –, e de não serem capazes de distinguir o ar puro dum veneno, nem terra seca dum buraco podre e pestilento. Acho muito possível, mas claro que é só uma opinião, que hão-de passar todos o diabo antes de lhes sair a malária do corpo. Com que então, acampar num charco? Silver, estou admirado contigo. De todos juntos, és o menos tolo, mas parece que não tens a mais pequena noção das regras da saúde. Bom – acrescentou, depois de dar remédio a todos e de todos acatarem as receitas com tal humildade que chegava ao cômico, mais própria dum asilo de crianças que de conspiradores e piratas sanguinários –, pronto, por hoje chega. E agora, por favor, quero falar com esse rapaz.

E apontou para mim com um gesto indiferente da cabeça.

O George Merry estava à porta, a cuspir e a resmungar pelo remédio que lhe sabia mal, mas logo que ouviu a frase do médico deu meia-volta muito corado e gritou, praguejando:

– Não!

O Silver bateu no barril com a mão espalmada.

– Si-lên-cio! – rugiu, olhando à volta como um leão. – Doutor! – continuou, em voz

normal. – Estava a pensar nisso, por saber como o senhor gosta do rapaz. Estamos todos muito agradecidos pela sua bondade e, como vê, temos confiança no senhor, e engolimos os remédios como se fosse grogue. E penso que achei maneira de ficarmos todos bem servidos. Hawkins, dê-me a palavra de honra, como um jovem cavalheiro, porque és um, embora nascido pobre, a palavra de honra que não vais roer a corda?

Prontamente lhe fiz o juramento pedido.

– Então, doutor – disse o Silver –, o senhor passa para o lado de fora das estacas, eu vou levar o rapaz pelo lado de dentro, e acho que podem conversar pelos tabiques. Bom dia para o senhor, e todos os nossos respeitos ao morgado e ao capitão Smollett.

A explosão de descontentamento, que somente os olhares ameaçadores do Silver tinham contido, manifestou-se logo que o médico saiu. O Silver foi acusado de fazer jogo duplo, de querer fazer uma paz separada para si próprio, de sacrificar os interesses dos cúmplices e vítimas e, numa palavra, daquilo que estava precisamente a fazer. Desta vez o caso parecia-me tão óbvio que não podia imaginar como é que ele iria escapar à raiva deles. Mas era duas vezes mais homem do que os outros, e a vitória da véspera valera-lhe uma preponderância enorme naquelas cabeças. Chamou-lhes a todos paspalhões e brutos, afirmou que era preciso eu falar com o médico, sacudiu-lhes o mapa nas caras, perguntou-lhes se podiam dar-se ao luxo de romper o acordo no próprio dia em que iam partir em busca do tesouro.

– Não, cum raio! – vociferou. – Só quando chegar o momento é que temos de romper o acordo, mas até lá hei-de levar o doutor às boas nem que lhe engraxe as botas com brandy.

E a seguir mandou-os acender a fogueira e saiu de muleta, com a mão no meu ombro, deixando-os confusos e calados pela sua inconstância, mas não convencidos.

– Devagar, moço, devagar – recomendou. – Podiam saltar-nos em cima num piscar de olhos se nos vissem com pressa.

Muito decididos, portanto, atravessamos a areia até onde o médico nos aguardava do lado de lá da paliçada e, logo que chegamos a uma distância conveniente para falar à vontade, o Silver parou.

– Também pode tomar nota disto, doutor – disse –, e o rapaz há-de-lhe dizer como lhe salvei a vida e como fui demitido por causa disso, também, garanto-lhe. Doutor, quando um homem se chega ao vento como eu, como se fosse a jogar ao berlinde o pouco de vida que lhe resta, talvez não ache demais dar-lhe ao menos um bom conselho! Peço-lhe que se lembre que agora não é só a minha vida... é a deste moço que está no jogo, e por piedade, doutor, fale-me com franqueza, e dê-me alguma esperança de continuar.

O Silver era outro homem, ali fora e de costas voltadas para os amigos e para o fortim, a cara parecia encovada, e a voz tremia-lhe, nunca se vira uma pessoa tão falha de ânimo.

– Ora, John, tu não tens medo? – perguntou o doutor Livesey.

– Doutor, não sou nenhum cobarde, não, não sou... tanto não – e deu um estalo com os dedos. – Se fosse, não dizia. Mas admito com franqueza que fico a tremer quando penso na força. O senhor é bom homem e dos autênticos, nunca vi homem melhor! E não se esquece do bem que eu fiz, como não se esquece na mesma do mal, já sei. E saio daqui, ora veja, para o deixar sozinho com o Jim. E o senhor há-de pôr isto também a meu favor, porque o esforço vale a pena, se vale!

Assim falando, afastou-se um pouco para trás até onde não podia ouvir-nos, sentando-se num cepo de árvore e começando a assobiar, enquanto por vezes se virava de modo a avistar ora eu e o médico, ora os seus rufias que andavam pela areia, da fogueira, que se ocupavam em reacender, para a casa, e de lá traziam carne de porco e pão para o pequeno-almoço.

– Então, Jim – disse o médico, triste –, cá estás. O que pões no teu lugar é o que tens de beber, meu rapaz. Deus sabe quanto me custa ralar-te, mas tenho de te dizer isto, quer te agrade quer não, que quando o capitão Smollett estava bom não te atrevias a fugir, e quando estava doente, sem poder impedir-to, caramba, que cobardial!

Confesso que nesse momento comecei a chorar.

– Doutor – pedi –, podia poupar-me. Já me censurei de mais a mim mesmo, de qualquer modo a minha vida nada vale, e já devia estar morto se o Silver não me defendesse e, doutor, acredite-me, posso morrer, e até mereço, mas da tortura é que eu tenho medo. Se eles chegam a torturar-me...

– Jim – interrompeu o médico, com a voz alterada –, Jim, deixa-te disso. Salta cá para fora, e vamo-nos escapar.

– Doutor – repliquei –, dei a minha palavra.

– Eu sei, eu sei – gemeu ele. – Paciência, Jim, ora. A responsabilidade é minha, bolas para os castigos e remorsos, rapaz, mas deixar-te aqui não posso. Salta! Um salto e ficas livre, desatamos a fugir como antílopes.

– Não – teimei –, o senhor sabe muito bem que não era capaz de fazer isso, nem o senhor nem o morgado, nem o capitão, e eu também não. O Silver confiou em mim, dei a palavra e vou voltar. Mas, doutor, o senhor não me deixou acabar. Se eles me chegam a torturar, pode ser que eu deixe escapar onde está o navio, porque apanhei o navio, tanto por sorte como por arriscar, e deixei-o encalhado na Angra Norte, na praia do lado sul, mesmo no fim da preia-mar. Com meia maré deve ficar todo fora em seco.

– O navio! – exclamou o médico.

Rapidamente lhe contei as minhas aventuras, que ele ouviu em silêncio.

– Há nisto qualquer coisa de fatalidade – observou, quando terminei. – De cada vez és tu que salvas as nossas vidas, e pensas que por acaso vamos deixar-te a ti perder a tua? Olha que era uma fraca paga, meu rapaz. Descobriste a conspiração, encontraste o Ben Gunn, a coisa melhor que já fizeste, nem voltas a fazer, nem que vivas noventa anos. Oh, por Júpiter! Por falar no Ben Gunn, ora, aquele é que é o diabo em pessoa. Silver! – chamou – Silver! Vou dar-te um conselho – prosseguiu, ao passo que o cozinheiro se aproximava –, não tenhas muita pressa em correr à procura daquele tesouro.

– Como, senhor, pois faço o que puder, mas não é nada disso – disse Silver. – Desculpe, mas só posso salvar a minha vida e a do rapaz se for à procura do tesouro, isso lhe garanto.

– Está bem, Silver – respondeu o médico –, nesse caso, digo-te só mais uma coisa: toma cuidado com algum grito que oiças quando o achares!

– Senhor – queixou-se o Silver –, falando de homem para homem, isso pouco adianta. O que é que o senhor pretende, porque é que saiu da casa, porque é que me deu aquele mapa, eu não sei, pois não? E mesmo assim fiz o seu jogo de olhos fechados e nem uma palavra de esperança! Mas não, isto agora é demais. Se o senhor não me pode explicar tudo isso claro e direito, diga, que eu saio da ponte.

– Não – replicou o médico, meditativo –, não tenho o direito de dizer mais nada, o segredo não é meu, percebes, Silver, senão, palavra que te contava. Mas digo-te quanto puder dizer, e até um pouco mais, pois até vou ter de ouvir do capitão, se não me engano! E em primeiro lugar, dou-te alguma esperança, Silver, se ambos sairmos vivos desta armadilha, faço os possíveis para te livrar, exceto jurar falso.

O rosto do Silver iluminou-se.

– Não podia dizer mais, tenho a certeza, nem que o senhor fosse a minha mãe – exclamou.

– Bom, isto é a minha primeira concessão – acrescentou o médico. – A segunda é uma recomendação. Mantém o rapaz ao pé de ti, e quando precisares de ajuda, chama. Venho logo sem falta, e basta isso para veres se falo por falar. Adeus, Jim.

E o doutor Livesey apertou-me a mão através das estacas, acenou ao Silver e retirou-se em passo rápido para a floresta.

## CAPÍTULO XXXI

### A caça ao tesouro

– O indicador de Flint

– Jim – disse o Silver, quando ficamos sós –, se te salvei a vida, salvaste tu a minha, disso é que não me esqueço. Dei uma espreitadela e topei o doutor a fazer-te sinal para fugires, que eu bem vi, e vi-te dizer que não, tão claro como se te estivesse a ouvir. Jim, marcaste um ponto. Desde que o ataque falhou é a primeira esperança que tenho na frente, e a ti o devo. E agora, Jim, temos de ir a essa caça ao tesouro, com ordens seladas e tudo, e não me agrada, e tu e eu temos de andar juntos, como de costas com costas, e salvar o pescoço dê lá por onde der.

Nessa altura, gritaram-nos da fogueira que o pequeno-almoço estava pronto, e em breve nos espalhávamos sentados na areia com bolachas e toucinho frito. Tinham feito uma fogueira capaz de assar um boi, ficara tão quente que só lá se podia chegar por barlavento, e mesmo assim com cuidado. Com a mesma atitude de desperdício, tinham feito, creio, três vezes mais do que podíamos comer, e um deles, com um riso cretino, atirou o que restava para o fogo, que de novo cresceu e rugiu com aquele combustível inesperado. Nunca na vida vi gente tão indiferente ao futuro, da mão à boca, é a única expressão capaz de descrever o procedimento deles, e além da comida deitada fora e das sentinelas a dormir, embora não lhes faltasse coragem para se lançarem numa escaramuça e ficarem arrumados, bem lhes podia ver a falta total de preparação para coisas como uma campanha prolongada. Nem o Silver, a comer afastado com o capitão Flint pousado no ombro, tinha uma única palavra de censura por aquela indisciplina. O que me surpreendeu ainda mais, pois julgava que nunca até essa altura se mostrara tão vivaço.

– É, malta – disse ele –, é uma sorte vocês terem o Churrasco a pensar por vós aqui com esta cabeça. Consegui o que queria, consegui. Claro que eles têm o navio, onde o têm, ainda não sei, mas quando apanharmos o tesouro, temos de dar por aí um salto para saber. E então, malta, acho que nós que temos os botes é que vamos ficar por cima.

Continuava na conversa com a boca cheia do toucinho quente, assim lhes ia restituindo a esperança e a confiança, desconfio muito que recuperava a dele ao mesmo tempo.

– Quanto ao refém – continuou –, acho que foi aquela a última conversa que teve com os amigos de quem gosta tanto. Já tenho as minhas novidades, e a ele as devo, mas isso está arrumado. Vou levá-lo a reboque quando formos à caça do tesouro, porque temos de o guardar como se fosse ouro, caso haja algum acidente, tomem nota, e depois, quando tivermos o navio e o bolo, e tudo no mar como bons companheiros, ora então conversamos com o senhor Hawkins e damos-lhe a parte dele, claro, por ter sido tão boa pessoa.

Não era de admirar que estivessem todos bem-dispostos. Pela minha parte, estava horrivelmente abatido. Se o plano que acabara de esboçar fosse praticável, o Silver não hesitaria em adotá-lo. Ainda tinha um pé em cada campo, e não havia dúvida de que preferia ser livre e rico na companhia dos piratas a escapar por um triz de ser enforcado, que era o melhor que podia esperar do nosso lado.

Ná, e até se as coisas corressem de modo a ser obrigado a manter a fé depositada no doutor Livesey, que perigos não teríamos de enfrentar! Que momentos não teríamos de passar quando as suspeitas dos seus cúmplices se tornassem em certezas, e ele fosse obrigado a lutar pela vida junto comigo – ele, um aleijado, e eu, um moço contra cinco marinheiros fortes e mexidos! A acrescentar a esta dupla preocupação havia o mistério que ainda pairava sobre o comportamento dos meus amigos, o abandono da paliçada, que estava por explicar, a inexplicável entrega do mapa ou, ainda mais difícil de compreender, o último aviso do médico ao Silver, toma cuidado com algum grito que oiças quando o achares, e bem podem crer no fraco apetite que eu sentia ao pequeno-almoço, e na inquietação que me ia no peito quando segui os meus captores em busca do tesouro.

Fazíamos uma figura bizarra, se ali estivesse alguém para nos ver, todos em roupas de

bordo imundas, e todos menos eu armados até aos dentes. O Silver levava duas armas a tiracolo, uma à frente e outra atrás, além do sabre à cinta, e de uma pistola em cada bolso do casacão. A completar aquele aspecto estranho, o capitão Flint empoleirado no ombro a papaguear um rosário sem fim de conversa aprendida no mar. Com um cabo enrolado à cintura, obediente, eu seguia o cozinheiro, que segurava a ponta da corda, ora na mão livre, ora nos dentes fortes. Para todos os efeitos, ia a ser conduzido como um urso de feira.

Os restantes homens carregavam coisas diversas, uns levavam picaretas e pás – eram os utensílios mais importantes trazidos em primeiro lugar do *Hispaniola* –, outros carregados com carne, pão e aguardente para o comer do meio-dia. Reparei que todas as provisões eram da nossa reserva, e entendi a sinceridade do que o Silver dissera na noite anterior. Caso não chegasse a acordo com o médico, ele e os amotinados, sem o navio, teriam sido forçados a subsistir de água doce e de caça. A água pouco lhes agradaria ao paladar, marinheiro em terra em geral não é bom atirador e, além de tudo isso, quando tivessem tão poucos comestíveis, não era de esperar que houvesse pólvora aos montes.

Pois assim equipados abalamos todos – até o da cabeça partida, que decerto se devia manter à sombra, e calcorreamos, em fila, até à praia, onde nos esperavam as duas gigas. Até mesmo estas tinham marcas das bebedeiras loucas dos piratas, uma com um banco partido, ambas nojentas e com os fundos cheios de água. Tínhamos de as levar conosco, por questão de segurança; assim, divididos, avançamos pelo leito da baía. Ao prosseguirmos criou-se viva discussão acerca do mapa. A cruz vermelha era, evidentemente, grande demais para servir de guia e os termos das anotações à margem, como se verá, davam lugar a ambiguidade. Diziam, como o leitor se lembrará, o seguinte:

“Árvore alta, quebrada do Óculo, enfiada a um ponto a N. de N. N. E. Ilha do Esqueleto E. S. E. e uma quarta por E. Dez pés.”

A marca principal era, portanto, uma árvore grande. Ora, mesmo à nossa frente, o fundeadouro era rodeado por uma plataforma de setenta a cem metros de alto, que ao norte se juntava ao declive da quebrada sul do Óculo, subindo outra vez para sul até à elevação áspera e escarpada chamada monte da Mezena. O cimo da plataforma estava recoberto de pinheiros de vários tamanhos. Aqui e ali erguiam-se outros de espécie diferente, doze a quinze metros mais altos do que os vizinhos, e qual deles era a tal árvore alta, do capitão Flint só podia ser determinado no próprio local e com ajuda da bússola.

Mas, embora assim fosse, cada um dos que seguiam nos barcos já escolhera para si uma das árvores antes mesmo de chegarmos a meio da travessia, enquanto só o Long John encolhia os ombros e lhes pedia que esperassem até lá chegarem.

Remamos devagar, segundo as ordens do Silver, para não cansar o pessoal antes de tempo e, depois de uma passagem demorada, desembarcamos na foz do segundo rio, o que desce por uma vertente arborizada do Óculo. Daí, volvendo à nossa esquerda, começamos a subir a encosta em direção à plataforma. Na primeira etapa, o avanço foi bastante demorado pelo terreno pesado e alagadiço, assim como pela vegetação emaranhada dos pântanos, mas pouco a pouco o monte começou a ficar mais íngreme e o caminho mais pedregoso, e a vegetação a modificar-se e a tornar-se mais aberta. Aproximávamo-nos, de fato, de uma zona muito agradável da ilha. A erva fora substituída quase toda por uma giesta de perfume forte e por muitos arbustos em flor. Sebes de verdes moscadeiras contrastavam a cada passo com os troncos vermelhos e a sombra larga dos pinheiros, e o perfume das primeiras misturava-se com o aroma destes. Além disso, o ar era fresco e vivo e tudo isso, aos raios claros do sol, trazia um refrigério maravilhoso aos sentidos.

O grupo alargou-se em leque, aos gritos e aos saltos. Mais ou menos a meio, e um bom bocado atrás dos outros, seguíamos o Silver e eu, eu rebocado pelo meu cabo, ele aos arranques, a resfolegar, pelo saibro escorregadio. Por vezes tinha até de lhe deitar a mão, para evitar que

tropeçasse e caísse de costas pelo monte abaixo.

Tínhamos caminhado assim quase um quilometro e acercávamo-nos do bordo da plataforma, quando o homem da ponta esquerda começou em altos gritos, como aterrorizado. Gritava e tornava a gritar, e os outros começaram a correr para ele.

– Não pode ter encontrado o tesouro – disse o velho Morgan, passando-nos a correr pela direita –, que aquilo é sítio aberto.

De fato, como vimos quando acabamos por lá chegar também, tratava-se de algo muito diferente. Ao pé de um pinheiro muito grande, e recoberto com uma trepadeira verde que até chegara a levantar alguns dos ossos mais pequenos, estava um esqueleto humano, com alguns farrapos de roupa, estendido no chão. Creio bem que um calafrio atingiu por momentos todos os corações.

– Era marinheiro – disse o George Merry que, com mais coragem, se aproximara para examinar os farrapos. – Pelo menos, isto é pano da marinha, e de boa qualidade.

– Pois, pois – adiantou o Silver –, deve ser, acho que a gente não espera encontrar aqui um bispo. Mas que maneira é essa de se deitarem os ossos? Não é nada natural.

A um segundo olhar, na verdade, parecia impossível admitir que o corpo estava na sua posição natural. Com exceção de algumas deslocações (talvez obra dos pássaros que dele tinham comido, ou do crescimento vagaroso da trepadeira que lhe fora envolvendo os restos), o homem estava rigorosamente direito, os pés apontados para um lado, as mãos acima da cabeça como as dum mergulhador, viradas a direito na direção oposta.

– Tenho cá uma ideia na velha tola – observou o Silver. – Cá está a bússola, além está a ponta mais alta da Ilha do Esqueleto, espetada como um dente. Ora vamos lá apontar pela linha desses ossos.

Assim se fez. O corpo apontava a direito para a ilha, e a bússola para E. S. E. e uma quarta por E.

– Era o que eu pensava – exclamou o cozinheiro –, ele é um indicador. Aí vai a nossa linha para a Estrela Polar e os ricos dólares. Mas cum raio! Esta piada é mesmo das dele, não haja dúvida. Ele veio cá com aqueles seis, matou-os a todos, e trouxe este para aqui e acertou-o pela bússola, que as achas me rebentem! Esses ossos são compridos, e tinha cabelo amarelo. Pois, deve ser o Allardyce. Lembras-te do Allardyce, Tom Morgan?

– Lembro, lembro – retorquiu o Morgan –, lembro-me dele, devia-me dinheiro e trouxe a minha faca para terra.

– Por falar em facas – adiantou outro –, porque é que não se vê por aqui a dele? O Flint não era homem de roubar os bolsos dos outros, e acho que os pássaros a deixavam ficar.

– Pelo inferno que isso está certo! – exclamou o Silver.

– Por aqui não há nada – disse o Merry, ainda a revistar no meio dos ossos –, nem um tostão de cobre nem uma lata de tabaco. Acho muito esquisito.

– É, que diabo, é – concordou o Silver –, nem é natural, nem boa coisa, tu o dizes. Caramba! Pessoal, que se o Flint fosse vivo estávamos todos a entrar nas quentes. Eram seis, e nós também, e agora são só ossos.

– Eu vi-o morto com estes olhos – disse o Morgan. – O Billy levou-me lá. Lá estava ele, com as moedas em cima dos olhos.

– Morto, pois, claro que está morto e enterrado –, disse o da cabeça ligada –, mas se há algum espírito à solta havia de ser o do Flint. Bom coração, mas fraca morte foi a dele!

– Foi, foi – acrescentou outro –, ora se zangava, ora berrava pelo rum, ora se punha a cantar. Quinze homens era a única cantiga dele, malta, e para ser sincero nunca mais gostei dela desde aí. Estava um calor enorme e a janela aberta, e eu a ouvir a cantiga perfeitamente... e a morte já tinha o homem apanhado.

– Vamos, então – disse o Silver –, acabem lá com isso. Ele morreu, e não pode andar, é o que eu sei, pelo menos de dia não anda, isso vos garanto. Quem não arrisca, não petisca. Vamos lá procurar esses dobrões.

Continuamos, claro, mas apesar do sol quente e da luz intensa, os piratas não voltaram a separar-se e a andar aos gritos pelo bosque, conservando-se lado a lado e falando baixo. O terror do pirata morto esfriara-lhes os ânimos.

## CAPÍTULO XXXII

### A caça ao tesouro

– A voz no meio das árvores

Por um lado devido ao efeito desencorajador daquele susto, e por outro para dar descanso ao Silver e aos doentes, todo o grupo se sentou logo que chegou ao fim da subida. Encontrando-se a plataforma algo inclinada para poente, o ponto onde nos detivemos dominava uma perspectiva aberta para os dois lados. À nossa frente, sobre as copas das árvores, avistamos o cabo da Floresta recortado na ressaca da praia, atrás, víamos não só o ancoradouro e a Ilha do Esqueleto, mas também, nítida para lá da falésia e da planura oriental, uma grande extensão de mar aberto para nascente. Logo acima de nós erguia-se o Óculo, aqui pontilhado de pinheiros isolados, além com a sombra negra dos precipícios. Em toda a volta, só nos chegava o rumor das vagas distantes e o fervilhar de incontáveis insetos no mato. Nem uma pessoa, nem uma vela no mar, a própria amplitude da vista aumentava o sentimento de solidão. O Silver, uma vez sentado, fez algumas observações com a bússola.

– Há três árvores grandes – disse –, mais ou menos enfiadas com a Ilha do Esqueleto. Quebrada do Óculo, penso que quer dizer ali aquela ponta mais baixa. Agora vamos encontrar a coisa a brincar. Já me está a apetecer jantar primeiro.

– Não me sinto nada em forma – resmungou o Morgan. – Pensar no Flint... parece que foi isso... deu cabo de mim.

– Olha, meu filho, podes dar graças por ele estar morto – observou o Silver.

– Era um diabo feio – exclamou outro pirata, estremecendo –, e até tinha aquela cara azul!

– Foi assim desde que o rum lhe pegou – acrescentou o Merry. – Azul! É, parece que era azul. É verdade.

Desde que haviam topado com o esqueleto e encarreirado por estes pensamentos, falavam cada vez mais baixo até estarem quase a segredar, a ponto do som das vozes já não interromper o silêncio do bosque. De chofre, do meio das árvores em frente, uma voz esganiçada, alta e trêmula, soltou a música e os versos tão familiares:

“Quinze homens na arca do morto,  
Aiou-ou-ou e uma garrafa de rum!”

Nunca vi homens tão apavorados. Como por encanto, a cor desapareceu daqueles seis rostos, alguns puseram-se de pé, outros agarraram-se aos vizinhos, o Morgan esticou-se no chão.

– É o Flint, pelo...! – gemeu o Merry.

A cantiga parou tão de repente como começara, dir-se-ia que interrompida a meio duma nota, como se alguém tivesse tapado a boca ao cantor. Vibrando no ar claro e luminoso por entre as copas verdes, parecera-me ligeira e suave, tornando ainda mais estranho o efeito causado nos meus companheiros.

– Vamos – disse o Silver, num esforço para obrigar a boca lívida a articular –, isso não é nada. Tudo a postos para a marcha. O tipo já está bebido, não lhe reconheço a voz, mas é alguém a armar-se em laverca, e é de carne e osso, isso lhes garanto.

Enquanto falava tinha-lhe voltado a coragem, e com ela alguma cor à cara. Já alguns se reconfortavam com aquelas palavras e começavam a recuperar a presença de espírito, quando a mesma voz se fez ouvir de novo, não a cantar desta vez, mas numa chamada débil e distante, que

ecoava ainda mais fraca entre os penhascos do óculo.

– Darby McGraw! – uivava, é o termo que melhor descreve tal som. – Darby McGraw! Darby McGraw! – sempre sem parar; de seguida, um pouco mais forte, e com uma praga que omito: – Vai-me buscar esse rum, Darby!

Os piratas ficaram colados ao chão, os olhos a saltar das órbitas. Boquiabertos, em silêncio e terror, ainda muito depois da voz se ter calado.

– Acabou-se! – soprou um. – Vamos embora.

– Foram as últimas palavras dele – suspirou o Morgan –, as últimas antes de morrer.

O Dick pegara na Bíblia e rezava ao acaso. Verdade era que o Dick tivera uma boa educação antes de ir para o mar e cair entre más companhias.

Contudo, o Silver não se dera por vencido. Pude ouvir-lhe os dentes a bater, mas ainda não se rendera.

– Ninguém nesta ilha ouviu falar do Darby – murmurou –, ninguém a não ser nós que aqui estamos. A seguir, com grande esforço:

– Malta – exclamou –, vim cá para buscar o material, e não é homem nem diabo que me vai vencer. O Flint vivo nunca me meteu medo e, pelo inferno, morto é que não lhe viro as costas. Além, a poucas centenas de metros, há setecentas mil libras. Mas que cavaleiro da fortuna já virou costas a tanta moeda por causa dum marinheiro bêbedo e velho de cara azul, e ainda por cima morto?

Mas os cúmplices já não mostravam sinal da coragem desperta; mais parecia, pelo contrário, que a irreverência daquelas palavras lhes aumentava o terror.

– Deixa-te disso, John! – atalhou o Merry. – Não te atraveses com um espírito.

E os restantes estavam aterrorizados demais para responder. Teriam debandado se se atrevessem, mas era o medo que os mantinha unidos e juntos do John, como se a sua ousadia os ajudasse. Por seu lado, ele conseguira dominar a própria fraqueza.

– Espírito? Ora, talvez seja – declarou. – Mas há uma coisa que me faz confusão. Houve um eco. Ora, nunca se viu um espírito com sombra. Então que anda ele a fazer com o eco atrás, gostava de saber? Não é nada natural, de certeza.

Achei tal argumento realmente fraco. Mas nunca se sabe como é que os supersticiosos se deixam influenciar e, para meu espanto, o George Merry mostrou um grande alívio.

– Pois, lá isso é verdade – afirmou. – Tens a cabeça nos ombros John, não há dúvida. A postos, malta! Estamos com vento de través, acho eu. E pensando melhor, bem me pareceu a voz do Flint, mas no fim de contas não era bem assim como a dele, tal e qual. Era mais parecida com a de outra pessoa agora... era como a...

– Inferno, o Ben Gunn! – rugiu o Silver.

– Pois, é isso – exclamou o Morgan, erguendo-se. – Era a do Ben Gunn, era!

– Mas qual é a grande diferença? – perguntou o Dick. – O Ben Gunn não anda aí em carne e osso, na mesma que o Flint. – Mas os mais velhos troçaram da observação.

– Ora, quem se importa com o Ben Gunn? – replicou o Merry. – Morto ou vivo, ninguém quer saber dele!

Foi extraordinário como os ânimos se recompuseram e como a cor natural lhes voltou à cara. Em breve as conversas se espalharam, com pequenos intervalos à escuta; e pouco depois, não tendo ouvido mais sons, carregaram o material para prosseguir a marcha, com o Merry levando à frente a bússola do Silver a fim de se conservarem na linha da Ilha do Esqueleto. Falara verdade, morto ou vivo, ninguém se importava com o Ben Gunn. Só o Dick se mantinha agarrado à sua Bíblia lançando olhares receosos em redor, mas sem encontrar apoio e com o Silver a fazer troça daquelas precauções.

– Eu bem te disse – dizia –, bem te disse que tinhas estragado a Bíblia. Se nem para um juramento serve, como é que um espírito lhe vai ligar? Nem isto! – e deu um estalo com os dedos, parando um instante encostado à muleta.

Mas o Dick continuava inconsolável; ia verdade, depressa me apercebi que estava a ficar

doente; favorecida pelo calor, pelo cansaço e pelo choque do susto sofrido, a febre anunciada pelo doutor Livesey ia subindo com rapidez.

Ali no alto a marcha era fácil e aberta, o caminho descia um pouco pois, como disse, a plataforma inclinava-se para poente. Os pinheiros, grandes e pequenos, eram esparsos, e até entre os tufos de moscadeiras e azáleas havia espaços abertos à torreira do sol. Ao atravessarmos a ilha por um caminho virado a noroeste íamo-nos aproximando das vertentes do óculo, ao passo que a vista se alargava cada vez mais sobre a baía poente onde antes andara eu aos saltos e a tremer dentro do coracle.

Pelas medidas tiradas, a primeira das árvores altas que alcançamos não era a desejada. O mesmo sucedeu com a segunda. A terceira erguia-se a mais de sessenta metros acima dum tufo de arbustos, um vegetal gigantesco, com um tronco vermelho do tamanho duma casa e com sombra capaz de cobrir uma companhia em movimento. Era bem visível do alto mar, tanto a leste como a oeste, e podia ter sido assinalada no mapa como uma marca para a navegação. Mas não era o tamanho dela que então impressionava os meus companheiros, era saber que setecentos milhares de libras de ouro se encontravam enterrados algures debaixo daquela sombra. Ao aproximarem-se, o pensar no dinheiro absorvia todos os receios anteriores. Os olhos ardiam nos rostos, os passos tornavam-se mais rápidos e leves, todas aquelas almas estavam envoltas naquela fortuna, na vida inteira de extravagância e prazer que se estendia diante de cada um.

O Silver manquejava, a gemer, agarrado à muleta, as narinas erguidas e trêmulas, praguejava como louco quando as moscas lhe pousavam na pele fermente e luzidia, puxava furioso pelo cabo que me prendia a ele e, de vez em quando, mirava-me com olhos ameaçadores. Era certo que não se importava em disfarçar o que lhe ia na cabeça, e também era certo que eu lhe lia todos os pensamentos. À aproximação do ouro, tudo o resto fora esquecido, quer a sua promessa quer o aviso do médico pertenciam ao passado, e não me restavam dúvidas de que pretendia apoderar-se do tesouro, encontrar e embarcar no *Hispaniola* a coberto da noite, cortar todos os pescoços de gente séria que restassem na ilha e fazer-se ao mar, conforme fora a sua primeira intenção, cheio de crimes e de haveres.

Sacudido como estava com todos aqueles abalos, era-me custoso acompanhar o passo dos caçadores do tesouro. Por vezes tropeçava, e era nessas alturas que o Silver dava ao cabo fortes puxões e me lançava aqueles olhares assassinos. O Dick, que tinha ficado para trás, era então o último do grupo e balbuciava para si próprio rezas misturadas com imprecações, ao passo que a febre lhe ia subindo. Também aquilo aumentava a minha inquietação e, para cúmulo, obcecava-me a lembrança da tragédia que em tempos se desenrolara naquela plataforma quando o pirata diabólico da cara azul – que morrera em Savannah a cantar e a gritar que lhe dessem de beber – ali tinha por suas próprias mãos liquidado os seis cúmplices. Aquele bosque, agora tão sereno, devia então ter-se enchido de gritos, pensei, e só de pensar nisso me parecia estar ainda a ouvi-los.

Tínhamos chegado à orla do bosque.

– Eia, malta, todos juntos! – gritou o Merry, e os da frente arrancaram em corrida. E de repente, mal passados dez metros, vimo-los estacar. Entoaram um queixume em voz baixa. O Silver redobrou o passo, a muleta a ferir o chão como um possesso, e logo a seguir também nós estacamos.

À nossa frente estava uma grande cova, já antiga, com os lados esboroados e a erva a crescer no fundo. Lá dentro havia o cabo duma picareta partido em dois e as tábuas espalhadas de várias caixas. Numa das tábuas vi, gravado a fogo, o nome *Walrus* – o nome do navio do Flint.

Estava tudo bem comprovado. O esconderijo fora descoberto e saqueado – as setecentas mil libras haviam desaparecido!

## CAPÍTULO XXXIII

### A queda de um cacique

Nunca neste mundo se viu uma reviravolta tão grande. Os seis pareciam como se atingidos por um raio. Mas quanto ao Silver, o choque desapareceu quase imediatamente. Como um corredor, tinha depositado todo o pensamento naquele dinheiro, mas recompôs-se, intacto, num só segundo, conservou a cabeça, aguentou o ânimo e mudou de plano antes dos outros terem tempo de se aperceberem do desapontamento.

– Jim – segredou –, segura aí, e dá atenção que vai haver barulho.

E passou-me uma pistola de dois canos. Ao mesmo tempo deslocou-se em silêncio para o lado norte, de modo que em poucos passos nos colocou em frente aos outros cinco com a cova no meio. Depois olhou-me e acenou com a cabeça, como se dissesse: “Estamos encurralados”, como achei que de fato estávamos. Tornava agora aos modos amigáveis, e tão revoltado fiquei com aquelas mudanças constantes que não pude deixar de segredar:

– Então já mudaste outra vez; já?

Não teve tempo de me responder. Os piratas, com pragas e berros, começaram a saltar um após outro para dentro da cova, e a cavar com os dedos, enquanto arredavam as tábuas. O Morgan encontrou uma moeda de ouro. Exibiu-a com uma torrente de imprecações. Era uma moeda de dois guinéus, que correu durante alguns segundos de mão em mão.

– Dois guinéus! – rugiu o Merry, agitando-a virado para o Silver. – São as tuas setecentas mil libras, não são? Tu é que sabes de negócios, não é? És tu que nunca te enganas, seu parolo, cabeça de martelo!

– Cavem, rapazes – retorquiu o Silver, com a mais fria das insolências –, não me admiro que encontrem por aí umas bolotas.

– Bolotas! – ecoou o Merry, num berro. – Malta, vocês ouvem? Ele já sabia, é o que lhes digo. Olhem se não está escrito na cara dele.

– Ah, Merry – notou o Silver –, já queres ser outra vez capitão? Lá teimar teimas tu, moço.

Mas daquela vez estavam todos a favor do Merry. Começaram a trepar para fora da cova, deitando olhares furibundos para trás. Uma coisa notei que nos dava alguma vantagem, era que saíam todos pelo lado oposto. Bem, ali ficamos, dois dum lado, cinco do outro, a cova no meio, e ninguém se afoitava a dar o primeiro golpe. O Silver nunca se mexeu, observava-os, muito direito na muleta, parecendo-me mais calmo que nunca. Bravo era ele, sem dúvida. Por fim, o Merry achou que um discurso talvez ajudasse.

– Malta – disse –, estão além os dois sozinhos, um é o aleijado velho que nos trouxe aqui e nos aldrabou até agora, o outro é aquela cria dum bicho a que vou tirar o coração. Agora, malta...

Estava a levantar o braço e a voz, sem dúvida para arrancar com uma carga. Mas nesse instante – crac! crac! crac! – três tiros de mosquete partiram das sebes. O Merry tombou de cabeça para dentro da cova, o homem da cabeça ligada girou como um rapa e estendeu-se ao comprido, morto, mas ainda a torcer-se, e os outros três viraram-se para fugir a toda a pressa.

Num piscar de olhos, o Long John disparara os dois canos da pistola sobre o Merry, que se debatia na cova, e como este ao morrer ainda revirava um último olhar para ele, terminou:

– George, acho que te arrumei de vez.

Na mesma altura o médico, o Gray e o Ben Gunn, com os mosquetes fumegantes, saíram de entre as moscadeiras para se nos juntarem.

– Em frente! – gritou o médico. – Mais depressa, rapazes. Temos de lhes cortar o caminho dos barcos.

E partimos em corrida, rompendo por vezes os arbustos que nos davam pelo peito.

Sou eu que conto, mas é verdade que o Silver fazia tudo por nos acompanhar. O esforço dele, a saltar na muleta até os músculos do peito lhe ficarem a rebentar, era tal que nunca um

homem com saúde pudera igualar, e o doutor pensa do mesmo modo. Mesmo assim, já ia trinta metros atrás e prestes a abafar quando chegamos à dobra da encosta.

– Doutor – chamou –, olhe além! Não há pressa!

Na verdade não havia pressa. Numa zona mais aberta do planalto podíamos ver os três sobreviventes ainda a fugir na mesma direção donde tinham partido, direitos ao Monte da Mezena. Já nos encontrávamos entre eles e os botes, por conseguinte sentamo-nos os quatro para ganhar fôlego enquanto o Long John, a limpar a cara, se nos juntava mais devagar.

– Muito agradecido, doutor – disse. – Chegaram mesmo à risca, creio, para mim e para o Hawkins. E afinal sempre és tu, Ben Gunn! – acrescentou. – E olha que és dos bons, não há dúvida.

– Sou o Ben Gunn, sou – retorquiu o abandonado, torcendo-se de embaraço como uma enguia. – E – continuou, depois de longa pausa –, como passas tu, senhor Silver? Muito bem, obrigado, dizes tu.

– Ben, Ben – murmurou o Silver –, pensar que me trocaste as voltas.

O médico mandou o Gray ir atrás buscar uma das picaretas, deixada na fuga pelos amotinados, e ao prosseguirmos a descida sem pressas até onde estavam os barcos, contou, em poucas palavras, o que sucedera. Era uma história que interessava profundamente o Silver, e da qual o Ben Gunn, o desterrado meio idiota, era o herói do princípio ao fim.

O Ben, no longo vaguear solitário por toda a ilha, encontrara o esqueleto. Fora ele que o saqueara, encontrara o tesouro, desenterrara-o (era dele o cabo da picareta que ficara partido na cova), carregara-o às costas, durante muitos dias estafantes, do pinheiro alto até a uma caverna que ocupara no monte dos dois picos na ponta nordeste da ilha, onde tinha ficado escondido em segurança dois meses antes da chegada do *Hispaniola*.

Quando o médico lhe sacara este segredo, na tarde do ataque, e vira o ancoradouro vazio na manhã seguinte, dirigira-se ao Silver, dera-lhe o mapa, que já não servia para nada, dera-lhe as provisões, pois a caverna do Ben Gunn estava bem fornecida de carne de cabra que ele mesmo salgara, dera-lhe tudo e o que quer que fosse para ter a oportunidade de se mudar em segurança da paliçada para o monte dos dois picos, de modo a ali ficar livre da malária e conservar o dinheiro guardado.

– Quanto a ti, Jim – disse –, era contra os meus sentimentos, mas fiz o que me pareceu melhor por aqueles que tinham cumprido o seu dever, e se tu não eras um deles, de quem era a culpa?

Nessa mesma manhã, vendo que eu ia tomar parte no desapontamento tremendo que ele preparara para os piratas, corra por ali acima até à gruta e, deixando o morgado de guarda ao capitão, trouxera o Gray e o abandonado com a intenção de cortar em diagonal pela ilha de modo a ficar a postos ao lado do pinheiro. No entanto, em pouco tempo compreendera que o nosso grupo já levava um grande avanço, e o Ben Gunn, que tinha o pé ligeiro, fora despachado à frente para fazer sozinho o melhor que pudesse.

Este tivera então a lembrança de lidar com as superstições dos antigos camaradas, e tão bem se saíra daquela que o Gray e o médico haviam chegado e já estavam emboscados antes da chegada dos caçadores do tesouro.

– Ah – desabafou o Silver –, sorte tive eu em ter aqui o Hawkins comigo. O senhor doutor havia de deixar o velho John ser cortado aos bocados e nem pensava mais nisso.

– Não pensava, não – replicou o médico, todo bem-disposto.

Entretanto, chegáramos aos escaleres. O médico, com a picareta, desfez um deles, e a seguir embarcamos todos no outro para irmos pelo mar até à Angra Norte.

Era uma regata de oito a nove milhas. O Silver, embora quase morto de cansaço, foi colocado ao remo como os restantes, e em breve deslizávamos com rapidez num mar calmo. Não tardamos muito a passar ao largo dos estreitos e a dobrar a ponta sudeste da ilha, por onde tínhamos rebocado o *Hispaniola*, havia quatro dias.

Ao passar pelo monte dos dois picos pudemos avistar a entrada escura da caverna do Ben

Gunn, assim como um vulto que ao lado dela se apoiava num mosquete. Era o morgado, e acenamos com um lenço dando-lhe três vivas, aos quais a voz do Silver se juntou com tanto entusiasmo como as outras.

Três milhas adiante, logo ao entrar na foz da Angra Norte, que havia de nos aparecer senão o *Hispaniola*, a navegar à deriva. A última maré tinha levantado o navio, e se o vento fosse muito, ou a corrente da maré tão forte como no ancoradouro do sul, podíamos não mais o ter encontrado, ou encontrá-lo encalhado sem remédio. Entretanto, as avarias não eram grandes, salvo a perda da vela grande. Aprontamos outra âncora, que foi lançada em braça e meia de água. Voltamos a remar para a enseada do Rum, ponto mais próximo da casa-forte do Ben Gunn, depois o Gray, sozinho, voltou de bote ao *Hispaniola*, para lá passar a noite de guarda.

Uma rampa suave subia da costa até à entrada da caverna. Lá em cima fomos recebidos pelo morgado. Mostrou-se cordial e bondoso comigo, nada dizendo da minha fuga, quer em tom de censura quer de elogio. Mas corou à continência rasgada do Silver.

– John Silver – pronunciou –, és um tratante espantoso e impostor, um impostor monstruoso. Disseram-me para não te incomodar. Pronto, então não te incomodo. Mas os teus mortos, homem, que os tragas ao pescoço como mós de moinho.

– Muito agradecido, senhor – retorquiu o Long John, com outra continência.

– Como te atreves a agradecer-me! – bradou o morgado. – Já falei de mais ao meu dever. Afasta-te!

Entramos todos na gruta. Era grande e arejada, com uma pequena nascente e uma poça de água límpida encimada de fetos. O chão era de areia. O capitão Smollett estava estendido em frente a uma grande fogueira, e a um canto distante, onde mal chegava o tremeluzir da chama, contemplei grandes montes de moedas e pilhas construídas de barras de ouro. Era o tesouro do Flint que tão longe viéramos procurar, e que já custara a vida a dezessete tripulantes do *Hispaniola*. E quantas não teria custado no conjunto, quanto sangue e tristezas, quantos navios metidos a pique, homens valentes postos na prancha de olhos vendados, tiros de canhão, vergonhas, mentiras e crueldades, tantas que talvez não haja homem vivo capaz de contar. Aliás ainda restavam três naquela ilha – o Silver, o velho Morgan e o Ben Gunn –, dos que haviam participado naqueles crimes, cada um esperando em vão ter a sua parte na recompensa.

– Entra, Jim – disse o capitão. – No teu gênero és bom moço, Jim, mas acho que tu e eu não tornamos a embarcar juntos. Para mim, o que tu tens a mais é vocação para arranjar padrinhos. És tu, John Silver? Que te traz por cá, homem?

– Voltei para fazer o meu dever, senhor – respondeu o Silver.

– Ah! – terminou o capitão, e não acrescentou mais nada.

Que ceia saboreei nessa noite, rodeado de todos os amigos, e que banquete foi, com a cabra salgada do Ben Gunn, alguns petiscos e uma garrafa de vinho velho trazida do *Hispaniola*. Tenho a certeza de que nunca se viu gente mais alegre e feliz. E lá estava o Silver, encostado quase fora da luz da fogueira mas comendo com apetite, pronto a inclinar-se para servir sempre que fosse preciso, e até participando discretamente nos nossos risos – o mesmo marinheiro brando, educado e servil de toda a viagem.

## CAPÍTULO XXXIV

### Por último

Começamos a trabalhar de manhã cedo, pois o transporte daquele grande peso de ouro por quase dois quilômetros até à praia, e daí mais três milhas a remo até ao *Hispaniola*, era tarefa de respeito para um número tão reduzido de trabalhadores.

Os três homens ainda à solta na ilha não nos preocupavam grande coisa, bastava uma sentinela no cimo da encosta para nos prevenir contra qualquer ataque súbito e pensávamos, além disso, que já deviam estar fartos de combater.

Por conseguinte, o trabalho foi levado a cabo com rapidez. O Gray e o Ben Gunn

vinham e voltavam no bote, enquanto na ausência deles os outros empilhavam na praia o tesouro. Duas das barras, suspensas na ponta dum cabo, eram boa carga para um adulto, carga que obrigava a andar devagar. Pela minha parte, como os meus préstimos a fazer carretos de pouco valiam, fui colocado todo o dia na gruta a encher de moedas os sacos de pão. Era uma coleção extraordinária, como o pé-de-meia do Billy Bones, pela variedade das moedas, mas tão grande em quantidade e em diversidade que creio bem nunca ter sentido maior satisfação do que a que tive em separá-las. Inglesas, francesas, espanholas, portuguesas, georgianas e luíças, dobrões, guinéus, dobres, moidores e cequins, as figuras de todos os reis da Europa dos últimos cem anos, moedas estranhas do Oriente cunhadas com marcas que lembravam fios de cordel ou bocados de teias de aranha, peças redondas e quadradas, peças furadas no meio como se fossem para usar ao pescoço, creio que talvez exemplares de todo o dinheiro do mundo se encontravam na coleção e, quanto à quantidade, deviam ser tantas como as folhas do Outono, tantas que me doíam as costas de ficar curvado, e os dedos de as separar.

O trabalho arrastou-se de dia para dia, ao cair da tarde tinha sido estivada uma fortuna a bordo, mas havia outra fortuna deixada para o dia seguinte, e entretanto nada sabíamos dos três piratas sobreviventes.

Por fim – creio que foi na terceira noite –, o médico e eu passeávamos na quebrada do monte de onde se avistam as terras baixas da ilha, quando lá debaixo do escuro o vento nos trouxe um ruído parecido com gritos ou com vozes a cantar. Aos ouvidos chegou-nos só um eco breve, seguido do anterior silêncio.

– Deus lhes perdoe – disse o médico –, são os amotinados!

– Todos bêbedos, senhor – interrompeu a voz do Silver atrás de nós.

Devo dizer que ao Silver era permitida toda a liberdade e, apesar de votado ao desprezo todos os dias, parecia mais uma vez considerar-se a si próprio como um servidor privilegiado e amigável. Era de fato notável o modo como ele aguentava as humilhações e como continuava, com delicadeza incansável, a tentar ganhar as boas graças de todos. Creio, no entanto, que ninguém o tratava melhor do que a um cão, a não ser talvez o Ben Gunn, que ainda conservava um medo tremendo do seu antigo contramestre, ou eu, que tinha realmente algo a agradecer-lhe, mas acho que na verdade era eu quem tinha dele mais razão de queixa do que os outros, por o ter visto a tramar nova traição no planalto.

Assim, foi com maus modos que o médico lhe respondeu:

– Bêbedos, ou a delirar?

– Tem razão, senhor – retorquiu o Silver –, e pouca diferença faz, para o senhor doutor ou para mim.

– Acho que não debes esperar que eu te trate como um ser humano – tornou o médico, com desprezo –, por isso podes estranhar os meus sentimentos, mestre Silver. Mas se tivesse a certeza que estavam a delirar, aliás tenho a certeza moral que pelo menos um está com as febres, saía daqui e arriscava a minha carcaça desse lá por onde desse para lhes dar assistência médica.

– Perdoe-me, senhor doutor, mas fazia muito mal – atalhou o Silver. – Ia perder a vida que tanto vale, garanto-lhe. Agora estou do vosso lado, como uma luva, e não gostava nada de ver o grupo mais fraco, muito menos com o senhor, que bem sei quanto lhe devo. Mas aqueles lá em baixo não são capazes de cumprir a palavra... não, até mesmo se quisessem... e além do mais, não iam acreditar que o senhor a cumpria.

– Pois não – concordou o médico. – Tu é que és aqui o homem de palavra, já sabemos disso.

Bem, foi praticamente a última vez que tivemos notícia dos três piratas. Só de outra ouvimos um tiro muito ao longe, pensando que andariam à caça. Fizemos uma reunião e ficou decidido que tínhamos de os abandonar na ilha – devo dizer, com imenso contentamento do Ben Gunn, e com o apoio caloroso do Gray.

Deixamos boa provisão de pólvora e chumbo, quase toda a cabra salgada, alguns remédios e várias outras utilidades, ferramentas, roupas, uma vela sobressalente, uma ou duas

braças de cabo e, por desejo expresso do médico, um brinde generoso de tabaco. Foram as últimas atividades que tivemos na ilha. Já havíamos embarcado o tesouro juntamente com água suficiente e o resto da carne salgada, para atender a qualquer problema, e por fim, numa bela manhã, levantamos ferro, que era quase tudo o que nos restava fazer, e saímos da Angra Norte, desfraldada a mesma bandeira que o capitão içara e sob a qual lutara na paliçada.

Os três homens deviam ter-nos vigiado mais de perto do que pensáramos, como em breve se provou. Como ao passar os estreitos tínhamos de seguir até muito próximo da ponta sul, lá os fomos encontrar ajoelhados juntos numa ponta de areia, com os braços erguidos em súplica. Penso que nos comoveu a todos ter de os deixar naquele estado lastimoso, mas não podíamos correr o risco de nova revolta, e levá-los de regresso para os entregar ao garrote seria uma espécie de bondade bem cruel. O médico gritou-lhes para dizer que deixáramos os mantimentos, e onde se encontravam, mas continuaram a chamar-nos pelos nomes e a suplicar que nos apiedássemos pelo amor de Deus e não os deixássemos morrer em tal lugar.

Enfim, ao ver o navio prosseguir o curso e afastar-se com rapidez do alcance das vozes, um deles – não sei qual – pôs-se em pé gritando, levou o mosquete ao ombro e disparou um tiro que veio assobiar rente à cabeça do Silver e furou a vela grande. Depois disso abrigamo-nos nas amuras e, quando voltei a olhar, tinham já desaparecido da ponta e a própria areia já mal se via, cada vez mais longe. Era o fim, pelo menos daquele episódio, e antes de chegar o meio-dia, para meu contentamento indizível, o penhasco mais alto da Ilha do Tesouro havia mergulhado na esfera azul do oceano.

Éramos tão poucos que todos tínhamos de acorrer ao trabalho de bordo – só o comandante dava as ordens estendido num colchão à ré, pois embora já muito recomposto ainda precisava de repouso.

Foi fixada a rota para o mais próximo porto da América Espanhola, pois não podíamos arriscar a viagem de regresso sem novos tripulantes, e naquela situação, ainda por cima com alguns ventos contrários e dois temporais fortes, estávamos completamente esgotados antes de voltarmos a ver terra.

Era sol-posto quando lançamos ferro numa lindíssima baía bem abrigada, onde fomos logo cercados por canoas cheias de pretos, índios mexicanos e crioulos a vender frutas e legumes e a oferecerem-se para mergulhar a troco de algumas moedas. O espetáculo de tantas caras bem-dispostas (em especial as dos pretos), o sabor da fruta tropical e, acima de tudo, as luzes que começavam a brilhar na cidade, faziam um contraste estupendo com a nossa estadia obscura e sangrenta na ilha, e o médico e o morgado levaram-me com eles a terra para passar o princípio da noite. Ali encontraram o comandante dum navio de guerra inglês, travaram conhecimento com ele, fomos a bordo do seu navio e, em resumo, passamos tão bem o tempo que clareava o dia quando atracamos ao *Hispaniola*.

O Ben Gunn estava sozinho no tombadilho e logo que embarcamos começou, cheio de contorções dignas de se ver, a fazer-nos uma confissão. O Silver fora-se embora. O desterrado fora cúmplice da fuga num barco de terra havia algumas horas, e queria agora garantir-nos que o fizera só para nos proteger, pois era mais que certo termos as vidas em perigo se aquele homem duma perna só tivesse ficado a bordo. Mas não era tudo. O cozinheiro não partira de mãos vazias. Tinha-se esgueirado sem ser visto por uma escotilha do porão para se apossar de um dos sacos de moedas, valendo talvez uns trezentos a quatrocentos guinéus, como ajuda para continuar a vida errante.

Penso que todos ficamos satisfeitos por nos livrarmos dele por preço tão baixo.

Bom, para encurtar uma história já longa, arranjamos alguns tripulantes, fizemos uma excelente viagem de regresso e o *Hispaniola* aproou a Bristol no momento em que o senhor Blandy começara a pensar em aparelhar o barco de socorro. Só cinco dos homens que haviam embarcado estavam de volta. Os outros levou-os o vinho e o diabo como por vingança, embora, por certo, o nosso caso não fosse tão grave como o daquele outro navio cuja cantiga dizia:

“No mar só um escapou com vida,  
Dos setenta e cinco da partida.”

Todos tivemos uma boa parte do tesouro, para dela fazer uso prudente ou impensado, conforme a natureza de cada um. O capitão Smollet está agora reformado. O Gray não só poupou o dinheiro mas também, num desejo repentino de progredir, estudou o seu ofício e é hoje imediato e sócio de um belo navio de quatro mastros. Além disso está casado e é pai de família. Quanto ao Ben Gunn levou mil libras, que gastou ou perdeu em três semanas ou, para ser mais preciso, em dezenove dias, pois no vigésimo já andava outra vez a pedir esmola. Depois arranjaram-lhe um lugar de porteiro, tal como havia receado enquanto estava na ilha, e ainda vive, em grande simpatia, ainda que por vezes tratado como bobo pelos rapazes do campo, e faz-se valer como cantor de igreja aos domingos e dias santos.

Do Silver não tivemos mais notícias. Esse fabuloso homem do mar de uma só perna finalmente desapareceu de vez da minha vida, mas até acredito que tenha voltado para junto da sua velha negra, em cuja companhia talvez ainda viva em conforto, com ela e com o Capitão Flint. É o menos que se pode desejar, assim creio, pois tem fracas possibilidades de encontrar conforto no outro mundo.

A prata em barra e as armas ainda estão, tanto quanto sei, onde o Flint as enterrou, e por mim certamente que lá podem ficar para sempre. Nunca seria capaz de voltar àquela ilha maldita, nem que fosse amarrado e arrastado, e os piores pesadelos que tenho são quando oiço o trovejar da ressaca naquela costa ou me sento na cama em sobressalto, com a voz aguda do Capitão Flint ainda a retinir-me nos ouvidos:

“Peças de oito! Peças de oito!”

FIM

Esta obra é distribuída **Gratuitamente** pela Equipe Digital Source e Viciados em Livros para proporcionar o benefício de sua leitura àqueles que não podem comprá-la ou àqueles que necessitam de meios eletrônicos para ler. Dessa forma, a venda deste e-book ou até mesmo a sua troca por qualquer contraprestação é totalmente condenável em qualquer circunstância. A generosidade e a humildade é a marca da distribuição, portanto distribua este livro livremente.

Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e a publicação de novas obras.

Se quiser outros títulos nos procure :

[http://groups.google.com/group/Viciados\\_em\\_Livros](http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros), será um prazer recebê-lo em nosso grupo.



[http://groups.google.com/group/Viciados\\_em\\_Livros](http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros)

<http://groups.google.com/group/digitalsource>